Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Instituto de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em História da Literatura

ELIZABETH SUARIQUE GUTIÉRREZ

América Latina: Palavra, literatura e cultura (ALPLC), de Ana Pizarro, e a renovação do discurso historiográfico latino-americano

Rio Grande
2015

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Instituto de Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado em História da Literatura

ELIZABETH SUARIQUE GUTIÉRREZ

América Latina: Palavra, literatura e cultura (ALPLC), de Ana Pizarro, e a renovação do discurso historiográfico latino-americano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial e último para obtenção do grau de Mestre em Letras Área de Concentração: História da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Baumgarten

Data da defesa: 24 de abril de 2015

Instituição depositária:
SIB – Sistema de bibliotecas
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Rio Grande, abril de 2015

ELIZABETH SUARIQUE GUTIÉRREZ

América Latina: Palavra, Literatura e Cultura (ALPLC),
de Ana Pizarro, e a renovação do discurso historiográfico latino-americano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Literatura - PPGL da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História da Literatura, aprovada pela comissão de avaliação abaixo assinada:

_____

Dr. Prof. Carlos Alexandre Baumgarten
(Orientador - FURG)

_____

Dra. Profa. Maria Eunice Moreira (PUCRS)

_____

Dr. Prof. Mauro Nicola Póvoas (FURG)

Rio Grande, 24 de Abril de 2015

Dedicada a los 43 estudiantes normalistas mexicanos detenidos, quemados y luego arrojados al rio, América Latina no es Realismo Mágico…

Dedicada a mi abuela analfabeta de palabras sabias.

AGRADECIMENTOS

À Organização dos Estados Americanos OEA-Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) e a CAPES, pela seleção e a concessão da bolsa de estudos no *Programa de Alianzas Estratégicas para la Educación y la Capacitación (PAEC*).

À Universidade Federal do Rio Grande – FURG e à PROPESP, pela assistência econômica, legal e acadêmica dispensada ao longo dos 24 meses de Mestrado.

Aos professores do Instituto de Letras e Artes (ILA), que participaram ativamente na minha formação de Mestrado, atendendo às minhas perguntas e curiosidade constante sobre os temas da história, da cultura e da literatura brasileira.

À *Pontifícia Universidad Javeriana de Colombia* e a seus professores que contribuíram na minha formação de leitora crítica; aprendi com eles a dedicação constante pelo conhecimento da literatura como um fenômeno social. Seu exemplo perfilou minha consciência como colombiana e cidadã latino-americana.

Aos meus colegas latino-americanos, pelo convívio com a diversidade cultural que enriqueceu muito minha pesquisa. A oportunidade de nos encontrarmos no Brasil para nos conhecermos e dialogarmos, me faz acreditar ainda mais no projeto da região latino-americana.

Aos meus colegas brasileiros, que foram muito hospitaleiros, compreensivos nas minhas falhas idiomáticas e estiveram sempre me auxiliando na revisão de textos e na sugestão de referências.

À minha família e aos meus amigos colombianos, que acreditaram em mim e aceitaram minha ausência de dois anos para aperfeiçoar minha formação humana e acadêmica.

Ao Brasil, a todas e todos, muito obrigada!

Y ahora, oh amigos,
oíd el sueño de una palabra:
Cada primavera nos hace vivir,
la dorada mazorca nos refrigera,
la mazorca rojiza se nos torna un collar.
¡Sabemos que son verdaderos
los corazones de nuestros amigos!

Tecayehuatzin

En efecto, estamos en presencia de los otros. Somos literaturas de un continente que ahora está desarrollando un deseo no literario: un deseo político o ideológico de unidad. Y para completar esto está la perspectiva literaria, ante lo cual mi posición es básicamente política, esto puedo decirlo con toda sinceridad […] Es por eso que afirmo que mi proyecto, mi premisa es básicamente política. Yo estoy aquí no tanto como crítico literario o como profesor de literatura: yo estoy aquí, ante todo, como político latinoamericano, no como partidario de un partido, sino como un latinoamericano político.

Antonio Candido

RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação é a publicação de antecedentes, organização e edição de *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura* (*ALPLC*). O projeto é um exemplo da renovação do discurso historiográfico latino-americano, já que ajuda a compreender a importância da escrita de novas histórias da literatura em territórios que são assinalados como espaços em conflito epistêmico, ou seja, aqueles territórios que neste momento querem se localizar com maior autonomia em relação às linhas de pensamento ocidental. A estrutura de *ALPLC* é composta por um conjunto de artigos que propõe séries problemáticas, de diferentes autores; desse modo, sua organização é de caráter coletivo, na intenção de que fossem os próprios pesquisadores que pudessem ilustrar os diversos processos a partir de seu ponto de vista e conforme a elaboração de conceitos locais. Por isso, a obra não tem uma única definição de literatura, de avaliação estética e de periodização. Para o desenvolvimento da presente dissertação se fez uma leitura critica, tendo como ponto de partida o debate das problemáticas sugeridas pelos críticos latino-americanos que se reuniram para abordar o projeto historiográfico para América Latina. Assim, escolheram-se três assuntos que aparecem constantemente: a inserção das literaturas do Caribe, as literaturas indígenas e a diferença entre o sistema culto e o sistema popular. Doravante, estas três séries se vinculavam a três conceitos-chave: a área cultural para o Caribe, a história como longa duração para as literaturas indígenas e o *corpus* e o cânone para a dupla culto-popular. Ao final do desenvolvimento desta analise critico-literária propõe-se, nas considerações finais um caminho possível para pensar a literatura da região em estudo como um polissistema literário latino-americano.

Palavras-chave: História da Literatura da América Latina,

RESUMEN

El objeto de estudio de esta disertación es la publicación de los antecedentes, organización y edición de *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura (ALPLC).* Este proyecto es un ejemplo de la renovación del discurso historiográfico latinoamericano, ya que ayuda a comprender la importancia de la escritura de nuevas historias de la literatura en territorios que en este momento se quieren posicionar con mayor autonomía en relación a las líneas de pensamiento occidental. La estructura de *ALPLC* es compuesta por un conjunto de artículos que proponen series problemáticas, de diferentes autores, de esta forma, su organización es de carácter colectivo, con la intención que fueran los propios investigadores que ilustraran los diversos procesos a partir de su punto de vista y de acuerdo a la elaboración de conceptos locales, por eso, no tiene una definición única de literatura, evaluación estética y de periodización. Para el desarrollo de la presente disertación se hizo una lectura crítica teniendo como punto de partida el debate de las problemáticas sugeridas por los críticos latinoamericanos que se reunieron para abordar el proyecto historiográfico para Latinoamérica. Así, se escogieron tres asuntos que aparecían constantemente: la inserción de las literaturas del Caribe, las literaturas indígenas y la diferencia entre el sistema culto y el sistema popular. De ahora en adelante estas series se vincularán a tres conceptos claves: el área cultural para el Caribe, la historia como proceso de larga duración para las literaturas indígenas y la relación *corpus/*canon para el conjunto culto-popular. Al final del desarrollo de este análisis crítico literario, se propone en las consideraciones finales un camino posible para pensar la literatura de la región en estudio como un polisistema literario latinoamericano.

Palabras clave: Historia de la literatura, Literatura Latinoamericana, Ana Pizarro.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 10

1 CONCEITOS NORTEADORES 16
1.1 Antecedentes 19
1.2 Heterogeneidade, transculturação e sistema literário 20
1.2.1 Língua 25
1.2.2 A estrutura literária 26
1.2.3 A cosmovisão 27
1.3 Questões problemáticas 29
1.3.1 Delimitação da área 32
1.3.2 O método do comparatismo pelo contraste 34
1.3.3 Totalidade contraditória 35
1.3.4 Interdisciplinaridade nos estudos literários 36
1.3.5 A periodização 37
1.3.6 A função da literatura 37

2 A ÁREA CULTURAL NA INTEGRAÇÃO DO CARIBE 39
2.1 Descrição dos artigos 42
2.2. Problemáticas 53

3 O CONCEITO DE LONGA DURAÇÃO NAS LITERATURAS INDÍGENAS 57
3.1 Descrição dos artigos 61
3.2 Problemáticas 69
3.3 As literaturas indígenas e o conceito de longa duração 74

4 CÂNONE E *CORPUS* NOS SISTEMAS LITERÁRIOS CULTO E POPULAR 80
4.1 Descrição dos artigos 89
4.2 Problemáticas 104

CONSIDERAÇÕES FINAIS 107

REFERÊNCIAS 127

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objeto de estudo desta dissertação é a publicação de antecedentes, organização e edição de *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura (ALPLC),* publicação em três volumes, editada entre 1993 e 1995, organizada pela pesquisadora chilena Ana Pizarro. No começo este foi um projeto para a escrita de uma história da literatura auspiciado pela Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC), com sede na Europa; posteriormente, o projeto foi retirado, mas continuou adiante com o patrocínio da UNESCO[1], o apoio da Universidade Simón Bolívar de Venezuela, a Universidade de Campinas e o Colégio de México. Realizaram-se dois encontros preliminares, o primeiro em Caracas, em novembro de 1982, e o segundo feito em Campinas, em outubro de 1983. Os debates foram iniciados por uma equipe de pelo menos 17 pesquisadores latino-americanos e críticos literários. Após isso, uma comissão integrada pela chilena Ana Pizarro, o uruguaio Ángel Rama[2] e o professor brasileiro Antonio Candido encarregou-se dos detalhes da organização da *ALPLC*. As circunstâncias que envolveram a formulação de sua concepção até a sua publicação ocupam um período de pelo menos onze anos.

Os encontros para o debate dos conceitos preliminares para a elaboração da *ALPLC* originaram a publicação das memórias *Hacia una historia de la literatura latinoamericana* (1987) y *La literatura latinoamericana como proceso* (1985). Os conceitos de transculturação, heterogeneidade, sistema literário, região cultural, método de comparativismo pelo contraste e totalidade contraditória norteiam a

[1] O papel da UNESCO como promotora do conhecimento universal das culturas através da regionalização cultural teve sua primeira experiência no projeto "América Latina na sua cultura", desenvolvido de modo coletivo por escritores, críticos e pesquisadores de diferentes áreas. O primeiro encontro se efetuou na cidade de Lima em 1967, presidido pelo escritor José Maria Arguedas; ali se abordou o tema da América Latina na sua unidade e na sua expressão. Embora não seja um projeto historiográfico, o volume A*mérica latina en su literatura* (1972) foi um antecedente para acreditar no trabalho coletivo e interdisciplinar da região. Alguns dos autores que participaram desta publicação o fizeram também em *ALPLC.* A publicação *América Latina en su literatura* contou com a participação de escritores e artistas. Em contraste, o projeto de *ALPLC* foi desenvolvido principalmente no âmbito acadêmico, o que poderia indicar a relevância deste como uma tentativa cientifica dentro do desenvolvimento das ciências sociais. Esta interdisciplinaridade significou-lhe um prejulgamento precipitado como história da cultura, embora a matéria de seus artigos seja o fenômeno literário e da escrita.

[2] Ángel Rama participou ativamente do projeto até sua morte inesperada em novembro de 1983.

organização da *ALPLC* e produzem um documento de diálogo teórico com diferentes perspectivas quanto às definições de região, sistema literário, objeto de estudo, periodização, conceito de história e metodologia. Ao final dessas memórias, inclui-se o relatório com os critérios e prevê a ordem dos temas da *ALPLC*. De 1993 a 1995, a Fundação Memorial da América Latina e a UNICAMP publicaram os três volumes, cujos sumários se organizam em séries problemáticas com os aportes escritos em espanhol e em português de 80 autores de diferentes países, não somente da América Latina, mas também de outras latitudes.

Foi este conjunto de singularidades que chamou minha atenção para realizar uma leitura crítica sobre a história da literatura da América Latina como objetivo para a dissertação de mestrado. A estrutura de *ALPLC* não é convencional ao não ter uma unidade na autoria e na definição de conceitos fixos, isto é, não tem um único conceito de literatura, de avaliação estética e de periodização. Seu caráter é provisório como projeto historiográfico e de elaboração coletiva, na intenção de que fossem os próprios pesquisadores que pudessem ilustrar os diferentes processos a partir de seu ponto de vista e conforme ao desenvolvimento de conceitos locais[3]. O conjunto procura uma totalidade, afasta-se do termo unidade, pois a totalidade leva a pensar na coexistência de diversas formas de acordo com o conceito de heterogeneidade. Porém, a maneira de abordá-la é um modo aberto, isto é, a leitura crítica tem como ponto de partida o debate de problemáticas. A visão comparativa da publicação sugere uma participação do leitor. É ele que pode comparar a partir dos processos literários abordados. Seguindo esta organização, se escolheram três séries problemáticas relacionadas com a diversidade dos sistemas literários no que concerne ao sistema do Caribe, o sistema indígena e o sistema da dupla culto-popular.

O *loci* de enunciação

A escrita desta dissertação possui algumas particularidades que determinaram a temática, o ponto de vista escolhido, o estilo da escrita e o modo de organização. As quatro se explicam por minha nacionalidade colombiana. Quanto à

[3] Para exemplificar, os artigos dedicados à literatura do Caribe usam os conceitos de antilhanismo, negritude e indigenismo haitiano que são específicos desta região.

temática, a história da literatura latino-americana foi o espaço mais confortável para desenvolver uma pesquisa que dialogaria com minha formação acadêmica na Colômbia e no Brasil. Além disso, a experiência como leitora da literatura latino-americana se complementou com um conjunto de conhecimentos novos oferecidos nas disciplinas do mestrado. A reflexão acerca da história literária foi o melhor aporte para pensar a literatura como um problema historiográfico.

O olhar político foi o ponto de vista que favoreceu minhas inquietudes já desenvolvidas em meu trabalho de graduação no que concerne à poesia pré-hispânica mexicana, isto é, na inclusão e omissão do *corpus* para a literatura latino-americana. Foi grato reconhecer que há na atualidade um avanço importante sobre o tema, e que existe um projeto historiográfico publicado que aborda aquelas problemáticas que, como profissional e como ativista social, tinha cogitado, pois achava que alguns dos critérios para definir o literário eram demasiado radicais e deixavam fora muita produção que, no meu critério, tem muito a me falar, sobretudo para a minha identidade como cidadã latino-americana. A descoberta do projeto da pesquisadora Ana Pizarro possibilitou-me acreditar nas perguntas mais do que nas repostas. Por outro lado, a intenção de aperfeiçoar minha formação no Brasil deu-se pelo interesse de integrar esta zona geográfica e cultural ao conceito de América Latina, pois de fato, a diferença das línguas encobriu no passado a descrença para empreender laços de cooperação. No entanto, atualmente as regiões começam a gerar vínculos; neste caso, a oportunidade de nós, latino-americanos, nos formarmos neste país para compartilhar nossa visão acadêmica e cultural. Por isso, as notas de rodapé trazem informações sobre exemplos no contexto colombiano e referências de autores da teoria e da literatura latino-americana.

A finalidade desta dissertação é ser compartilhada também com leitores hispano-falantes, porém se incluem referências básicas da literatura e cultura brasileira. A escrita se fez em português, apesar disso, a interferência do espanhol será evidente ao longo da leitura; o acompanhamento por parte da revisora do texto não precisa apagar este rastro, pois acredito que foi na escrita mesma que consegui compreender a experiência da transculturação, assunto que finalmente está em jogo nesta dissertação: os processos de transculturação e de heterogeneidade na conformação da nossa identidade latino-americana expressados na palavra.

A estrutura de *ALPLC* é composta por um conjunto de artigos que propõe séries problemáticas, com diferentes autorias. Porém, a partir da leitura das memórias de *ALPLC,* se escolheram três problemáticas que apareciam constantemente: a inserção das literaturas do Caribe, as literaturas indígenas e a diferença entre o sistema culto e o sistema popular. Doravante, estas três séries se vinculavam a três conceitos-chave: a área cultural para o Caribe, a história como longa duração para as literaturas indígenas e o *corpus* e o cânone para a dupla culto-popular. Na minha leitura destas séries problemáticas uma hipótese foi conformando-se, isto é: um polissistema literário latino-americano como uma abordagem teórica literária possível para compreender a heterogeneidade de diversos sistemas literários, já que eles se diferenciam na sua função social, segundo o contexto sociocultural no qual foram desenvolvidos e os modos como se relacionam em alguns aspectos para uma configuração da identidade da América Latina. Eis a ideia que liga os capítulos e se posiciona como hipótese da pesquisa. Portanto, a organização dos capítulos desta dissertação não é convencional, para ser coerente com uma publicação que propõe uma ordem complexa.

Sobre a organização da dissertação

O primeiro capítulo, “Conceitos norteadores”, de caráter teórico, retorna aos antecedentes para a escrita de uma história da literatura latino-americana. Apresentam-se os três conceitos fundamentais: a heterogeneidade, a transculturação e o sistema literário. Na segunda parte do capítulo, são expostas as questões problemáticas, produto dos debates prévios da *ALPLC*, e que são construtos teóricos relevantes para a compreensão da proposta: delimitação de área, método de comparatismo pelo contraste, totalidade contraditória, interdisciplinaridade, periodização e função da literatura.

Os capítulos seguintes se organizam a partir de um conceito e um sistema: na introdução, aborda-se teoricamente o tema, brinda-se o contexto histórico e seu enfoque dentro da historiografia latino-americana; resumidamente, faz-se uma descrição dos artigos da *ALPLC* que desenvolvem a temática referida por meio de

uma resenha crítica. Encerra-se o capítulo com a apresentação das problemáticas e com as conclusões parciais sobre o tema.

Desse modo, o segundo capítulo, intitulado, “A área cultural na integração do Caribe”, assinala o debate teórico produzido durante a segunda metade do século XX que possibilitou a desconstrução do conceito de América Latina como região cultural, geográfica e linguística. O capítulo se concentra nos sistemas francófono e anglo-saxônico, quando então se discute a inclusão do Caribe como uma problemática a ser analisada. Além disso, analisa-se como dentro do sistema literário da região também existe uma relação entre as literaturas de centro e de periferia herdadas da estrutura colonial.

O capítulo “O conceito de longa duração nas literaturas indígenas” focaliza a questão do sistema literário indígena que embora visto como diferenciado, necessita ser vinculado ao desenvolvimento cultural da região. Considerar as literaturas indígenas como parte da literatura latino-americana significa aceitá-las como herança constitutiva, não acessória. O conjunto das literaturas indígenas indica-nos a necessidade de o mesmo ser encarado como um processo de longa duração, porquanto envolve as organizações humanas que, embora tenham sido submetidas a um processo de apagamento por outra cultura, sobreviveram sob outras formas. Assim, as literaturas indígenas perrmaneceram na memória coletiva e foram preservadas em sistemas simbólicos autônomos ou adotados da cultura invasora. Em segundo lugar, oferece-se uma descrição dos artigos sobre o tema, estabelecendo algumas problemáticas. Finalmente, apresenta-se uma leitura possível do problema referido, a partir do conceito de longa duração definido e proposto pelo historiador francês Fernand Braudel.

O terceiro capítulo, “Cânone e *corpus* nos sistemas literários culto e popular”, começa com a contextualização do processo histórico pelo qual se organizaram as classes sociais na formação dos estados latino-americanos. Os sistemas literários popular e culto são vistos como reflexo do regime estético das artes, segundo a teoria do autor francês Jean Rancière; assim, uma elite se apropria do cânone representativo da literatura nacional e conforma uma história literária, com aquelas produções que essa elite determina. A ideia de estabelecer o cânone nacional

obedece a critérios “estéticos” em conformidade com um conceito de obra de arte literária, embora esse critério seja o regime estabelecido por uma elite da cidade letrada que ligou a forma escrita e sua origem de elite com a avaliação estética. Aquelas produções que se afastaram do projeto nacional, não são consideradas literárias, mas parte do *corpus* do folclore. Não obstante, essas outras tradições se transformaram, migrando da forma escrita para a oralidade, e da oralidade para a escrita, com um modo diferente de circulação, não sujeito à leitura individual e silenciosa como se pratica no sistema culto; pelo contrário, foi difundido na leitura em voz alta, como leitura recitativa e, inclusive, como música.

Encerram a dissertação as considerações finais sobre o conceito de polissistema literário. Com esses pressupostos teóricos, propõe-se uma noção do que poderia ser um polissistema literário latino-americano[4]. Embora já se tenha um conceito desenvolvido por Itamar Even-Zohar, é possível focá-lo na experiência latino-americana. Assim, uma vez que se estabelece a presença de diversos sistemas literários coexistentes na América Latina, pretende-se localizar aquelas relações pelas quais os sistemas se transformam a partir do ponto de vista da transculturação e da heterogeneidade. Propõe-se uma estrutura, não como lei geral, mas como forma de organizar o pensamento para entender melhor a dinâmica da literatura latino-americana, no seu desenvolvimento como conjunto e inter-relação dos sistemas literários que criam estéticas, formas expressivas e funções sociais segundo a intensidade do contato entre os sistemas.

[4] Após o desenvolvimento dos primeiros capítulos, realizou-se uma segunda revisão bibliográfica. Encontraram-se dois artigos sobre o polissistema literário latino-americano; as temáticas abordadas e o alcance dos conceitos se desenvolvem nas considerações finais.

1 CONCEITOS NORTEADORES

> *En el caso de América Latina, ni los criterios lingüísticos, ni los geográficos ni los políticos dan cuenta por sí solos del espacio específico de lo literario: dan cuenta de él los parámetros culturales que articulan, en convergencia como en su contradicción la estratificada complejidad de las manifestaciones literarias.*
>
> Ana Pizarro

Este capítulo apresenta os debates teóricos no que diz respeito à escrita de uma história da literatura da América Latina. No primeiro momento se tem interesse por estabelecer os antecedentes a partir da crítica literária latino-americana; continua-se com a exposição dos três conceitos que se consideram os norteadores: heterogeneidade, transculturação e sistema literário. Encerra-se o capítulo com as problemáticas estabelecidas nos encontros teóricos prévios da *ALPLC.*

Os intelectuais latino-americanos, nas últimas três décadas do século XX, adotam a pluralidade como uma característica para a construção teórica; eles propõem o conhecimento da literatura latino-americana a partir da sua diversidade, e defendem também a importância de se assumir o debate sobre a teoria da história da literatura. A *ALPLC* acolhe os conflitos e os confronta, gerando um novo discurso historiográfico que em lugar de oferecer uma narrativa de noções fixas, constrói-se a partir de um espaço teórico que integra outro tipo de conceituação que leva em consideração o literário e o extraliterário. Assim, em lugar de formular uma resposta definitiva, a *ALPLC* pode ser definida como um saber arriscado e aberto, pois convida o profissional para continuar a problematizar o fenômeno literário nos entrecruzamentos do debate teórico que se experimenta no âmbito acadêmico.

O pensamento latino-americano produz algumas mudanças evidentes, não somente em torno da produção literária senão também no campo teórico. Muito se diz a respeito de uma ausência de produção teórica na América Latina, no entanto, na abundante produção da crítica se consegue estabelecer um modo próprio de interpretação. Com base nesse prolífico trabalho, os críticos conseguiram estabelecer os conceitos fundamentais, em resposta àqueles conflitos que com

outras teorias não se conseguiam explicar. Os críticos operaram diretamente no *corpus* e, desse modo, construíram seus conceitos a partir da leitura de obras específicas da literatura latino-americana, reafirmando a liberdade da região cultural para considerar sua própria natureza, apontar as problemáticas e introduzir novos caminhos para a interpretação. Os problemas expostos têm a ver com a inclusão de um conceito aberto de literatura para abranger outras manifestações. Nessa perspectiva, se reconhecem diversas linhas temporárias, regiões culturais, inclusive epistemologias diferentes das ocidentais, o que se acrescenta ao *corpus* que foi constituído até agora, com privilégio no sistema escrito culto.

O projeto da *ALPLC* resulta interessante, já que ajuda a compreender a importância da escrita de novas histórias da literatura em territórios que são assinalados como espaços em conflito epistêmico[5], ou seja, aqueles territórios que neste momento querem se localizar com maior autonomia em relação às linhas de pensamento ocidental, no entanto, cuidando para não cair em um chauvinismo exagerado. Por outro lado, uma das circunstâncias que articularam a *ALPLC* foi a necessidade de reafirmar a pertença a uma região nos tempos de exílio nas décadas de setenta e oitenta, tempo no qual os intelectuais transitaram entre as instituições acadêmicas dos países latino-americanos e das universidades europeias e anglo-saxônicas. A experiência significou em muitos casos verificar, infelizmente, como o olhar sobre a América Latina ainda era a referência de povos e províncias em atraso cultural. Esse sentimento de inferioridade também aqueceu o ânimo para persistir no projeto historiográfico da *ALPLC.*

A proposta encaminhou-se para uma história da literatura com os seus próprios parâmetros, construídos com conceitos orgânicos da região, com os elementos constitutivos de nossa identidade. Nesse sentido, é expressa a intersubjetividade dos debates teóricos, no tom pessoal das intervenções, inclusive o sentimento no diálogo sobre as circunstâncias políticas que comprometeram a vida

[5] Conforme a filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez, “Cada juego de lenguaje define sus propias reglas, que ya no necesitan ser legitimadas por un tribunal superior de la razón. Ni el héroe epistemológico de Descartes ni el héroe moral de Kant funcionan ya como instancias trascendentales desde donde se definen las reglas universales que deberán jugar todos los jugadores, independientemente de la diversidad de juegos en los cuales participen. Para Lyotard, en la “condición posmoderna” son los jugadores mismos quienes construyen las reglas del juego que desean jugar. No existen reglas definidas de antemano” (CASTRO - GOMÉZ, 2005, p. 157)

pessoal dos acadêmicos. Ao fazer uma leitura crítica de *ALPLC,* essa intersubjetividade se expressa através do discurso ideológico. Assim, a veemente afirmação que faz Antonio Candido em relação ao objetivo da sua participação no projeto:

> En efecto, estamos en presencia de los otros. Somos literaturas de un continente que ahora está desarrollando un deseo no literario: un deseo político o ideológico de unidad. Y para completar esto está la perspectiva literaria, ante lo cual mi posición es básicamente política, esto puedo decirlo con toda sinceridad.

E mais:

> Es por eso que afirmo que mi proyecto, mi premisa es básicamente política. Yo estoy aquí no tanto como crítico literario o como profesor de literatura: yo estoy aquí, ante todo, como político latinoamericano, no como partidario de un partido, sino como un latinoamericano político (PIZARRO, 1987, p. 72).

Trata-se de uma resposta do que se vem discutindo como um dos mais requintados assuntos teóricos, isto é, o sentido mesmo da história da literatura na sua função social. Este novo olhar também foi possível pela crise no estatuto do discurso científico, dessas linhas naturais de poder inquestionável que após as duas guerras mundiais foram postas em dúvida. Ao criticar a relação histórica das regiões do terceiro mundo com a cultura dominante, questionou-se também o método de fazer ciência e, por consequência, o modo de fazer história. Quando os autores europeus falaram do fim da história, na América Latina, pelo contrário, foi urgente a escrita de uma história própria que constituísse um gesto de integração a partir do desenvolvimento histórico da expressão. A palavra teve em nosso território uma função cosmogônica, organizadora do mundo, teve uma função de testemunho para preservar as tradições em perigo de esquecimento, teve uma função política, de questionamento da ordem colonial, teve uma função didática na conformação das identidades nacionais, teve uma função estética na representação singular da realidade. Todas essas possibilidades de abordagem enriquecem o olhar que os povos latino-americanos têm sobre eles mesmos, já que fornecem os projetos integradores dos quais se precisava nos anos oitenta para fazer frente ao caos político continental que estabelecia, de novo, a regionalização para a exploração. Nessas décadas de movimentação social, o papel que devia cumprir uma história da literatura da América Latina foi refletir sobre o projeto político regional.

1.1 Antecedentes

A produção de uma teoria latino-americana se reconhece, sobretudo, na sua produção em relação à interpretação dos textos. Ao longo do século XX, a crítica latino-americana vem produzindo um conjunto de trabalhos dedicados à interpretação dos textos literários a partir de perspectivas focadas na diversidade cultural da América Latina como uma problemática não mais ignorada. Os primeiros a cogitarem sobre o assunto foram os intelectuais das primeiras décadas do século XX: o peruano José Carlos Mariátegui[6], o dominicano Pedro Henríquez Ureña[7] e o cubano Fernando Ortiz[8], cujas ideias a propósito da expressão literária e a transculturação foram ponto de partida. No entanto, o propósito estava disperso em artigos, trabalhos monográficos e revistas, infelizmente, não se tinha uma ferramenta para dar uma base ao discurso. Deste modo, havia a dificuldade de assumir com certeza uma metodologia ou uma teoria inerente ao objeto de estudo. Os trabalhos e as publicações nas revistas apontavam a necessidade de outro percurso historiográfico que fosse a base para progredir na crítica literária e inseri-la num discurso totalizante. No entanto, alguns conceitos foram produzidos e acolhidos e possibilitaram vislumbrar um novo panorama.

Pelo menos duas publicações foram importantes no desenvolvimento da teoria: a *Revista de Crítica Literária Latinoamericana* e o jornal uruguaio *Marcha*. A revista dirigida pelo peruano Antonio Cornejo Polar[9] teve dupla nacionalidade, fundada na cidade de Lima (Peru) no ano de 1973, passa a ser patrocinada pelas universidades estadunidenses nas quais seu diretor era professor: *Universidade de*

---

[6] José Carlos Mariátegui (Moquegua, 1894 - Lima, 1930). Ensaísta peruano, um dos pensadores mais importantes no âmbito da cultura e da sociedade do seu país. Ativista político,foi o fundador do Partido Socialista Marxista Peruano. Sua obra *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, 1928, é referência básica para o pensamento latino-americano.

[7] Pedro Henríquez Ureña (Santo Domingo, 1884 - Buenos Aires, 1946). Crítico literário, entre suas obras mais citadas: *Seis ensayos en busca de nuestra expresión* (1928), *Corrientes literárias en América Hispánica*, Conferências universitárias publicadas como *Literary Currents in Hispanic América*. Massachusetts, Estados Unidos: Harvard University Press, 1946.

[8] Fernando Ortiz (La Habana, Cuba, 1881 – 1969). Advogado, historiador e antropólogo. Foi o primeiro a falar do conceito de transculturação no seu livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar, (*1940).

[9] José Vicente Antonio Cornejo Polar (Arequipa, 1936 - Lima, 1997). Crítico literário e professor universitário, diretor da *Revista de Crítica Literária Latinoamericana,* sua obra mais conhecida é *Escribir en el aire, ensayos sobre la heterogeneidad sociocultural en las literaturas andinas*, (2003).

Pittsburgh e *Universidade de Berkeley*. Depois, durante a direção de Raul Bueno em 1997, passou ao patrocínio do *Dartmouth College* e da *Tufts University*. Desde seu primeiro número publicado após dos anos de sua criação, em outubro de 1975, o interesse da revista foi a abordagem da especificidade das literaturas latino-americanas como uma opção às duas linhas teóricas mais fortes da crítica: a sociológica, que considera a realidade literária como reflexo da realidade social e a imanente ao considerar que o texto literário contém em si mesmo todos os elementos para sua total interpretação. No outro extremo, no cone sul, o jornal uruguaio *Marcha* foi o palco para os artigos do crítico Ángel Rama[10], que desenvolveu as ideias referentes à integração e à necessidade do conhecimento das literaturas latino-americanas incluindo a literatura brasileira. Esses espaços de escrita possibilitaram a estruturação dos conceitos dos autores sobre o trabalho crítico para a literatura da região.

A grupo se completa com os diálogos mantidos pelo crítico brasileiro Antonio Candido[11] e Ángel Rama, como colegas nos encontros acadêmicos e como professores convidados reciprocamente em cada um de seus países. Foi uma circunstância histórica importante para enxergar o circuito da crítica latino-americana na análise do projeto historiográfico para a América Latina, fundamentado na natureza histórica de conformação desigual e plural do território americano. Quando se apresenta o projeto de uma história da literatura latino-americana para a *AILC*, a proposta já tinha alguns de seus antecedentes adiantados.

1.2 Heterogeneidade, transculturação e sistema literário

O conceito de heterogeneidade ou literaturas heterogêneas foi desenvolvido por Antonio Cornejo Polar para referir-se ao complexo processo pelo qual o encontro singular das culturas no continente americano desfaz a ideia de homogeneidade ou

[10] Ángel Antonio Rama Facal, (Montevidéu, 1926 – Madri, 1983),crítico e professor convidado nas universidades de Venezuela e dos Estados Unidos. Diretor da Seção literária do Jornal *Marcha* (1959-1968), Diretor literario da Biblioteca Ayacucho, projeto editorial Venezuelano (1973 – 1982).

[11] Antonio Candido de Mello e Souza (Rio de Janeiro, 1918), intelectual brasileiro. Sua formação começa na sociologia, mas depois a literatura foi sua principal atividade, como professor nas universidades de São Paulo e como convidado nas principais universidades do mundo. Possui uma obra crítica extensa, entre eles: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (1959), *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária* (1965).

unidade, neste caso, ao perceber outro diferente se experimenta o contato entre elas. Embora a relação seja de dominação ou subordinação, nenhuma delas desaparece, mas sim o oposto: deixa sua semente e permanece de modo recessivo. Assim, se pode prever um espaço conflitivo no qual o produto foi a transculturação, a aculturação e a neoculturação. Cornejo Polar estabelece uma heterogeneidade primária que bem poderia se localizar 522 anos antes, no encontro das culturas europeias e das culturas nativas, depois uma segunda etapa da heterogeneidade na produção de discursos nos quais emergem as culturas em conflito, bem como pela relação de subordinação, de resistência e de conciliação, o que caracteriza as literaturas latino-americanas. Além do critério cultural–étnico, esta heterogeneidade pode ser percebida na perspectiva das classes sociais, como sistemas diferenciados na produção literária da elite ou da classe dominante e nas literaturas marginais em língua nativa e da literatura popular. O conceito de Cornejo Polar denuncia as relações em conflito, insiste na ideia de miscigenação como uma estratégia para homogeneizar e apagar a diferença que caracteriza a maioria representativa. A heterogeneidade suscita conflito, resistência e acontece na expressão literária quando a oralidade só pode se inserir ao modificar sua natureza na prática da escrita.

A ideia de heterogeneidade se opõe à síntese feliz da miscigenação, conceito usado nos projetos das literaturas nacionais que admitiram a herança da linha indígena e africana, não obstante, culturalmente exterminada e com futuro a um branqueamento não somente étnico (lembre-se do objetivo exposto por Domingo Faustino Sarmiento em relação às migrações massivas de europeus nas primeiras décadas do XX), mas como projeto nacional para o branqueamento da cultura. Desse modo, essa maioria índia, negra e mestiça era incluída e obrigada a aceitar a organização de um estado do qual eles seriam tributários pela sua nacionalidade e inclusão[12]. Assim, procurava-se manter a conciliação para o posicionamento de uma classe dirigente “mestiça” sem oposição. No caso da expressão literária não se teria problema em estabelecer uma linha direta a partir das literaturas de independência, formação de Estado-nação com passado na egrégia literatura hispânica e berço na literatura greco-romana.

[12] Segundo Heraclio Bonilla, foram três os fatores determinantes para a conformação dos Estados latino-americanos: a organização fiscal, o exército e o produto nacional.

Assim, a literatura percorre um contínuo até o ideal estético ocidental, sem perturbação. Infelizmente, o projeto identitário tem suas fissuras, pois não foi possível apagar definitivamente as manifestações culturais que constituem de fato as sociedades pré-colombianas e africanas. Estas sobreviveram nos pequenos resguardos das comunidades missioneiras que preservaram alguns destes saberes, no entanto, seus motivos foram para a dominação religiosa; também pela resistência das comunidades que conseguiram ficar à margem, se afastar das políticas do Estado e construir seus próprios povoados, isto é, os quilombos, os *chimilas*[13] e os *palenques*[14].

O conceito de heterogeneidade é útil para compreender as realidades no âmbito das culturas que convivem no mesmo território e que produzem significações, reajustes e novos termos, mas conservando suas diferenças, o que também significa que tal convívio se dá mediante intercâmbios culturais, isto é, processos de transculturação. A ênfase de Cornejo Polar está na relação entre as culturas nativas da área andina e as culturas hispânicas. Não contempla o componente africano que se pode estimar no desenvolvimento do conceito de Fernando Ortiz em relação à região do Caribe.

O conceito de transculturação foi desenvolvido a partir da primeira referência do antropólogo cubano Fernando Ortiz, e alude à síntese das culturas em encontro. Segundo Ortiz, as categorias estruturais de cada encontro humano em diferentes estabelecimentos sociais produzem eventuais formas de economia, de vida social e de cultura, seus modos de relação se dão em termos de desculturação, a exculturação, a aculturação e a enculturação em três trânsitos: o primeiro dos povos *tainos, ciboneyes* e *guanajabibes*, o segundo do encontro entre os povos nativos e os povos *transplantados* do continente europeu, e o terceiro dos indivíduos

[13] Ao norte da Colômbia, grupos indígenas se organizaram em pequenos povoados muito afastados, até começo do século XX viviam de acordo com seus costumes. O grupo é estudado antropologicamente como uma forma de organização semelhante ao quilombo, mas de indígenas. Do mesmo modo, no século XX, em diferentes países da América Latina foram encontrados alguns grupos indígenas que viveram como nômades e que ainda não tiveram contato com a cultura ocidental. Sobre o tema: http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/antropologia/amerindi/chimila.htm

[14] Na atualidade, palenques e quilombos são reconhecidos pelos governos como territórios com autonomia de governo e justiça, embora os conflitos pela luta de terras os afetem. Sua permanência como organização faz deles um exemplo de convívio da heterogeneidade na região latino-americana.

arrancados do seu continente africano. Aliás, das outras culturas migratórias que esporadicamente chegaram à ilha de Cuba: judeus, norte-americanos e orientais. Todos eles fizeram reajustes de acordo com o que acharam nos territórios do novo mundo. Segundo Fernando Ortiz, a evolução das culturas é um trânsito vital, em um espaço determinado, com seus ritmos mais ou menos velozes. No entanto, o acontecido na ilha de Cuba ocorreu em um período bem mais curto e em um território insular. Tal fato gerou um conflito de temporalidades e o desenvolvimento de linhas diversas no plano da cultura cubana.

Ortiz apresenta a transição dos povos nativos do período neolítico ao paleolítico, isto é, das atividades de caça ao sedentarismo e da agricultura para a serventia dos povos vencidos ao povo dominador, este o exemplo de transculturação pré-colombiana. Depois acontece a aniquilação dos povos indígenas por parte dos europeus num processo de aculturação. Ortiz inclui a diversidade europeia que ocupou o território. A chegada dos europeus procedentes dos diferentes cantos da Península Ibérica também foi traumática para eles, pelas mesmas condições de exílio e desterro. Outra circunstância foi o trânsito do feudalismo ao capitalismo que ainda não era de todo certo na Europa, o conflito foi transplantado, diversas formas da produção foram reproduzidas nas atividades de cultivo do tabaco e do açúcar, gerando modos particulares da economia. Fernando Ortiz aponta o exemplo do capitalismo e do feudalismo no século XVI na ilha de Cuba:

> Mientras unos blancos trajeron la economía feudalesca, como conquistadores en busca de saqueo y de pueblos que sojuzgar y hacer pecheros; otros, blancos también, venían movidos por la economía del capitalismo mercantil y aún del industrial que ya alboreaba. (ORTIZ, 1987, p. 88).

O povoamento provisório dos europeus que chegaram com a promessa da riqueza fácil para logo retornar, mais os modos para dominar o outro, proibindo-lhe o uso da sua língua na sua vida social, não foi suficiente para que os nativos e escravos esquecessem as suas culturas, pelo contrário, deixou marcas de nascença no desenvolvimento da cultura cubana. O conceito de transculturação valoriza os vestígios, pois nem tudo das culturas dominadas foi esquecido. Desse modo,

sobreviveram o tabaco indígena, os ritmos, as lendas e a religiosidade das culturas africanas e as memórias de ultramar dos hispânicos. Assim, não foi uma perda total, foi um processo de transculturação no qual os dominadores também tiveram que se amoldar às novas formas de interagir, adaptando-se ao novo território que os índios já conheciam. A amplitude do termo de Ortiz abre a janela para enxergar a história social e cultural do continente, revisando a ideia do extermínio cultural e mantendo em supervivência pelo menos duas tradições que não desapareceram na miscigenação.

A transculturação de Ángel Rama aparece como um processo no qual a literatura é sua síntese, o processo de criação de produtos culturais, mas não somente na sua forma, como também na sua cosmovisão. A transculturação envolve a organização social, isto é, depois da estabilidade da colônia a estratificação social se organizou etnicamente, assim, os índios, os negros, os mulatos constituem a força de trabalho, os *criollos*[15], aqueles que demostraram com a certidão de batismo[16] sua linhagem peninsular, conseguiram pela via do branqueamento se consolidar como uma classe com acesso ao poder. Após a independência, a conformação do Estado-nação foi pela determinação das classes sociais, o discurso da raça foi fortemente questionado pelo novo discurso historiográfico latino-americano da segunda metade do século XX.

A transculturação básica refere-se em Rama ao período da conquista e da colônia. A segunda etapa da transculturação tem a ver com a alta cultura e a cultura popular, aquilo representativo de cada nação nas mãos de uma classe que se consolidara representativa e com ideais que aceitavam a riqueza da mestiçagem para se diferenciar do europeu e afirmar-se como donos legítimos do território, isto é, herdeiros pelo sangue indígena nobre e herdeiros pela linhagem dos conquistadores, quer dizer verdadeiros americanos. Esta transculturação ainda não

[15] O termo *criollo* usa-se conforme o sentido hispânico, isto é, os filhos de pai e mãe europeus nascidos em território americano, herdeiros das linhagens de Conquistador ou *Encomendeiro* que foi um modo de se tornar pessoa com privilégios no Novo Mundo. Foram eles os que adiantaram os processos independentistas. A linhagem gerou um conjunto de epopeias na colônia hispânica que procuravam heroicizar os conquistadores. Este foi o esquema para eles obter em possessão as terras e índios. Um exemplo, *Elegias de varones ilustres de índias* de Juan de Castellanos.

[16] Estas cartas de linhagem não foram tão legítimas. Muitas delas foram compradas para ocultar as bastardias das famílias nobres. Do mesmo modo, fulanos da península viraram nobres conquistadores no território americano.

foi completa, pois se enxergava o indígena como o outro, o morto, o extinto. O momento no qual se fala da literatura latino-americana foi quando toda a força expressiva conseguiu uma nova forma literária inseparável da sua cosmovisão, um jeito único de misturar as classes e as raças no mesmo cenário, na mesma língua literária. Assim, a transculturação foi o processo criativo da América Latina, nesse conceito se compreende a substância da expressão literária a que se refere Henríquez Ureña. Ángel Rama caracteriza a transculturação como a tarefa inventiva capaz de reestruturar o sistema cultural em um processo seletivo de perdas, seleções, redescobrimentos e incorporações a partir das culturas postas em contato. Ele estabelece pelo menos quatro elementos relevantes no processo de transculturação literária:

1.2.1 Língua

No Modernismo, a língua aparece como uma prova de independência, a língua literária fixa seus modelos no uso de uma reprodução purista da língua espanhola, ligada aos assuntos históricos. No outro caminho se assume uma versão culta das formas sintáticas próprias do espanhol americano. Em contraste, o regionalismo romântico acolhe as formas dialetais no registro das línguas rurais, mas ainda consideradas como de segundo nível, estabelecendo uma diferença a partir do ponto de vista do narrador, do uso de aspas e da adoção de glossários como um modo de estigmatizá-las, em contraste, com um sistema dominado por uma elite educada, conhecedora da norma linguística. Nesse caso, o narrador é um observador da cor local, mas sem dela apropriar-se.

A este tipo de produção regionalista outros autores inseridos nesse universo linguístico cada vez mais misturado, oferecem um uso da linguagem no seu contexto de significação, assumindo uma unidade artística numa confiança do uso da fala própria do escritor. Exemplos extremos acham-se no entretecido das línguas nativas americanas criando uma língua artificial e literária, porém a crítica literária escolhe a obra de José Maria Arguedas como o patamar de uma totalidade unitária no registro da língua nativa ou, no caso do cosmopolitismo, com o argentino Julio Cortázar no contexto de personagens argentinos e estrangeiros. Não é muito fácil estabelecer cronologicamente o desenvolvimento dessas múltiplas formas da narrativa, pois às

vezes elas se deram paralelamente. As observações de Rama a respeito dessas experiências de transculturação narrativa remetem à ideia de uma construção própria da língua literária para a América Latina, mas diferenciada nos seus registros e estratégias. O registro linguístico de Juan Rulfo leva a expressão popular ao nível da poeticidade, age em contraste ao espírito modernizador e racionalizante que prolonga a criação da linguagem além de uma cosmovisão originária na construção de uma identidade heterogênea. Eis a transculturação narrativa, um aporte teórico que permite a compreensão dos processos criativos literários da primeira metade do século XX.

1.2.2 A estrutura literária

A adequação do modelo do naturalismo para o romance regional foi importante na busca de uma estrutura literária. As liberdades exploradas pelas vanguardas no âmbito poético e narrativo facilitaram a incorporação de uma percepção, nas palavras de Rama, inquieta de realidade, isto é, a fragmentação narrativa, a mistura de vozes, a conjunção do plano inverossímil e histórico, a recuperação da narração oral e popular. O repertório regionalista se cristalizou no seu olhar dual de culto e popular para dar passo às formas narrativas opostas a uma concepção racionalizadora rígida. Podem-se estabelecer duas técnicas no ritmo narrativo, mas com vertentes diferentes. Por um lado, os fluxos de consciência desenvolvidos pelos ingleses Virginia Woolf ou James Joyce permitem estabelecer um diálogo por contraste, com os monólogos discursivos de Guimarães Rosa ou Gabriel García Márquez, os quais podem ser considerados em semelhança à busca criativa dos escritores europeus, mas também com relação à estrutura da narração oral, fonte da tradição literária dos autores pela sua experiência de vida em contato permanente com os narradores do povo.

Desse modo, é importante reconsiderar no campo das literaturas comparadas o uso cuidadoso do termo influência em relação à produção literária, pois a análise a partir da ideia de transculturação permite outra abordagem mais justa com os outros sistemas presentes no campo cultural, mas sem descartar a presença do sistema da tradição literária europeia que, sem dúvida, fora mais um elemento na construção literária na América Latina.

1.2.3 A cosmovisão

No campo dos significados, as estruturas de pensamento, as ideologias, os valores, configuram a singularidade da expressão latino-americana. Seguindo Ángel Rama, que considera as vanguardas latino-americanas, como o fenômeno detonador do discurso lógico racionalista do pensamento burguês do final do século XIX, algumas destas tendências estéticas permitem redescobrir a presença do mito como ponto de partida da cosmovisão de transculturação da América Latina. As formas narrativas adotadas pelo romance latino-americano apresentam três vertentes que acolhem os modelos do romance burguês, mas invertendo seus valores, deste modo a novela regional, a novela realista crítica e o romance social, continuam como padrões da narrativa burguesa do século XIX, mas desenvolvendo um discurso antiburguês. São os seus exponentes, conforme Rama: Graciliano Ramos, Juan Carlos Onetti e Alejo Carpentier.

Outra possibilidade foi a narrativa cosmopolita que caracterizou a escrita da região do Rio de Plata, pois desenvolve um sentido fantástico da realidade no cotidiano, aberta a uma pluralidade de significado no seu sentido mais em diálogo com as culturas de outras tradições europeias, orientais e, inclusive, a pré-hispânica e popular, o que se acha na diversidade temática de autores como Jorge Luís Borges e Julio Cortázar[17]. Para Ángel Rama o redescobrimento do mito e a sua revalorização como mais uma estrutura de pensamento e o seu papel vivo nas sociedades racionalizadoras deram uma reivindicação do pensamento como categoria de análise, em palavras de Rama: “la quebra de este sistema lógico deja en libertad la materia real perteneciente a las culturas internas de América Latina y permite apreciarla en otras dimensiones” (RAMA, 2008, p. 62). A transculturação na presença do mito vai além da matéria temática: tem a ver com uma estrutura cognoscitiva que jamais se encaixa no ideal da expressão literária do cânone, mas que pela via da reintegração do mito como categoria permite a compreensão da literatura latino-americana nas suas estruturas profundas. Essa é a contribuição e

[17] Quanto à referência pré-hispânica, acham-se dois contos de Julio Cortázar muito afins com a temática mexicana e extremamente fantásticos: *Axolotl* e *a noite de boca para cima*. Jorge Luís Borges, além dos mitos nórdicos, alude ao personagem do gaúcho Martin Fierro.

relevância do conceito de transculturação para a historiografia literária, uma vez que permite compreender a literatura latino-americana na sua organicidade heterogênea e transcultural, herdeira de todas as fontes, subversiva delas mesmas e produtora de uma língua literária.

Encerram-se as colocações teóricas com o conceito de sistema literário desenvolvido pelo professor Antonio Candido. Em *Formação da literatura brasileira* (1957) três páginas apenas são suficientes para explicar a literatura como sistema. Aproveita-se desse conceito a inter-relação dos elementos formais e sociológicos. Enquanto os termos de heterogeneidade e transculturação estabelecem as caraterísticas expressivas da literatura latino-americana, com a ideia de sistema, podem-se observar as continuidades das tradições relacionadas com o desenvolvimento das sociedades, modo pelo qual se aprecia a literatura como mais um aspecto orgânico da civilização, isto é, como construtora da sociedade.

O conceito de sistema se concebe a partir da ideia de processo, momentos decisivos onde se articulam as caraterísticas internas (língua, temas, imagens) e os elementos sociais (conjunto de produtores, conjunto de receptores, mecanismo transmissor) que conformam logo um sistema simbólico. Desse modo, a literatura se concebe como um sistema de obras ligadas por denominadores comuns. O sistema toma forma no entretecido desses momentos decisivos nos quais os três componentes: autores conscientes de seu papel, um conjunto de obras e um público sincronizam-se e consolidam-se numa expressão definida por particularidades dominantes que determinam a expressão de uma dada fase.

A seguinte ideia fundamental é a ideia de tradição, concebida como a continuidade literária que transmite esse sistema. Destaca-se o reconhecimento das primeiras manifestações literárias, aquelas obras representativas que não influíram na sua época, mas que logo se articularam ao sistema como obras extemporâneas. Este fenômeno é muito caraterístico da literatura na América Latina, uma vez que a tradição se constrói na descoberta do *corpus.* A obra é mais um elemento articulado, o que nos sugere que a tradição também está na própria recepção, na circulação e na produção. A continuidade ininterrupta também traz consigo o modo de se relacionar com elas; nesse sentido, como cada conjunto social pode aceitá-las ou

rejeitá-las. Assim, quando um grupo tem vontade de fazer literatura no âmbito da tradição, dá continuidade aos estilos, temas e formas; deste modo, uma sociedade determina os fundadores da sua literatura desde uma perspectiva atual, isto é, a transmissão de padrões que constroem a civilização. Nessa tríade construída inicialmente para a literatura brasileira, Antonio Candido focaliza diacronicamente o percurso da literatura com base na articulação desses elementos.

A proposta de sistema se reflete no projeto historiográfico de *ALPLC* ao pensar a literatura latino-americana como processo, a partir de uma perspectiva na qual se identificam vários dos aspectos mencionados. Embora a ideia de evolução ficasse muito comprometida com o sistema culto da literatura brasileira, a ideia de sistema com estas caraterísticas permite sair do conceito estruturalista de sistema de Itamar Zohar, demasiado abstrato para conferir outros elementos. Na verdade, esta ideia de sistema permite construir a tradição literária, e, no caso latino-americano, pensar no polissistema, em que cada sistema se relaciona com os outros e se transforma no âmbito desse contato.

1.3 Questões problemáticas

América Latina: Palavra, Literatura e Cultura não é uma história da literatura latino-americana. Nas primeiras linhas do prólogo, se explica a viragem do projeto inicial e a sua separação da Associação Internacional de Literatura Comparada por considerar que a instituição acadêmica conservava o olhar colonial sobre a América Latina e que, por isso, ainda não era possível estabelecer um diálogo justo[18]. A publicação é o produto parcial de um projeto maior de pesquisa na abordagem de um conjunto de problemáticas de ordem historiográfica para encaminhar novas perspectivas e leituras criativas para a construção cultural do continente. A estrutura de autoria coletiva acredita na prolífica produção da crítica literária latino-americana na procura de um local próprio de enunciação com base na natureza própria da

[18] Em entrevista que fiz a Ana Pizarro em novembro do 2013, disse-me ela o o seguinte: “había el apoyo de la UNESCO, además estaba la Asociación Internacional y yo tenía que ir a dar cuenta a la Asociación anualmente en distintas partes de Europa, donde se reuniera el comité y me costaba bastante porque estos señores eran muy eurocéntricos, de allí me surgió además con claridad, un pensamiento muy anticolonial, me di cuenta en realidad lo que significábamos nosotros frente al panorama internacional”.

região, em diálogo equilibrado com os diferentes fenômenos literários no panorama global, isto é, a literatura latino-americana como mais um sistema literário entre outros. Embora a advertência ao leitor pretenda liberar a publicação dos questionamentos da crítica historiográfica, sua organização responde aos critérios de processo literário, uma vez que discute a periodização, a avaliação estética e a limitação de área.

As dificuldades que impediram a realização do primeiro projeto foram registradas no relatório do primeiro encontro: o desenvolvimento desigual do continente não permite falar de uma organicidade do sistema literário latino-americano, senão de um conjunto de sistemas em relação não sincrônica, quer dizer, o encontro de processos literários com desenvolvimentos incomuns, literaturas que mudaram para expressões diferentes da escrita como forma de materialização,[19] mas conservando ligação com a palavra. Esta incoerência não possibilita uma organização de acordo com o conceito da literatura como escrita, homogeneidade do processo e da continuidade temporal, pois a literatura latino-americana desde o seu berço se alimenta da contradição. Sobre o problema da linearidade temporal, um problema semelhante foi analisado em relação à história da Europa pelos historiadores da geração dos *Annales*, especialmente Fernand Braudel ao referir-se aos acontecimentos de longa duração e curta duração, isto é, como uma alternativa de periodização para a explicação de processos que afetam a consciência dos sujeitos de uma sociedade e cuja transformação devagar pode abranger longos lapsos de tempo. Em contraste, outros acontecimentos do cotidiano modificam o rumo de processos, mas não têm incidências profundas nas estruturas sociais (BRAUDEL, 1979).

No entanto, a teoria não resolve o problema temporal na história da América Latina, pois a transposição dos processos é o que caracteriza o desenvolvimento

[19] O avanço nos estudos de outras formas de produção e circulação da literatura (a poesia concreta produzida na década de 1950 de caráter visual, a oralidade elevada à condição de linguagem literária, as práticas de narradores orais no interior das comunidades e na cidade) e de novas práticas da leitura, acredita na relevância de estudar outros sistemas literários diferentes ao sistema escrito culto, o que inclui outras práticas de circulação e outros públicos; isto permite uma maior circulação não somente da tradição literária escrita para a oralidade como a leitura coletiva como agir social. Nesse sentido o elemento da circulação de um público leitor proposto por Antonio Candido na consolidação do sistema literário. A respeito, há uma ampla bibliografia desenvolvida sobre a história da leitura.

singular das sociedades na América. Eis a dificuldade para pensar uma história literária baseada em uma sequência cronológica unidimensional: a literatura latino-americana precisa se organizar a partir da simultaneidade e numa linha que poderia conter descontinuidades. Finalmente, o debate traz as recentes teorias da história que neste momento não consideram a elaboração de um discurso estável, duradouro e representativo de uma identidade continental.

A alternativa para o adiantamento do projeto historiográfico, pela carência de um instrumental teórico para a abordagem dessas temporalidades simultâneas se tenta resolver ao ligar a ideia de sistemas em relação, processos diferenciados em um período longo de tempo. E assim que para cada volume dedica, por exemplo, um conjunto de artigos sobre o desenvolvimento do sistema indígena. No entanto, os críticos do momento, cientes das suas limitações e ainda num conservadorismo disciplinar no qual a escrita é o elo principal do objeto literário, acolhem a ideia de uma história convencional em uma linha de continuidade cronológica, considerando, contudo, a presença dos outros sistemas que ainda não tinham, a essa época, um estudo mais aprofundado. Para a década dos anos oitenta, admite-se a carência de especialistas que abordem aqueles objetos literários em códigos não da escrita, mas linguísticos. Essa proposta até seria razoável, mas ela mesma é traída, pois é muito difícil separar os sistemas ao abordar textualidades tão próximas de um e de outro sistema. Os conceitos de transculturação e heterogeneidade são precisos para compreender a complexidade dentro dessa proposta organizativa. Em síntese, *ALPLC* consegue dar conta da diversidade dos sistemas, mas não atinge de modo pontual o objetivo de estabelecer como os sistemas se relacionam.

Outro dos obstáculos estabelecidos foi a inoperância de uma rede de pesquisa interdisciplinar (ausente ainda nas faculdades pelo perigo que representa espalhar o seu objeto de estudo pelas outras ciências sociais). Aprecia-se como uma conquista a edificação de uma ciência literária que considerou exaustivamente seu objeto literário, na sua natureza linguística, na sua função estética, na sua literariedade. A estabilidade de um objeto literário centrado na produção escrita garantiu o desenvolvimento de interessantes pesquisas para aquelas sociedades que tinham uma homogeneidade orgânica com respeito à evolução do sistema escrito em todos os seus componentes: produção, circulação e público leitor; no

entanto, deste lado do mar, o processo tinha outras características, e, assim como a carência de uma metodologia própria de conceitos abrangentes do fenômeno literário latino-americano, precisa de um distanciamento para ser examinado sob um outro olhar. Ao aceitar as dificuldades, os envolvidos no projeto também se propuseram alternativas para uma história possível. O alicerce do projeto foi considerar essas "deformidades" no sentido de contradição como marca de nascença. Assim se chegaram aos seguintes critérios para a elaboração da *ALPLC:*

1.3.1 Delimitação de área

Além das caraterísticas geográficas e linguísticas, a América Latina se considera uma área semântico-cultural. A heterogeneidade no processo de organização social após os traumáticos choques de culturas no século XVI faz da sua limitação um conceito de área que ultrapassa o limiar geográfico. Além disso, os deslocamentos internos do campo para a cidade, as migrações no começo do século XX provenientes dos países europeus, do Japão, das comunidades árabes e judaicas, a migração dos latino-americanos para os Estados Unidos e Europa, faz da identidade latino-americana um projeto em permanente reajuste na sua construção cultural, social, econômica e política.

No começo do debate historiográfico, um dos motivos para aprofundar a reflexão sobre a questão de área foi a necessidade de integrar o Brasil no plano da América Latina como um todo. De fato, Antonio Candido e Ángel Rama já divisavam a urgência do projeto. Há um intuito de América Latina, uma delimitação definida pela autopertença consensual de seus habitantes baseada no processo histórico comum a partir de 1492. No entanto, o uso do termo hispanoamérica empregado por Pedro Henríquez Ureña apresentava-se como um critério de organização oriundo do universo imperial hispânico, a ideia de uma linha de continuidade que excluía a colônia lusófona. No século XX, a fronteira sulina dos Estados Unidos até a Patagônia delimitou a área de exploração para o imperialismo norte-americano[20]. Os

[20] Na carta dirigida a Ángel Rama com data de 27 de novembro de 1967, Antonio Candido expressa o seguinte: "Fiquei muito satisfeito por ver que você está regendo a Cátedra de literatura Hispanoamericana; pelo seu estudo, pelo noticiário das atividades e pela excelente revista, vejo que o seu trabalho é de primeira ordem. Agora, você está num posto em que pode trabalhar no sentido do seu velho ideal de entrosamento entre os países da América Latina, de conhecimento mútuo e

países desta região sem distinção de língua ou raça foram invadidos e sofreram intervenções nos seus governos. Desse modo, as ditaduras implantadas comprometeram os países centro-americanos, as Antilhas e a América do Sul, incluindo o Brasil. Esta situação neocolonialista gera outro tipo de solidariedade entre os intelectuais em situação de exílio, pois os artistas e escritores experimentam as coincidências culturais muito mais de perto:

> La experiencia del extrañamiento sirvió a escritores y artistas plásticos para mirar de otro modo su país de origen. Buena parte de las «constituciones» literarias de las naciones latinoamericanas se escribieron desde el exterior: Uslar Pietri la de Venezuela, Miguel Ángel Asturias y Luis Cardoza y Aragón la de Guatemala, Ricardo Güiraldes y Jorge Luis Borges la de Argentina, Vicente Huidobro y Gabriela Mistral la de Chile, todos peregrinos pensando desde lejos el sentido de sus hogares. En esas «ficciones fundacionales», para usar la fórmula con que Doris Sommer nombró los relatos de Domingo Faustino Sarmiento, Jorge Isaacs y José Mármol, muchos adolescentes y jóvenes aprendieron, como dice la autora, a «desear sus países» y valorar los otros de América latina. (GARCÍA CANCLINI, 2014, p. 23)

A mudança nessa observação tem a ver com algumas circunstâncias imperiosas no século XX e, sobretudo, como território do terceiro mundo. Nesse sentido, o Brasil e as Antilhas fazem parte desse território ainda em exploração, que não considera as diferenças geográficas e linguísticas[21], uma vez que o Brasil, o Caribe anglo-saxônico e o francófono se integram à área latino-americana, no contexto do século XX, pelo conceito de América Latina em oposição ao imperialismo, no que tange a sua condição de região dominada por um governo externo. Em consequência, a expressão artística reage com o discurso anticolonialista, a função da crítica, do pensamento, das artes e da literatura se caracteriza no século XX pela sua função social principalmente.

Nesse âmbito das contradições, é preciso destacar outro movimento das comunidades latino-americanas que vão conformando-se nos Estados Unidos na

---

indispensável. O que seremos se não estivermos unidos, diante do nosso terrível vizinho setentrional? A união se processa em todos os níveis, e o da literatura tem um valor que não se pode menosprezar". (ROCCA , 2006, p. 226)

[21] A história do imperialismo na América Latina tem fatos gritantes: Haiti foi invadido em 1915 pelos Estados Unidos, O bloqueio a Cuba começa em 1962, a ditadura de 1964 no Brasil teve seu comando nas políticas anticomunistas do presidente Lyndon Johnson (E.U).

procura do sonho americano, arquétipo sociocultural que provocou na ultima década do século XX uma migração massiva de latino-americanos das classes populares, conformando uma cultura chicana, produtora de uma literatura agora acolhida como objeto de estudo[22]. No âmbito intelectual, os críticos literários participam como professores nas universidades estadunidenses e como professores convidados ou alunos de doutorado nas universidades europeias. O provincianismo do pensamento intelectual latino-americano foi queixa permanente dos intelectuais Baldomero Sanín Cano e Ángel Rama, o deslocamento dos pensadores para outras latitudes por fim liga-os com outras áreas do conhecimento onde podem estabelecer zonas de contato intercultural. Nesse âmbito, a experiência de periferia se sente na pele e se compreendem as relações de dependência na produção do conhecimento[23]. A integração literária tem denominador comum nessa identidade latino-americana e nas suas semelhanças culturais.

1.3.2 O método do comparatismo pelo contraste

O método do comparatismo pelo contraste foi um dos debates mais produtivos dos encontros prévios da *ALPLC*. No começo, as literaturas comparadas foram o marco acadêmico para a realização de um projeto global sobre as histórias literárias em línguas românicas, o que insere a literatura latino-americana como parte deste projeto maior. As literaturas comparadas tiveram em sua concepção um ideal literário comprometido com a zona cultural produtora e, nesse sentido, as literaturas estabelecem parâmetros de comparação a partir da consideração da evolução das literaturas europeias. No entanto, as relações de subordinação incomodavam o pensamento regional. Nesse caso, as carências passaram a ser potencialidades, pois a contradição permanente, a inversão de valores, tudo aquilo que faz diferença, foi o ponto de partida para caracterizar a evolução literária da América Latina. O comparatismo pelo contraste foi a alternativa teórica criada pelos pesquisadores da *ALPLC*; o método proposto teria duas linhas de trabalho, uma intrínseca, em relação às literaturas nacionais, na análise interna de seus sistemas

[22] Este fenômeno vai ser inserido em *ALPLC* no artigo: “Apuntes para la historia de la literatura chicana” do professor mexicano Lauro Flores.

[23] A estabilidade dos intelectuais europeus que transitam pelo seu continente permite uma dinâmica interna de conhecimento entre eles; pelo contrário, os críticos latino-americanos não têm a mesma dinâmica de trânsito no território latino-americano, mas se acham como conjunto ao encarar as mesmas circunstâncias de periferia no continente europeu e nos Estados Unidos.

diferenciáveis, e a outra, na forma de apropriação específica da literatura como expressão continental de culturas heterogêneas.

O comparatismo pelo contraste é uma metodologia afinada com o conceito de transculturação, sendo os processos transculturais os que vão projetar uma grande linha do discurso literário da América no sentido de subverter as estruturas de linguagem de origem europeia a partir das estruturas de linguagem inseridas em outros processos culturais. Desse modo, o projeto rejeita a ideia de influência por considerá-lo um termo que afirma a relação de subordinação e de imitação de padrões literários como única via para determinar a evolução de uma literatura. O contraste permite estabelecer os modos de enunciação e de enunciado como geradores de textualidades ricas na sua diversidade pela presença das tradições africanas e indígenas, principalmente.

1.3.3 Totalidade contraditória

A totalidade contraditória é a categoria que define a presença e o desenvolvimento de diversos sistemas literários na região. Um dos motivos para propor a reestruturação da historiografia literária foi precisamente o posicionamento do sistema culto como o único representativo, sendo ignorados outros sistemas considerados apenas como expressões de folclore - de fato, como um eufemismo de culturas primitivas-; nesse sentido, o conceito de sistema literário desenvolvido pelo crítico Antonio Candido faz reconsiderar a conformação do *corpus* e a capacidade de abordar criticamente esses outros sistemas. As intervenções do professor brasileiro consideraram o parcial desenvolvimento dos estudos críticos e a necessidade de incluir o estado atual da pesquisa nesses outros sistemas. Por enquanto, na organização de *ALPLC,* aparecem como sistemas diferenciados. Essa totalidade contraditória ultrapassa o critério linguístico no seu sentido de escrita por considerá-lo excludente da história das literaturas latino-americanas, uma vez que despreza a produção oral que é relevante na sua constituição. Este é o motivo que faz deste momento ainda um projeto historiográfico para uma história possível da literatura latino-americana. Vinte e dois anos após a publicação do primeiro volume, o estado atual dos estudos no campo da literatura popular, oral e os outros sistemas tem uma inclusão mais contundente.

1.3.4 Interdisciplinaridade nos estudos literários

O estatuto de ciência literária concedeu à literatura um lugar para o desenvolvimento formal de pesquisa. Na sua época, foi uma alternativa para atingir um prestígio como campo do conhecimento e das artes. Em relação à historiografia latino-americana, a abertura do objeto da literatura fora dos limites da escrita exige outro tipo de formação e de parceria acadêmica. Por outro lado, o interesse da antropologia e da sociologia pelas literaturas orais traz para o campo literário um sentido interdisciplinar e abre as fronteiras para a intervenção de críticos com formação em outros campos das ciências sociais. A diversidade nas áreas de conhecimento ampliou a perspectiva, entendendo a literatura dentro do processo social e como parte da história sociocultural, porém a linha imanente que isolava a literatura dos fenômenos sociais não teve mais sucesso dentro da crítica literária. No que confere sobre uma história possível da literatura para a região se disse:

> Cien años después, ya adulta, la historiografía literaria hispanoamericana se presenta hoy como un reto y una tarea a cumplir, por parte de grandes equipos interdisciplinarios, para acceder a lo que podría llamarse *la historia posible* o, sencillamente, como tantas cosas en nuestra América, la historia *por hacer*.
> Más allá de las escisiones metodológicas y conceptuales, con el aprovechamiento de una abrumadora teorización que prolifera en revistas pero no llega a la praxis historiográfica, creemos que en América Latina, justamente por motivos de vacío, existen hoy condiciones propicias para emprender un nuevo proyecto de historiar nuestra literatura en forma global. (MILIANI, 1987)

Sempre na perspectiva do futuro da história possível, a formação literária precisaria então de uma formação interdisciplinar e a abertura dentro das faculdades de outros tipos de disciplinas. Nesse sentido, fala-se de uma história cultural da região como um projeto pertinente, não em vão se inclui em uma linha equilibrada desde o título, palavra, literatura e cultura, pois isso enriquece a compreensão da historiografia e o conhecimento da cultura no contexto latino-americano. A amplitude do *corpus* retira os privilégios do sistema escrito culto que tradicionalmente dominou a representatividade da literatura latino-americana ao reconhecer nesse mesmo território outros sistemas como as literaturas indígenas e as literaturas populares, o

que repercute no *corpus,* mesmo na atenção para outros gêneros literários, códices pré-colombianos, literaturas orais, gênero epistolar, ensaios, além da crônica, diários de viagem até a música popular. A delimitação do *corpus* se estabelece sobre a recepção em perspectiva histórica que se tem do literário.

1.3.5 A periodização

Uma vez estabelecida a não organicidade da história da América Latina, propõe-se o desenvolvimento do processo criativo nas suas formas discursivas. A função estética, em uma perspectiva histórica, poderia ser o determinante de um conceito de período. Em que pese existir uma crítica para pensar o fato histórico como determinante do processo literário, a organização das temáticas ainda está presa às nomenclaturas convencionais. A organização então vai e vem entre períodos de dependência política e a determinação dos movimentos estéticos, quer dizer, as condições da escrita dependem da sua relação com a metrópole e dentro dela os contrastes, os processos de transculturação e o desenvolvimento de outros sistemas definidos em umas formas estéticas às vezes coincidentes com a literatura europeia (na verdade, francesa, hispânica ou inglesa, principalmente). Na sequência dos volumes, a situação colonial e a emancipação do discurso estão ligadas à relação política, mas, no terceiro volume, *Vanguarda e modernidade*, o viés é com referência à estética, porquanto se percebe uma virada sobre o fenômeno literário mais concentrado nas nomenclaturas tradicionais. De fato, é o terceiro volume o que se dedica aos outros sistemas literários e trabalhos monográficos pelo gênero. A periodização é o ponto mais fraco, em relação ao debate historiográfico, entre as questões desenvolvidas pela *ALPLC*.

1.3.6 A função da literatura

Finalmente, está a questão que norteia o objeto de uma história da literatura da América Latina. A relação que constrói uma sociedade forçada a se inventar a partir da heterogeneidade cultural, isto é, os modos como a expressão da palavra nos diferentes âmbitos da cultura ou dessas heterogeneidades vão se transformando em expressões próprias da cultura latino-americana como totalidade. A literatura como transgressora da dominação colonial, a literatura como arma na

ruptura e emancipação, a literatura em relação à construção da nação, a literatura como reveladora da heterogeneidade, a literatura como síntese da cultura consolidada, a literatura na preservação da cosmovisão da região. Finalmente, a historiografia consegue ser um fio articulador da contradição ao distinguir o papel da expressão da palavra nos diferentes momentos da conformação sociocultural da América Latina.

Em conclusão, a partir do material coletado na *ALPLC*, pode-se tentar outra leitura, isto é, reconhecer como esses sistemas convivem na consolidação de um sistema maior, que se denominaria como o polissistema literário latino-americano; nele, haverá pontos de contato mais o menos visíveis entre uns e outros sistemas. Para exemplificar, a literatura pré-hispânica indígena aparece no sistema literário culto nas primeiras décadas da conquista como registro e crônica, silenciada como escrita na vida social da colônia (séculos XVII e XVIII), mas sobrevivendo na oralidade. Depois, no século XX, reaparece na sua vitalidade com autores de comunidades que adotam a escrita como forma de registro, mas na expressão de formas particulares da sua cosmovisão ancestral. No entanto, no interior das comunidades continua se desenvolvendo na elaboração de epopeias que registram os acontecimentos após a conquista até a atualidade. Nesse caso, o modo de abordagem do sistema literário indígena corresponderia a um processo de longa duração que se relaciona com outros sistemas no momento de circulação como registro escrito [24].

[24] Ángel Rama cita um exemplo de transculturação em *Antes o mundo não existia*, de 1980, a partir da experiência de transcrição das histórias da criação do mundo do povo Desâna da Amazônia Brasileira, escritos no código linguístico em língua desâna pelos autores da comunidade Tolamãn Kenhíri e Umúsim Panlõn Kumu. O texto foi escrito por eles mesmos em português, com a ajuda da antropóloga Berta Ribeiro na parte da publicação. Infelizmente, na catalogação o nome da antropóloga aparece como se fosse a autora.

2 A ÁREA CULTURAL NA INTEGRAÇÃO DO CARIBE

porque no es verdad que la obra del hombre haya terminado
que no tengamos nada que hacer en el mundo
que seamos unos parásitos en el mundo
que basta que nos pongamos al paso del mundo
pero la obra del hombre ha empezado ahora
y falta al hombre conquistar toda prohibición
inmovilizada en los rincones de su fervor
y ninguna raza tiene el monopolio de la belleza, de la inteligencia, de la fuerza
y hay sitio para todos en la cita de la conquista y ahora sabemos que el sol gira alrededor de nuestra tierra iluminando la parcela que ha fijado nuestra sola voluntad y que toda estrella que cae del cielo a la tierra a nuestra voz de mando sin límite.

AIME CESAIRE

Colonization in Reverse

Wat ajoyful news, Miss Mattie,
I feel like me heart gwine burs
Jamaica people colonizin
Englan in reverse.
By de hundred, by de tousan
From country and from town,
By de ship-load, by de plane-load
Jamaica is Englan boun.
Dem a pour out a Jamaica,
Everybody future plan
Is fe get a big-time job
An settle in de mother lan.
What an islan! What a people!
Man an woman, old an young
Jus a pack dem bag an baggage
An tun history upside dung!
Sorne people doan like travel,
But fe show dem loyalty
Demall a open up cheap-fare
To-Englan agency.[25]

LOUISE BENNETT

[25] **Colonización al revés**
Qué buena noticia, Miss Mattie,
siento que me estalla el corazón
a Inglaterra le estamos
revirtiendo la colonización.
Por cientos, por miles
del campo y la ciudad,
por aire y por mar
Jamaica a Inglaterra va.
Salen de Jamaica por montones,
y todos tienen este plan:
conseguir un buen trabajo
y a la madre patria colonizar.
¡Vaya isla! ¡Vaya gente!
Hombres, mujeres, niños y viejos
ponen la historia de cabeza
con sólo juntar sus trebejos.
Algunos no quieren viajar,
mas para mostrar su lealtad
ofrecen boletos baratos
para Inglaterra alcanzar.
Traducción de Adriana Santovefla

No presente capítulo, se assinala como o debate teórico produzido durante a segunda metade do século XX possibilitou a desconstrução do conceito de América Latina como região geográfica e linguística, já que o vínculo colonial demarca ainda o que se considera o seu território. Em contraste, a mudança na teoria da história da literatura para a região amplia as características linguísticas e geográficas para considerar a cultura e o processo histórico como denominadores comuns que configuram a América Latina.

No período em análise, os latino-americanistas assumiram a construção teórica a partir da falha no conceito de unidade como eixo central, ou seja, desistiram de forçar a realidade histórica para se adaptar ao padrão teórico europeu e, deste modo, compreender a dinâmica regional com os próprios fenômenos da realidade latino-americana: processos de mestiçagem, níveis de transculturação, organização dos grupos sociais, circulação de livros, bibliotecas, administração colonial, evangelização, entre outros. Nessa perspectiva, é possível afirmar como as diferenças na natureza desses processos determinaram os rumos literários de cada um dos países (ou sub-regiões culturais) na sua expressão literária continental. Essa rede de conceitos pode ser instável, pois a organização do discurso narrativo no âmbito historiográfico dá conta da transformação das sociedades numa lógica temporal e espacial que se prende às variáveis para a justificativa de um presente inquestionável. De outro lado, a teoria proposta parece transladar-se aleatoriamente entre uma diversidade de tempos, nações, línguas e processos históricos sobre a base de uma identidade cultural ainda em definição. Repensar a história da literatura leva a estabelecer critérios muito amplos, pela coerência teórica, através dos quais se identifiquem traços comuns aos fenômenos literários, e, assim, proporcionar uma densidade maior ao projeto da identidade latino-americana. A questão está em como integrar o heterogêneo.

A presença do Caribe insular na história da literatura latino-americana se reduz ao protagonismo da ilha de Cuba. A produção literária das Antilhas menores, não hispano-falantes, aparece brevemente na literatura latino-americana, embora sua produção literária e intelectual seja relevante para o panorama literário na região e nos estudos transatlânticos[26]. Nas Antilhas, nas décadas de trinta e quarenta,

construíram-se os conceitos de negritude, antilhanismo, indigenismo[27] e realismo maravilhoso haitiano, que discutem a especificidade da expressão literária da região. São conceitos com uma perspectiva ideológica, estética e cultural que contribuíram para a construção da identidade literária das ilhas. A inclusão do Caribe confirma a vontade de construir um novo discurso historiográfico que modifique de vez a relação entre língua e área cultural.

As ilhas maiores têm historicamente uma forte influência sobre a América continental: a ilha de Cuba permaneceu desde o começo dentro do sistema por sua relevância no desenvolvimento da literatura continental; a ilha da Espanhola (atualmente dividida entre o Haiti e a República Dominicana) se destacou no século XVIII como o centro difusor das ideias da Revolução Francesa e por sua emancipação e abolição da escravidão; a Jamaica ainda é mencionada por ter sido o recanto para o planejamento da campanha libertadora do caudilho Simón Bolívar. Assim, os aportes das ilhas maiores do Caribe são primordiais para o movimento intelectual da região. No entanto, o panorama apresentado nas histórias literárias deixa uma serie de silêncios e suposições, já que ainda se conserva a divisão administrativa e linguística dos impérios europeus no aspecto literário, isto é, se privilegia a literatura em língua espanhola como a mais representativa da literatura latino-americana, conformada pelos Vice-Reinos do império hispânico. Em contraste, as literaturas das Antilhas, escritas nas línguas híbridas do inglês, francês e holandês ainda não foram descritas e periodizadas com o mesmo rigor no que tange à literatura latino-americana. Para se considerar o Caribe como parte desse sistema, é necessário reconhecer a existência dos sistemas francófono e anglo-saxônico,

---

[26] A pesquisa sobre as relações transatlânticas na cultura se desenvolvem sobre a perspectiva dos elos históricos das antigas colônias com as metrópoles. O termo transatlântico possui uma significação especial na França, das relações determinadas pela história colonial e, sobretudo, pela existência ainda de departamentos franceses do ultramar.

[27] Sobre o conceito, se explica no artigo "¿Qué es el indigenismo Haitiano?" de Glodel Mezilas: "A diferencia del latinoamericano, el haitiano es un indigenismo sin indígenas o que connota un concepto metafórico de indígenas (los haitianos), en el sentido de que son los dueños del país frente a toda intervención imperialista. No remite a una "cuestión indígena", una política oficial a favor de los indígenas. No es una corriente literaria que idealiza románticamente al indígena. No es tampoco la resignificación o la apropiación del concepto indigenismo desde el contexto geocultural haitiano o una política conservadora para aglutinar la identidad cultural de los indígenas y lograr la homogeneidad cultural y étnica de la sociedad bajo las pautas de la civilización occidental. El de Haití, se trata de un movimiento de liberación de la cultura popular: de ahí su expresión y su manifestación en los diferentes ámbitos de la expresión literaria. Es un movimiento que da preeminencia a la voz popular como depositaria de los valores nacionales". (MEZILAS, 2008, p. 30)

considerando que sua vizinhança geográfica e sua condição colonial os aproximam da identidade latino-americana.

Além disso, o conceito de Estado-nação, como critério para delimitar a produção literária de uma comunidade, é insuficiente para se referir á região do Caribe, pois nem todas as independências se deram por intermédio da luta dos exércitos, nem todas as colônias aspiraram ou conseguiram a sua emancipação. Até o século XX, as Antilhas foram parte do estado europeu mesmo sendo nações com autonomia interna. A título de exemplificação, as três ilhas maiores das Antilhas holandesas, Curaçao, Aruba e São Martinho, foram reconhecidas plenamente como territórios autônomos do Reino dos Países Baixos apenas em 2010. Outra situação inclassificável acontece com a ilha da Martinica, Departamento de Ultramar da França, onde se experimenta uma tensão entre o francês peninsular e a língua crioula como língua literária. Neste caso, não se consegue determinar o ponto de partida da história da literatura nacional ao relacionar a língua do império e a hibridez linguística desenvolvida nas Antilhas. Assim, se desvanece ainda mais a relação entre unidade linguística, Nação e Estado. Com base nessas circunstâncias, constam da *ALPLC* três artigos sobre o Caribe, todos eles escritos a partir da perspectiva da comparação por contraste, que permite enxergar melhor os pontos de encontro com a literatura da região, além das especificidades que possibilitam considerá-los como sistemas literários diferenciados, mas em relação com os demais da mesma região.

2.1 Descrição dos artigos

Três artigos se referem especificamente à região do Caribe insular, o primeiro deles é intitulado *A literatura cívica: o caso de Haiti, literatura militante en el siglo XIX,* do segundo volume *Emancipação do Discurso.* O artigo foi redigido pelo professor haitiano Maximilien Laroche e atribui à literatura do século XIX uma função social militante que se manifesta contra o imaginário negativo da escrita dos estrangeiros europeus. Os viajantes descrevem o território haitiano como uma paragem perigosa, com povos canibais que praticam o vodu e a magia negra. Segundo o artigo, o povo precisou conquistar de novo a consciência de liberdade, e isso se manifesta na expressão literária com temáticas que abordam indiretamente o

conflito social, desenvolvendo histórias em outros cenários e outras épocas. Surgem, assim, relatos sobre países alheios e reinos que se erguem e conquistam sua liberdade. Em resposta à visão do europeu, a literatura que se produz na ilha celebra o orgulho haitiano, que, em palavras de Laroche, consiste em “la exaltación en sus celebraciones del orgullo haitiano por haber conquistado, a través de importantes luchas, la libertad sobre las fuerzas esclavistas” (LAROCHE, 1994, p. 121). Embora o Haiti tenha sido a primeira ilha a conquistar a sua independência (1804), o autor explica o sentimento do povo submetido de novo ao poder dos Estados Unidos (1915 até 1934) por meio da imagem do *cimarrón* (quilombola), aquele escravo fugitivo que se ocultou para fundar seu próprio território que, no entanto, ainda sofre um sentimento de liberdade ameaçada. Esta situação reaviva a condição de colônia no plano concreto das relações sociais e por extensão no âmbito da expressão literária. É desse modo que o Haiti continua em situação colonial semelhante à das outras Antilhas.

O artigo estabelece uma oposição entre a escrita negra e a escrita branca, sendo o olhar do europeu sobre o território uma imagem do exótico que ignora o desenvolvimento singular do povo haitiano na sua luta pela liberdade. Nesse período do começo do final do século XX, os escritores fizeram um esforço para ganhar a independência na expressão através da linguagem literária. Laroche destaca a poesia como a forma expressiva mais imediata, e atribui ao romance um desenvolvimento tardio, já que o Haiti carecia de uma indústria editorial e de um público leitor, elementos imprescindíveis para conformar o sistema literário da escrita.

O segundo artigo se refere a *El Caribe francófono.* Escrito também por Maximilien Laroche, o ensaio aborda três textos relevantes no sistema da literatura antilhana, que interferiram no panorama literário da América Latina. O primeiro texto é *Cuaderno de retorno al país natal* (1938), do martinicano Aimé Césaire (1913-2008). Laroche destaca deste poema o lugar da ideologia como forma da renovação literária. O conflito entre a língua peninsular e a língua crioula como língua local se resolve na composição poética que descansa na fala vital do insulano, que se recusa a imitar o padrão cultural francês para retornar “al país local, a los valores ancestrales y a los modelos nacionales” (LAROCHE, 1995, p. 523). A trajetória de

Césaire liga-se ao movimento indigenista haitiano responsável pela publicação de *La Revue indigené* (1927-1928). A situação do oprimido, a busca da originalidade e a resistência racial estabelecem uma sensibilidade comum entre antilhanos francófonos e latino-americanos hispano-falantes. Essas condições geram uma expressão poética transformadora do mundo por meio da palavra, valor atribuído à poesia de Césaire.

A voz poética, no poema referido no parágrafo anterior, procura se libertar da herança do velho mundo, abandona a imagem do exotismo que tem os europeus sobre a ilha e que alguns poetas por esta mesma época se empenhavam em imitar na língua peninsular, para se constituir na voz do descolonizado que se junta ao que acontece no continente latino-americano. Desse modo, o gesto poético rejeita o padrão da tradição imposta e se manifesta em língua crioula como a nova língua poética. Césaire eleva o conflito ao conceito de negritude, uma representação dos negros construída por eles mesmos, que recusa a forma como têm sido representados pelos outros. A poesia ajuda a compreender como o povo tem sido compelido a imitar o padrão cultural, o “dever ser” do negro na sociedade branca. Esse momento da literatura antilhana coincide com o indigenismo hispano-americano e o negrismo cubano. Nesse sentido, se explica a produção poética das Antilhas, a presença de uma literatura nacional que traduz uma aspiração coletiva na qual o publico é inspirador e, ao mesmo tempo, destinatário, isto constitui o seu sistema literário.

Outro assunto que o texto aborda é a condição da escrita na diáspora. Laroche informa sobre os encontros de Césaire na Europa com a comunidade africana, de seus contatos com os cubanos Alejo Carpentier, Nicolas Guillén e Wifredo Lam, todos colaboradores da revista *Tropiques*, de Aimé Césaire. Este aspecto é interessante para uma melhor compreensão do desenvolvimento da literatura continental, pois foi nessas comunidades de migrantes que se aprofundaram os sentimentos da identidade latino-americana. Além da língua que se fale, no exílio europeu e norte-americano, a condição de habitantes dos países do terceiro mundo do Continente Americano é compartilhada, indiferentemente de seu nível sociocultural. Os escritores no exílio saíram de seus países com uma consciência crítica sobre o imperialismo exercido nos países do sul. A literatura e a

produção teórica se assumem como um ato de resistência política e de plena definição da vontade de uma região com pensamento autônomo.

O segundo texto analisado por Larroche é o romance *Gobernadores del rocío,* publicado em 1936*,* do haitiano Jacques Roumain (1907-1944). Com esta obra, Laroche aborda o tema da renovação estilística. No romance realista haitiano de começos do século XX, a linguagem de campesinos foi ridicularizada. Com a aparição do romance de Roumain se consegue, segundo Laroche, dar à creolização do francês a verdade que faltava. A inovação de Roumain consiste em dar voz aos personagens em língua verossímil. A adoção da "cor local" transforma a linguagem do império, a língua do dominado deixa de ser língua mal falada para se posicionar como língua literária. Esse assunto coincide com o objetivo de Aimé Césaire. Assim, ao longo do texto, Laroche constrói um critério para a compreensão das literaturas da região, pois escolhe como obras-primas aquelas que atingem a expressão na combinação da oralidade da língua crioula com a da escrita literária. Nesta ordem, a linguagem popular, produto da transculturação, constitui a consolidação de uma literatura nacional.

A liberação da linguagem faz parte, segundo Edouard Glissant, da teoria do antilhismo. O termo recupera o enfrentamento das línguas como uma caraterística fundamental das nações do Caribe, "sea cual fuere la lengua, dice Glissant, francés, inglés o español, los pueblos del Caribe hablan en las diferentes lenguas europeas el mismo lenguaje" (LAROCHE, 1995, p. 529). Esta conclusão pode-se estender ao território latino-americano para reconhecer o contato cultural que existe desde os primórdios entre a região insular e continental. Desse modo, se retoma o conceito geral de *ALPLC* sobre significações culturais comuns para definir a região cultural da América Latina. No caso das Antilhas, considera-se esta mudança da língua literária a partir da linguagem local como um sucesso ideológico e, por sua vez, estético, pois, no estilo da linguagem, manifesta-se essa ideologia da recuperação. A tradução à linguagem vernácula do padrão da linguagem dominadora, significa para o dominado o alcance da mesma dignidade através da literatura.

Gobernadores del rocío, constitui-se como romance exemplar da literatura em língua crioula, uma obra que abre a consciência dos escritores e dos leitores sobre o

modo de representar o real em uma forma antilhana e singular de linguagem. A importância do romance dentro do *corpus* latino-americano manifesta-se na medida em que foi incluído, em 2004, na Biblioteca Ayacucho, coletânea dedicada à publicação de clássicos latino-americanos, o que é um bom sinal sobre a relevância desse romance para a crítica literária do continente.

Finalmente, é nas definições de Jacques Stephen Alexis (1922 – 1961) sobre o real maravilhoso que o sistema antilhano aporta para o campo da crítica uma maior caraterização estética da região. Segundo Laroche, Alejo Carpentier desenvolveu a ideia do real maravilhoso, embora Stephen Alexis já tivesse produzido, em seu contexto insular, conceitos similares, isto é, ambos os escritores a partir de suas experiências chegam a ideias sobre o modo de representação do real genuíno da América Latina. A expressão realismo maravilhoso declara um afastamento intencional do realismo europeu de teor positivista. A percepção da realidade nas obras *Pedro Páramo, El reino de este mundo* e *Los árboles músicos,* se distancia do estatuto objetivo presente no ícone do realismo francês Gustave Flaubert.

No ensaio “El realismo maravilloso de los haitianos”, Alexis apresenta o distanciamento com o conceito de negritude. Nesse caso, Alexis se afasta do conceito ligado à raça para acolher uma alternativa humana. A diferença, aparentemente sutil, está carregada de toda uma mudança no tocante aos particularismos que atendem à reivindicação de um grupo submetido por outro, para direcioná-lo a uma perspectiva que valoriza a contribuição do povo haitiano para a humanidade. Esse novo ponto de vista permite sair do esquema de culpas e reivindicações para atingir um sentido que envolva a humanidade. Nas palavras de Laroche, “lo real maravilloso descubierto en Haití no era únicamente americano sino simplemente humano” (LAROCHE, 1995, p. 533). A proposta atravessa o campo ideológico para chegar a uma ideia estética: o modo de representação do real a partir da perspectiva latino-americana não se refere ao passado, mas ao futuro, como uma estética possível para descrever um mundo que muda. Sobre os argumentos de Alexis, Laroche indica como o regionalismo “puede ser universal y, en el mejor, que el universalismo puede ser también definido desde aquí como desde cualquier otro lugar” (LAROCHE, 1995, p. 534). Desse modo, os

modernismos, os indigenismos, as negritudes e os negrismos são formas de perceber diversos realismos. Essa é a resposta à integração dos conceitos de diversidade e totalidade para denominar o traço principal da literatura da América Latina e do Caribe. Em suma, a interpretação de Laroche produz outro critério para reconsiderar a forma de historiar a literatura da região. A base considerada a formadora da cultura nacional é o povo mesmo. No *Manifesto pelo realismo maravilhoso dos haitianos,* Alexis expõe:

> Permaneceremos fiéis, até a mais ampla demonstração, à fórmula segundo a qual o povo, tomado em sua massa, é a única fonte de qualquer cultura viva; ele é de alguma forma a sua base, o fundamento do qual brotam os aportes dos homens de cultura; é preciso acrescentar que, muito seguidamente, estas projeções individuais de um sentido nacional do belo projetam-se de tal forma sobre as bases que as condicionam, que esta base é, ela própria modificada. (ALEXIS, 1956).

Em contraste com o modo de desenvolvimento da literatura do continente que se estabeleceu a partir da cidade letrada, as literaturas das Antilhas aceitam sua origem no berço do povo, considerando a mestiçagem a partir dos povos tainos, *chemés* e dos povos africanos; a isto acrescentam-se as semelhanças no seu desenvolvimento da organização econômica e social que permitiram um diálogo melhor entre essas culturas. Segundo Alexis, o reconhecimento do aporte indígena para a Ilha foi fundamental, sobretudo no desenvolvimento da técnica, mais uma ideia que contrasta com as histórias de extermínio dos povos. Assim, Alexis apela para a ideia da permanência da cultura, ideia muito semelhante ao conceito de longa duração desenvolvido por Braudel para a história da Europa.

Laroche encerra a sua colocação explicando as relações literárias entre as Antilhas e o continente. Nesse caso, projeta Cuba como uma dobradiça entre as Antilhas e o resto do continente. A ideia de configurar uma identidade latino-americana se faz necessária quando o exilado se encontra na metrópole; dessa maneira, ressalta-se o encontro dos escritores antilhanos com outros latino-americanos e africanos em Paris, no âmbito universitário e nas revistas literárias. Também a condição de exílio resulta importante no momento de falar da circulação de ideias, circunstância determinante para o desenvolvimento da crítica, da teoria e

da expressão literária da América Latina no século XX. Laroche destaca a dupla relação que têm as Antilhas com a região, por um lado, a relação com a metrópole francesa que historicamente lhe corresponde e, por outro lado, a região americana com a qual compartilha a cor da pele. Seguindo essa ideia o aporte das Antilhas para América Latina é na ordem ideológica, estética e política. A relação entre esses três aspectos foi característica da produção literária da América Latina durante o século XX e os escritores cultivaram de forma contundente essa tripla relação.

O terceiro artigo *Oralidad y poesia: el acriollamiento de la lengua inglesa en el Caribe*, do professor cubano Emilio Jorge Rodríguez, aborda o sistema anglo-saxônico e estabelece as diferenças nos modos de colonização inglesa na América. Com a economia de enclave,[28] o contato cultural entre o colonizador e a povoação escrava foi quase inexistente. A forma de assentamento dos peninsulares lusófonos e hispânicos, pelo contrário, permitiu o convívio das duas culturas e seus respectivos processos de miscigenação e transculturação. Nas colônias inglesas, a separação foi radical inclusive na diglossia, já que os ingleses não tiveram intenção de evangelizar o povo e, em consequência, não desenvolveram processos de alfabetização, aspecto que foi indispensável para as companhias religiosas hispânicas e lusófonas predicarem a doutrina cristã. Com o objetivo da evangelização, eles usaram todo tipo de recursos linguísticos para espalhar a palavra desde o ensino da língua, composições de autos e hinos na língua indígena, abertura de escolas de alfabetização, até impor o próprio regime da escrita. Diferentemente, o nível de analfabetismo nas colônias anglo-saxônicas criou uma distância entre a língua crioula e a língua da metrópole. Assim, o desenvolvimento da oralidade foi o veículo para a evolução linguística e o desenvolvimento de uma tradição literária na estrutura social americana, o que mais adiante foi a construção da sua identidade nacional no século XX.

Nas colônias inglesas não houve uma divisão da literatura culta, pois nesses pequenos territórios insulares não houve grandes centros urbanos, seu povoamento

[28] A economia de enclave no Caribe foi semelhante à aplicada às plantações na América continental, com monocultura (açúcar, tabaco ou algodão) com mão de obra escrava, mas se diferencia porque foi administrada na ausência dos seus donos. Toda a produção alimentava os mercados das metrópoles e não permitiram a geração de outras atividades econômicas. Enfim, não houve assentamento de brancos.

foi em zonas afastadas, na estrutura das plantações e monocultura da economia de enclave. A sua composição de classe é de ampla base africana e uma minoria branca. A escrita estava restrita à língua da metrópole, o nativo falava em língua crioula, mas com o conhecimento da escrita da língua peninsular. No entanto, o afastamento favoreceu o desenvolvimento dessa literatura crioula no sentido da autonomia, pois os ingleses não tinham interesse de participar de qualquer contato. A oralidade tem sua fonte no ritmo africano, a língua vernácula transmite o ritmo interno da fala através da encenação da palavra.

Pouco se indagou sobre o fenômeno do bilinguismo das minorias e das classes populares. No sistema anglo-saxônico, a diferença foi radical. Cada língua tem o seu espaço social. Quando a educação foi regularizada, isso gerou uma educação mimética para a reprodução da língua imperial, o que acrescentava ao cenário o fenômeno da aculturação. Em uma comparação por contraste, os primeiros regionalismos na literatura latino-americana estabelecem uma distância do escritor (da cidade letrada) que observa e tenta registrar o dialeto, mas sem se misturar. Eis o olhar antropológico que ainda considera o dialeto como uma língua mal falada, mas carregada da cor local do povo, o que conforma o folclore de uma nação sem confundi-la com sua expressão literária. Nas Antilhas inglesas no século XX, começa a mudança na produção literária em língua crioula. Historicamente, o fenômeno se localiza na etapa da descolonização, isto é, na eclosão de movimentos e lutas populares e da formação de partidos nacionalistas no Caribe, no momento propício para pensar no estabelecimento de uma língua nacional. Na experiência do Caribe anglo-saxônico, o gesto regionalista usa o código escrito para representar esteticamente a tradição oral e a fala da comunidade. Um exemplo disso é a contribuição da artista Louise Bennett,[29] que fez seu trabalho no interior da língua, pois, embora conhecesse a língua britânica, foi a necessidade interior de expressar sua experiência cotidiana na língua crioula jamaicana que a levou a criar uma personagem desajeitada, falando a partir do ponto de vista da sabedoria popular os assuntos do povo. A categoria de transculturação toma outro rumo. A experiência de

[29] Louise Bennett (Kingston, 1919 - Toronto, 2006), foi uma artista jamaicana que levou de diferentes formas a língua crioula ao palco. Com a criação de seu personagem, Miss Lou, elaborou uma poesia desajeitada, rítmica e burlesca. Sua voz poética emancipada é ainda decorada pelas novas gerações jamaicanas como parte de seu acervo cultural. Além disso, seu trabalho foi reconhecido internacionalmente.

colonizado das Antilhas inglesas se liga com a América pela herança africana, mas a transculturação aparece de outra forma, sobre a construção de uma segunda língua.

O artigo de Rodríguez continua com a comparação de dois autores: por um lado, Kamau Brathwaite[30], que vai para a história dos africanos do povo *ashanti* e os seus métodos de composição própria das culturas orais primárias. A sonoridade musical afro-americana é uma caraterística estética, o que lembra a origem da poesia. Nesse caso, é pura melopeia, a poesia através de outros formatos de registro recupera sua essencialidade sonora, às vezes esquecida no registro culto da escrita silenciosa. O formato do registro sonoro valeu-se do desenvolvimento das tecnologias[31] para aprimorar a qualidade poético-sonora que não se consegue representar no registro do livro. As possiblidades tipográficas também foram um recurso como a forma visual de representar a curva de entonação para a leitura em voz alta ou para a declamação; de outro, a poesia de Derek Walcott, pelo contrário, revela a assimilação dos traços ancestrais como forma de aprender um antilhanismo com vontade universal. Desse modo, seu domínio da língua peninsular não o impede de falar da experiência jamaicana e de expressar sua condição cultural.

Além disso, a recuperação da musicalidade na poesia vincula-se aos rastaféris, ao reggae e à poesia *dub.* Toma do movimento rastafári[32] a terminologia e elabora junto à língua crioula uma fonética, novas formas gramaticais, no vocabulário rastafári, semelhantes às buscas da vanguarda literária. A poesia *dub* são poemas construídos em ritmo *reggae,* associa-se ao negrismo hispano-americano[33] pela incorporação do universo rítmico das línguas africanas, suas

[30] Edward Kamau Brathwaite (Barbados,1930) uma das principais vozes no Caribe literário. Professor de Literatura Comparada na Universidade de Nova York, foi o co-fundador do Caribe Artistas Movement (CAM). Ele recebeu tanto o Guggenheim e quanto o Fulbright Fellowships em 1983; foi vencedor em 1994 do Prêmio Internacional Neustadt de Literatura, o Prêmio Bussae, o Prêmio Casa de las Américas para a poesia.

[31] Na atualidade, a poesia jamaicana está registrada em gravações sonoras, em vídeo, com os arranjos da produção musical.

[32] Movimento religioso que acredita no convívio com a natureza, rejeita a organização da igreja, mas promove a leitura e interpretação individual da *Bíblia*.

[33] Sobre o ritmo africano, leia-se a poesia de Nicolás Guillen. Além disso, aqui no Brasil, o desenvolvimento da cultura rastafári e do reggae é um fenômeno atualmente abordado como tema de pesquisa. Há, pelo menos, dois trabalhos de dissertação, Unicamp, 1992, do professor e músico Carlos Benedito Silva Rodriguez, e uma tese da área da fonologia.

invocações litúrgicas na compreensão da cultura e da sociedade nacional[34]. A poesia vira um evento social como uma forma da expressão fonética de caráter coletivo. A diferença com a língua peninsular está na sua modulação fonética, pois a poesia no Caribe se grita, não é lida passivamente.

Em consequência, nesta poesia não se considera o instável como um defeito do efêmero ou como impossibilidade para ser estudada ou registrada; pelo contrário, nesse processo, vale-se da tecnologia. Em contrapartida, o olhar acadêmico no tocante aos estudos orais considera como obstáculo o registro da oralidade que, por seu caráter instável não é admitido como literatura. De acordo com Walter Ong, a produção das Antilhas é uma oralidade secundária deliberada e autoconsciente. Os estudos africanos levam a vantagem sobre os estudos orais na América Latina. É importante, para o conhecimento da produção americana, aprofundar o estudo sobre a influência do aspecto genético de procedência africana nas práticas culturais do Caribe. Os acadêmicos africanos contribuíram para o estudo, estabelecendo alguns dos componentes que intervêm na produção poética, isto é, valores estéticos do imaginário africano, relação do poeta/ narradores orais/ griot, a semiótica gestual, o acompanhamento musical, a relação com o auditório, o que proporciona uma virada nas concepções eurocêntricas sobre a poesia.

Essa diversidade na expressão e nas vertentes literárias permite-nos compreender o desenvolvimento na atualidade de performances com a palavra, que às vezes são assumidas com superficialidade, mas, ao enxergá-las como verdadeiros processos culturais com raízes aprofundadas nas identidades dos povos e das tradições preservadas, ficam muito perto da idiossincrasia latino-americana. Essas formas confrontam de novo a cultura, a lei e a moral. Eis o conflito. Por um lado, nossas práticas são heterogêneas, mas ainda estudadas a partir de concepções homogêneas. Aqui de novo o instável do texto é uma vantagem, pois o texto se recria, se transforma em cada interpretação para que viva a palavra: fixa no livro a palavra dita em voz alta e se liberta para, após, se revitalizar.

[34] A contribuição da música latino-americana para a música mundial está vinculada aos ritmos do Caribe, principalmente *salsa*, *bolero, reggae*. São manifestações culturais próprias da região e pelas quais nós nos reconhecemos como latino-americanos.

A proposta sugere pensar mais seriamente a ligação da escrita e da oralidade como prática, não somente como registro da oralidade na escrita, mas da oralidade como o veículo daquilo que se escreve. Por outro lado, a cena produz a catarse coletiva diferente da experiência estética individual, desafiando a individualidade criativa do poeta ocidental. O poeta nacional contemporâneo nas Antilhas, além da sua arte na composição deve ter qualidade na sua expressão. O poeta da escrita, por sua vez, baseia seu estilo na qualidade da sua escrita, embora nosso contexto acadêmico seja preconceituoso, ao não dar importância à personalidade do autor pois se considera que nada tem a acrescentar o fato de conhecê-lo em seu agir como personagem público[35]. Na literatura do sistema do Caribe, o prestígio do escritor também está relacionado à sua habilidade de interpretação, na força como comunica sua poesia, pois o poeta fala em voz alta e age como declamador, ele é conhecido e convoca a multidão[36], estabelecendo uma ruptura com a cidade letrada. O poeta não é o rejeitado como no capitulo X da *República,* ou o poeta sem a auréola da modernidade, pelo contrário, será o xamã, o reavivador da cultura.

Infelizmente, o afastamento desse sistema faz com que não se tenha muito material traduzido para o espanhol ou para o português, embora se tenham antologias poéticas do Caribe. Finalmente, Rodríguez faz menção aos seguintes livros: *Sensemayá: la poesia negra en el mundo hispano-falante* (1980), coletada por Aurora de Albornoz e Julio Rodríguez Luis, *Poesia Atlántica*, organizada por Julio Valle-Castillo, sobre a poesia da Nicarágua, *Koute pou tann!* (1984), autores da poesia em língua crioula de Haiti, Martinica, Guadalupe, Guiana Dominica e Santa Lúcia.

[35] A respeito disso: “La poesía es producto de un tiempo y de una cultura a pesar de los individuos. Hay un proceso de conversión del chamán que deriva en la figura del poeta. La característica que guardan en común es que surgen al interior de la sociedad que necesita de un lente que pueda ver cosas que están implícitas en la naturaleza y que no se pueden alcanzar. El chamán tiene la función de curar, primero desde el espíritu, las heridas del alma que subyacen a la enfermedad física. El poeta contemporáneo también sana, denuncia la herida, manifiesta el dolor, tiene una sensibilidad profunda para decir la enfermedad espiritual que sufre su época. Es un movimiento vital en el que, a través de la trasgresión, cura”. (SUARIQUE GUTIÉRREZ e CHAIN, 2008)

[36] Na Colômbia há dois exemplos com essas caraterísticas: Festival de poesia de Medellín e o Festival del verso de oro, em Boyacá.

2.2 Problemáticas

A partir dessas leituras, pode-se estabelecer a inclusão do Caribe como uma problemática para a historiografia literária, pois analisa a relação das literaturas de centro e periferia a partir da estrutura colonial. O sistema literário da região também foi excludente; aquelas cidades que tiveram um maior desenvolvimento administrativo, que atingiram uma infraestrutura e uma circulação de pensamento ilustrado, ficaram melhor representadas dentro da história da literatura. Assim, o México conserva a importância da Nova Espanha, Buenos Aires, a metrópole do Vice-reino da Prata, Cuba, porto de enlace das frotas espanholas e principal centro escravista. Em contrapartida, aquelas regiões mais afastadas das metrópoles, com menor importância econômica, localizaram-se numa periferia também cultural em relação à região da América Latina.

Esses países insulares representam um obstáculo quando se pretende incorporá-los ao sistema regional, pois isso, em princípio, desfiguraria o conceito mesmo de América Latina. No entanto, desde essas ilhas surgem produções que repercutem na crítica literária latino-americana com o espírito anticolonial: Frantz Fanon, Aimé Césaire e Edouard Glissant da Martinica, Stuart Hall, da Jamaica, Kenneth Rachmand, da ilha de Trinidad e Maximilien Laroche, do Haiti. Estes escritores, embora tenham desenvolvido suas propostas na academia europeia e norte-americana, estão na linha dos estudos culturais com o mesmo gesto de consciência do colonizado que se expressa nos países da América Latina continental. Segundo esse aspecto, como historiar a literatura dessas ilhas em situação de dependência colonial? Qual a pertença da produção cultural dessas colônias?

Ao deixar de pensar a língua como o determinante da área cultural, supera-se mais um obstáculo para atingir o conhecimento das literaturas. Desse modo, supera-se a omissão das literaturas das Antilhas menores. Aquelas histórias baseadas na unidade linguística não contemplavam estes sistemas. No entanto, o desenvolvimento da teoria latino-americana reconsiderou aquilo que não era denominado literário e foi reivindicada a sua produção. Em consequência, a região em estudo também tem um cânone que deve ser revisado a partir dos conceitos de

área cultural, centro e periferia, unidade e diversidade. Cada vez é mais importante distinguir o conceito de América como um conceito histórico e cultural, não somente geográfico e linguístico. Esse é o primeiro movimento para inserir o Caribe no âmbito da história da literatura latino-americana.

Na *ALPLC* o critério linguístico e geográfico se amplia para incluir as regiões não hispano-falantes da América insular. Dessa maneira, explica-se a presença do diverso e é possível encontrar um denominador comum, ou seja, se aplica a noção de heterogeneidade para estas sub-regiões culturais em favor da coerência do discurso teórico. O denominador comum se definiu como o conjunto de significações culturais construídas a partir das experiências da conquista, a mestiçagem, o comércio de escravos, a divisão do território, a estratificação social e o estabelecimento do poder colonial nos territórios conquistados[37].

No entanto, é preciso perguntar sobre a vontade das Antilhas de se identificarem como parte da América Latina. Ao se dizer que ser latino-americano é uma questão de autopertença consensual, fica a dúvida sobre se as colônias francesas, inglesas e holandesas conseguiam e concordavam em se relacionar culturalmente com as outras culturas do Caribe, em contraste com as ilhas maiores que não precisaram demonstrar sua pertença à América Latina, como aconteceu com Cuba, Haiti e Jamaica. A relação da cidade letrada (americana) e a metrópole (peninsular) reproduz-se de novo para o que se considera a alta literatura. Esse traço ideológico tem seus contrastes, pois, no interior da periferia, continua-se a proteger os centros. No que concerne à história da literatura, o problema atinge uma estranha coerência. Ao aprofundar a reflexão sobre as relações que estabelecem os sistemas literários da América Latina, poder-se-ia pensar que o desenvolvimento do sistema anglo-saxônico e francófono teve uma especificidade em relação à diglossia e à ausência de uma elite ilustrada detentora da cultura nacional. Contudo, o desenvolvimento da expressão literária foi estimulado pelo desejo de se emancipar do controle cultural da estrutura colonial. No momento em que o agir ideológico

[37] No que diz respeito às colônias francesas do Quebec, Ángel Rama deixa claro que a literatura de língua francesa produzida no Canadá não compartilha os elementos etnoculturais, a problemática intelectual e as formas adotadas pelo seu desenvolvimento estético, isto é, não é afim à obra de autores como Price Mars, Aimé Césaire e Jaques Stephan Alexis. (RAMA, 2006, p. 121). O problema não foi abordado em profundidade na *ALPLC*.

coincide com o projeto estético, as literaturas na região conseguem confraternizar e falar uma linguagem comum.

Sobre o mesmo ponto de vista, Alexis expressa com clareza o conceito de auto-pertença à região latino-americana, que ele denomina como confluência cultural zonal, uma confluência que trata dos trânsitos entre as ilhas e o litoral do continente na época pré-colombiana[38]. Ele exemplifica tal processo com as semelhanças existentes no âmbito da cosmovisão, das tecnologias, da gastronomia, da representação visual, da técnica do artesanato, que se veem acrescidas do modo como as culturas africanas caracterizaram esta região. Desse modo, apesar da diferença linguística, há mais pontos em comum do que elementos que os afastem do continente latino-americano. Alexis salienta aqueles traços culturais que permanecem para além da sociedade que os produz, isto é, embora os povos indígenas fossem assassinados, sua cultura foi reproduzida pelas gerações seguintes, isso é um fato. Pode-se concluir que é mais viável aceitar as Antilhas como região indispensável na conformação do projeto cultural do que afastá-las somente pela diferença linguística. Esses são problemas que são considerados no diálogo acadêmico desenvolvido a esse respeito pela *ALPLC.*

Por outro lado, no campo ideológico, a inclusão é um ato para derrubar o padrão de organização social que considera o sistema econômico cultural e religioso de Ocidente como o único possível. Esta forma de inclusão nos permite acreditar na possibilidade de as diversas regiões gerarem outras formas de organização, conforme o reconhecimento da sua autonomia, como bem ilustra o poema de Césaire anteriormente referido[39]. O momento histórico de *ALPLC* exigia reivindicar as presenças das outras etnias que massivamente protagonizavam os movimentos sociais da segunda metade do século XX e que rompiam, assim, com as ideias dos países latino-americanos como uma extensão do mundo hispânico. Estas inclusões

[38] Geralmente se pensa que estes trânsitos desapareceram com a chegada dos europeus, como se os indígenas ficassem isolados nos seus territórios. Na verdade, já outros autores vêm considerando estas rotas de intercâmbio para compreender a complexa estrutura de uma civilização indígena panamericana que permanece após a conquista europeia até nossa contemporaneidade.

[39] Cuba é um exemplo de organização socioeconômica diferente do padrão capitalista. Bolívia declara-se oficialmente Estado Plurinacional. Costa Rica não tem exército. Uma das línguas oficiais do Paraguai é o guarani. Na Jamaica, pratica-se o rastafarismo e, no Brasil, o candomblé. Estes exemplos são relevantes para comprovar os sucessos nessa postura anticolonial que caracteriza a História da América Latina.

reconhecem, além disso, a tradição africana na conformação das literaturas, do mesmo modo que consideram as diferenças linguísticas no interior dos países insulares, enfim, representam muito bem as tradições narrativas, as formas da metáfora, os símbolos, os discursos produzidos na diversidade dos povos na América Latina.

Com a mudança de orientação, contida nos escritos constantes da *ALPLC*, compreende-se a questão do passado sob outra perspectiva e, nesse sentido, abre-se a possibilidade de projetar o futuro da região e de se reinterpretar a história de forma inclusiva, fornecendo-se, assim, a identidade do território, legitimando-se aquelas alianças de cooperação, para fazer frente às estratégias neocoloniais que afetaram aos países latino-americanos durante o século XX. Desse modo, a região insular e a região continental se integram superando a diferença linguística. A aparição de pelo menos três ensaios que ilustram de forma geral os sistemas francófono e anglo-saxônico do Caribe para o projeto historiográfico é um esforço que permite posicionar a heterogeneidade no método comparativo pelo contraste, ao considerar as diferenças e semelhanças que refletem o presente e o futuro cultural da região.

Em suma, através do método comparativo, o artigo de Laroche consegue comparar a literatura haitiana com o desenvolvimento das literaturas das Antilhas menores. Do mesmo modo, pode-se estabelecer o paralelo com o Brasil a partir da diferença linguística e da povoação majoritária africana que trouxe diversas tradições culturais, o que originou novas expressões na língua do dominador. Tal processo permite aproximar o sistema do Caribe a outros de condições semelhantes e situados em outros territórios da América Latina. Os artigos apresentam um tipo diferente de periodização na ausência da experiência independentista no século XIX, para se referir à situação escravista e pós-escravista, sendo este o principal acontecimento que modificou as estruturas sociais das Antilhas não hispânicas. Finalmente, a estrutura de Vice-reinos se conservava ainda na organização da literatura latino-americana, reflexo de um centro andino e de uma periferia de países menores da América Central e do Caribe com privilégio do universo hispânico.

3 O CONCEITO DE LONGA DURAÇÃO NAS LITERATURAS[40] INDÍGENAS

Neste capítulo são apresentadas as formas de inclusão das literaturas indígenas, a partir dos pontos discutidos nos debates prévios da *ALPLC*. Seguidamente, oferece-se uma descrição dos artigos incluídos sobre o tema, estabelecendo algumas problemáticas. Ao final, expõe-se uma leitura possível com base no conceito de longa duração definido pelo historiador francês Fernand Braudel.

A presença das literaturas indígenas como mais um sistema que integra e conforma a literatura latino-americana foi tema importante nos debates prévios da *ALPLC* e significou a necessária ampliação dos conceitos para explicar o trajeto dessa literatura para reconhecer a heterogeneidade dos povos latino-americanos, isto é, como produto da mistura de diversas culturas, principalmente dos povos indígenas, europeus e africanos. Portanto, chegou-se a um consenso sobre a importância da sua existência como prática pré-colombiana, caracterizando-a como um sistema semântico de códigos visuais, ideográficos e nemo-técnicos, vinculados a discursos transmitidos na oralidade. Esse reconhecimento traz, por sua vez, o problema da sua incorporação como objeto de estudo literário, pois a metodologia de análise desenvolvida no século XIX e XX se fundamenta no código linguístico escrito e, conforme o assinalado pelos acadêmicos da *ALPLC*, ainda não se tinha desenvolvido (ou aceitado) um espaço (legítimo) para considerar a oralidade e outras formas não alfabéticas como literatura. Porém, eles recomendaram o trabalho interdisciplinar para a abordagem desse *corpus.*

Como não se tinha esse espaço para o estudo das literaturas não grafematizadas, o argumento para afirmar a existência de uma literatura ancestral foram os códices pré-hispânicos mexicanos como formas textuais ideográficas,

[40] O uso do termo literatura neste caso se afasta do seu significado etimológico para abranger uma arte verbal, conforme Martin Lienhard. (LIENHARD, 1993).

desenhadas em folhas de *amate* chamados *amoxtli*[41]. O historiador e crítico mexicano José Luis Martínez[42] apresentou uma conferência no segundo encontro preparatório da *ALPLC* em relação a "Los libros del México antiguo" (PIZARRO, 1985). Nela, o autor expõe a natureza dos códices mexicanos, oferece uma descrição do acervo conservado e a trajetória da sua recuperação. Estes objetos coincidem com um processo equivalente ao das culturas mesoamericanas em comparação ao definido como literatura, conforme os parâmetros da cultura europeia, pois demonstra o desenvolvimento de um sistema ideográfico, ligado ao discurso oral narrativo que abrange fatos mito-históricos, a origem dos povos, os cantos, composições poéticas e os discursos de diversas temáticas.

Por outro lado, estas literaturas têm que comprovar o grau de autenticidade, pois parte desse *corpus* preservado foi produto das transcrições e traduções realizadas no *Colégio de la Santa Cruz de Tlatelolco*, no processo de evangelização e alfabetização dos indígenas, alguns deles filhos da nobreza governamental indígena do Vale do México. Foram eles mesmos que traduziram os códices da língua náhuatl ao sistema escrito e logo ao espanhol escrito. Os textos abordam matérias sobre os acontecimentos mito-históricos, origem das leis, os seus costumes, crenças, cantos, etc. Na execução dessa tarefa, também se produziram escritos conhecidos como "a versão dos vencidos", testemunhos sobre o processo de conquista a partir da perspectiva indígena. De fato, em muitos dos textos

[41] A esse respeito, cito parte da minha monografia sobre a poesia náhuatl: "El amoxtli es una prueba tangible de la existencia de una literatura prehispánica *escrita*. Es un libro paginado en forma de biombo, elaborado en papel de amate, maguey, algodón indígena o piel de venado. Aparecen mencionadas en la literatura náhuatl como los libros de la tinta negra y roja. Su lectura estaba ligada a una técnica sistemática, aprendida nemotécnicamente por los sacerdotes que se formaban en los calmécac. Luis Antonio Gómez realiza un exhaustivo estudio comparativo entre el cuicámatl –libro de cantos- y el cancionero tradicional español, considerando a ambos como documentos: "soportes físicos de la escritura, en el sentido amplio del término, es decir, desde la escritura pictórica hasta la escritura alfabética, incluyendo también la notación o escritura musical, independientemente de la naturaleza de los materiales con que están elaborados o las formas que presenten". Con ello, prepara un vasto campo de estudio sobre la bibliología prehispánica, sus lectores y bibliotecas. Esta conclusión acepta de una vez por todas los diferentes orígenes y desarrollos de la escritura que, en el caso mesoamericano, eclosionaron en el momento de descubrimiento y conquista y que lograron crear nuevos documentos. En el código náhuatl se establece una relación entre la imagen, su símbolo y su significado. Su lectura se fija como una composición verbal que recorre el libro de pinturas y que se memoriza y fija en la tradición oral. Miguel León-Portilla caracteriza esta escritura en tres formas de representación: la pictográfica, ideográfica y parcialmente fonética. (SUARIQUE GUTIERREZ, 2011, p. 33)

[42] Jose Luis Martinez (1918-2007), acadêmico mexicano, destacou-se em diferentes atividades do ensino, da escrita, da crítica literária e da diplomacia. Foi professor da UNAM e diretor do *Fondo Editorial de Cultura Económica,* teve uma prolifica produção sobre a literatura e a cultura mexicana, especialmente sobre a literatura náhuatl.

aparecem expressões próprias da cultura europeia, referências a Deus e ao diabo, o que permite duvidar da sua "autenticidade" e inclusive chamá-los de textos contaminados, por isso se faz necessário um estudo interdisciplinar, pois ainda se considera incrível acreditar numa produção literária indígena original. Infelizmente, as literaturas indígenas ainda são línguas estranhas para nossa academia literária.

A prova do que se pode definir como literatura precisa estar ligada ao registro escrito, ao livro como concretização física da escrita. Desse modo, Antonio Candido faz menção à ausência de referentes para as literaturas indígenas no Brasil; porquanto, em comparação com as literaturas da América Central e da América Andina, o Brasil não tem nada anterior que se aproxime das literaturas pré-hispânicas mexicanas. Nesse sentido, ele afirma: "llegamos a la conclusión de que nuestra literatura es una literatura europea impuesta por la colonización, y realmente impuesta en el sentido fuerte de la palabra" (PIZARRO, 1985, p. 80). Parte desta afirmação se compreende pelo fato de as comunidades indígenas do Brasil não terem um desenvolvimento em termos de cidade como aconteceu na região andina. Assim, considera-se a ideia de evolução cultural de um povo por causa do seu desenvolvimento arquitetônico, administrativo e político, no sentido mesmo da construção da pólis, como foi encontrado nas cidades de Tenochtitlan e o Cuzco. De fato, os códices mexicanos e os quipus incaicos[43] conseguem ingressar no *corpus* como sistemas muito sofisticados de registro histórico, administrativo e literário. Porém, nos primeiros artigos da *ALPLC*, a ênfase se localiza nesses vestígios arqueológicos. Em contraste, as tradições orais ainda são consideradas como perdidas em virtude do processo de aculturação e de extermínio da língua indígena no período da conquista; considera-se a oralidade parte do folclore, de matéria local e de uso restrito de comunidades específicas.

As pesquisas sobre a oralidade foram acolhidas no século XX pelas ciências sociais, isto é, a antropologia, a etnologia e a linguística. Como linhas de pesquisa nas universidades, são reconhecidas recentemente como etnoliteratura, oralitura ou

[43] Embora não tenha mesmo destaque como referência, acham-se estudos sobre os quipus que confirmam um complexo sistema de narração através das correspondências numéricas, fonéticas e cromáticas contidas nos fios anuados. Dessa forma, logra-se comprovar uma atividade literária na cultura incaica. Sobre o assunto: Burns Glynn, W. *Decodificación de quipus.* Lima: Banco Central de Reserva del Perú, 2002.

literaturas orais[44]. No entanto, já se produziram trabalhos adiantados por pesquisadores no âmbito interdisciplinar e da literatura que conformam um *corpus* sólido da recuperação da tradição oral, sobretudo na década dos setenta, embora sejam classificados como estudos de folclore[45]. Sua recepção na crítica literária foi recebida com receio pelos métodos e pela natureza instável do objeto de estudo. As teorias do estruturalismo dominavam os estudos literários nos programas acadêmicos, o estudo formal baseado no código escrito, nas estruturas da linguagem literária e na defesa da literatura como ciência. A tradução para o português de "Da evolução literária", de Tynianov, data desta época. Em seu texto, Tynianov reclama da intromissão de outras áreas em um âmbito que deveria ser ocupado apenas por aqueles voltados aos estudos literários. Por isso, para ele, "entre todas as disciplinas culturais, a história literária conserva o estatuto de um território colonial" (TYNIANOV, 1973). No entanto, os acadêmicos da *ALPLC* que participaram dos debates, cientes deste preconceito, concordaram por uma abordagem interdisciplinar, conforme o desenvolvimento das literaturas comparadas, mais flexíveis nestas relações, mas que ainda estavam em construção. Em outras palavras, superado o problema do reconhecimento, restava ainda o problema do método:

> Probablemente en cualquier literatura, pero con toda nitidez en el caso de la literatura latinoamericana, la crítica debe habituarse a trabajar sobre objetos cuya materia misma, por así decirlo, es la contradicción. Esta perspectiva implica un reto casi abrumador en el orden de la metodología: en algunas ocasiones, en efecto, el itinerario de las investigaciones tendrá que ir desde la oralidad hasta la escritura y frecuentar racionalidades tal vez incompatibles, para mencionar sólo algunos aspectos de la dificultad del proyecto. (PIZARRO, 1987, p. 128)

Quando se considera a literatura latino-americana como processo, se alude a um projeto que procura construir sua tradição literária. Isso implica enxergar o passado, restituir pontos de partida e procurar materiais de trabalho. Para os estudos literários coloniais, as literaturas europeias e seus equivalentes nas culturas

[44] Walter J. Ong, (1912- 2003), professor jesuíta dos Estados Unidos, considera a oralidade e a escrita como sistemas diferenciados. Seu livro de referência é *Orality and Literacy. The Technologizing of the Word* (1982). Foi traduzido para o espanhol e publicado pelo Fondo de Cultura Económica, em 1987, como *Oralidad y escritura: tecnologias de la palabra.*

[45] Os trabalhos não foram mencionados nos debates, é possível, pelo limitado da sua circulação dentro do âmbito acadêmico literário, muito novo para a época.

originárias ficam numa relação de dominação e subalternidade, na qual se proscreve o indígena como uma cultura ágrafa, em estado inferior de desenvolvimento no seu aspecto cultural, religioso, tecnológico e mesmo humano. A hierarquia desse olhar ainda dificulta abrir mão do império da escrita para se arriscar na apropriação de outros conceitos que desestabilizem a tradição imposta. A cultura originária fica como um espaço vazio na colônia até pelo menos o século XIX, quando ingressa no âmbito literário sob as formas aceitáveis da escrita. Uma retórica do extermínio permanece nos séculos intermédios, quando o indígena aparece como tema referenciado na escrita da elite literária, às vezes numa expressão nostálgica do passado natural, mas jamais como produtora de cultura e expressão. O indígena se apresenta como informante membro de uma comunidade em observação e, finalmente, aceito como produtor de cultura enquanto sujeito transculturado.

3.1 Descrição dos artigos

Nos critérios de organização contidos no relatório final da *ALPLC*, adotou-se a inclusão de artigos em cada um dos volumes para apresentar o estado atual dos estudos sobre o tema. Além disso, em outros artigos alude-se ao conceito de índio, o indigenismo, às literaturas marginais e à oralidade. A partir desse conjunto de perspectivas, estabelecem-se os antecedentes pré-colombianos da literatura e o reconhecimento das culturas indígenas como produtoras de cultura e literatura.

A introdução do primeiro volume, redigida pela organizadora Ana Pizarro, refere-se à situação dos sistemas expressivos no período da conquista e da marginalização das literaturas orais indígenas, o que determina o posicionamento de uma literatura oficial e o apagamento quase definitivo de uma tradição originária. Sobre esse ponto de vista, a introdução oferece algumas possibilidades para falar do momento em que surge a literatura latino-americana:

- a partir da literatura geográfica, com *Os diários de Colombo*, começo da representação do espaço da alteridade,
- a partir do espaço estabelecido pelo imaginário da literatura geográfica europeia, paralelo ao imaginário desenvolvido nas formações discursivas da oralidade que confronta os acontecimentos,

- no momento da fixação da textualidade alfabética que absorve a outra cultura, isto é, culturas hegemônicas e subalternas,
- surgimento da literatura no momento em que se textualiza a aspiração estética, de caráter ocidental,
- momento no qual começa a se forjar o discurso de uma subjetividade alternativa ao cânone metropolitano perceptível nas marcas textuais.

Essas possibilidades indicam o ponto de partida após 1492, o acontecido antes dessa data fica no limbo. Para assimilá-las como sistema seria preciso estabelecer uma linha diferente de desenvolvimento, como uma Indo-américa ou cultura ameríndia, para assim falar das literaturas indígenas como sistema equivalente que tem seu próprio processo, o qual se articula em momentos com o sistema literário da textualidade alfabética hegemônica. Desse modo, sobre as origens este primeiro volume focaliza a literatura indígena como uma cultura absorvida pela chegada dos povos europeus.

O primeiro artigo: “Los comienzos de la literatura “latinoamericana”: monólogos y diálogos de conquistadores y conquistados”, do suíço Martin Lienhard, caracteriza a expressão literária pré-colombiana como um conjunto de práticas discursivas ligadas às práticas sociais. Descreve-o como um sistema de registro que não reflete a fonética das palavras, mas o seu valor semântico. A notação não representa sua realidade verbal, mas funciona como coordenada para a execução oral do texto.

Fray Bernardino de Sahagun[46] chegou como os outros eclesiásticos mendicantes para evangelizar os naturais; no entanto, o contato com essas culturas tão complexas no seu pensamento, arte e religiosidade transformou sua percepção

[46] “El estudio de la literatura prehispánica náhuatl tiene como fuente principal la recopilación de cantos, discursos y coloquios realizada por Fray Bernardino de Sahagún, (España, 1499 - Ciudad de México, 1590). Este fraile franciscano desde su llegada a Nueva España en 1529, hasta su muerte, se dedicó a trabajar con un grupo de informantes nativos y religiosos en la elaboración de obras bilingües en náhuatl - español que tratan la historia de México antiguo, antes de la llegada de los conquistadores españoles. Su misión evangelizadora no impidió a este franciscano admirarse de la cultura que estaba convirtiendo a la verdadera fe. Su trabajo se caracterizó por entablar diálogos con los principales de la monarquía indiana, provenientes de las regiones de Tepepulco, Tlatelolco y México. Ellos sirvieron de informantes en el proceso de transcripción de la tradición oral que se enseñaba en los Calmécac”. (SUARIQUE GUTIERREZ, 2011, p. 38)

e assim tomou consciência de estar frente a estruturas culturais que mantinham em coesão as comunidades indígenas. Nas crônicas de Nova Espanha, registraram-se os encontros dos anciãos com os religiosos tratando de matérias teológicas como, por exemplo, o *Colóquio de los doce apóstoles*, encontro de Franciscanos com os *Tlamantinime,* autoridades da sabedoria, senhores da tinta negra e vermelha. Apesar dessas iniciativas humanistas, a estratégia predominante foi a proibição do uso das línguas nativas para enfraquecer os povos. Do mesmo modo, a conquista acabou com os registros, arquivos e tudo aquilo que mantivera a tradição. As formas de registro foram julgadas como heresias, os códices foram queimados por serem considerados perigosos[47] para a campanha evangelizadora.

Em consequência, o único produtor da escrita foi o conquistador, o homem branco. Mas este não é um problema que se debateu na época da conquista, tampouco no momento da escrita das histórias literárias quando a conformação das literaturas nacionais do século XIX elege seu *corpus.* O ponto de partida se estabelece na escrita da colônia, o produtor no começo é o homem peninsular e logo o homem branco americano. Assim, se conforma essa linha de evolução para as literaturas metropolitanas, que perdurou por muito tempo como a literatura latino-americana. O registro da expressão indígena fica no arquivo eclesiástico, no monárquico, no museu e nas bibliotecas pessoais, sua oralidade é ignorada completamente. No entanto, no século XVII se produz uma literatura indomestiça. O indígena aparece como informante e em ocasiões como intelectual, aceito na sociedade como descendente da nobreza governamental indígena. Entre eles, os mais conhecidos são: Inca Garcilaso de la Vega (Peru, 1539 - Córdoba, Espanha, 1616), Fernando de Alba Ixtlilxochitl (Texcoco, ¿1568? — Cidade do México, 1648) e Guaman Poma de Ayala (n. ¿1534/1556? - m. ¿1615/1644?). Eles foram intelectuais produtores da escrita, membros da elite indígena colaboradora com o império. Uma das estratégias da Coroa espanhola para a estruturação da sociedade colonial foi precisamente pactuar com os governantes indígenas, mantendo seus privilégios, para que eles controlassem os seus povos através da estrutura do *Resguardo* e da *Encomenda*. No entanto, alguns deles foram traídos pelos mesmos conquistadores.

[47] Este agir é comum desde o capitulo X da *Republica*, de Platão, com a expulsão dos poetas da pólis, na queima de livros do Quixote, na destruição da biblioteca de Alexandria, enfim, a palavra se considera perigosa, o primeiro elemento que deve ser exterminado para reduzir um povo.

A escrita deles aparece como relatório para a defesa dos direitos indígenas, explicações e correções sobre o mundo indígena e sua história, cartas para a reposição das terras, igualmente para o reconhecimento jurídico como pessoa da sociedade.

Outro fator importante foi a intervenção das comunidades religiosas no conhecimento da língua com a finalidade de espalhar o evangelho. Eles levaram muito a sério a compreensão das línguas. Dessa época, datam as gramáticas das línguas náhuatl, chibcha, tupi e quéchua. O Brasil tem um exemplo com o trabalho do padre José de Anchieta[48], que desenvolveu um estudo muito rigoroso, pois ele, além de descrever a gramática da língua tupi, compôs autos na língua nativa para fins da evangelização. Esse modo de evangelização através da escrita foi utilizado para alfabetizar todas as culturas, pois se acreditava que fosse esse o caminho certo da evolução. No entanto, a coletânea de discursos escritos em código alfabético na língua originária e logo traduzidos à língua do império ficou como arquivo. Após, nos séculos XVIII e XIX, encontraram-se essas peças museológicas exóticas que foram estudadas pelos europeus da ilustração, sobretudo pelo interesse que tinham em estudar a evolução das línguas e o desenvolvimento da gramática como ciência geral no alvor do Evolucionismo e do Positivismo.

É um paradoxo que as escritas na língua tupi não se consideram indígenas nem as produções da elite intelectual indígena mexicana, escritas em espanhol. Elas fazem parte do *corpus* colonial de acordo com sua organização na historiografia literária. Eis a ambiguidade no que concerne à literatura desse período. Aquelas comunidades que entraram num plano real de dominação foram as mais afetadas pela concepção inferior da sua natureza, tanta na sua raça como na sua língua. Sobre isso cita-se:

> esos bárbaros, aunque, como se há dicho, no sean del todo incapaces, distan, sin embargo, tan poco de los retrasados mentales que parece no son idóneos para constituir y administrar una república legítima dentro de los limites humanos y políticos (Apud ADORNO, 1993, p. 184)

[48] José de Anchieta (Tenerife, 1534 -Reritiba, Brasil, 1597).

O conceito sobre o índio segue o pensamento aristotélico no que tange à natureza do escravo. Segundo o teólogo salmantino Francisco de Vitória, citado por Rolena Adorno[49], o índio é um ser de pensamento fraco, impossibilitado de se governar. Apesar das leis de reivindicação dos seus direitos, este conceito continua ainda a negar a possibilidade de reorganizar o *corpus* colonial reconhecendo a presença da produção indígena.

No entanto, as pequenas comunidades que se ocultaram, tiveram um modo de desenvolvimento diferente. Aqueles grupos indígenas estabelecidos em reservas do governo ou internas no mato[50], que não tiveram uma organização espaço-administrativa muito forte[51], conseguiram preservar sua língua, seus saberes e suas práticas afastadas do poder civilizatório. Sendo assim, o trabalho de Lienhard permite enxergar a permanência da linha indígena como escrita e a proscrição pela via da oralidade na tradição, mas que permanece até nossos dias por meio de outros caminhos de sobrevivência. Para estas comunidades foi o mato e sua vida "selvagem" o resguardo da sua tradição. Conforme o artigo de Lienhard,

> La imposición de la cultura escritural al estilo europeo no logrará nunca, de hecho, suprimir las literaturas orales indígenas. Adaptándose a la nueva situación, estas seguirán desempeñando la función de expresar artísticamente la visión de las que pasaron de sociedades autónomas a subsociedades marginadas. Si bien muchas de esas literaturas se extinguían a raíz de la larga serie de genocidios y de etnocidios que marcan la pauta de la historia subcontinental, otras nacerán a lo largo de los procesos de reestructuración social y de interacción cultural. Al contrario de las literaturas "oficiales", las que van desarrollando –en un sistema predominantemente oral- las subsociedades marginales evidencian tanto en sus sistema comunicativo como en sus estructuras textuales una vinculación entrañable con el espacio y el tiempo americanos. Su evolución no corre paralela, pues, a la de aquellas. Ahora, por motivos obvios, no podemos estudiar directamente sus manifestaciones en la época colonial: las voces que "performaron" los textos han enmudecido desde hace siglos, y ésos se han evaporado en el aire. Nos quedan tan sólo algunas –bastantes- transcripciones contemporáneas, cuyo estatus, sumamente

[49] A citação pertence ao artigo "La discusión sobre la naturaleza del índio" (ADORNO, 1993), incluido em *ALPLC*.

[50] Sobre esse modo de sobrevivência, no livro *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia,* relatam-se as estratégias de preservação dos segredos destas comunidades que continuam sendo praticados até nossos tempos.

[51] A relação de povos estabelecidos em territórios em contraste com aqueles povos que permanecem em mobilização gera ainda muitos conflitos, como preconceito no sentido de evolução; no entanto, os povos em movimento são muito fortes na preservação da sua cultura.

> problemático, no es ya –pese a lo que se desprende de muchos estudios- el de textos orales. (LIENHARD, 1993, p. 44).

No segundo volume de *ALPLC*, aparece o artigo “Algunos datos sobre la recuperación antropológica europea de las literaturas indígenas” (BALDRAN, 1994). O impacto do exótico e do diferente perdurou muito tempo no imaginário europeu, após o período do descobrimento do Continente Americano. A possiblidade de conhecer a civilização nos seus primórdios ofereceu aos homens das ciências sociais um campo de estudo, que vem desenvolvendo pesquisas muito prolíficas sobre as culturas indígenas. Para o europeu, o território americano foi o campo de pesquisa, ainda visto como o novo mundo, mas para os olhos dos intelectuais americanos mais conservadores, o indígena foi rotulado como o passado extinto, ou seja, como uma etapa superada.

O artigo da professora francesa Jacqueline Baldrán refere-se principalmente aos trabalhos desenvolvidos com as traduções dos textos antigos, que ficaram esquecidos nas bibliotecas pessoais e no acervo museológico. O abade francês Charles-Etienne Brasseur de Bourbourg (1814-1874) foi responsável pelo conhecimento da cultura quiche da região centro-americana. Entre as suas descobertas, a tradução do *Rabinal achi* o *danza del tun*, representada segundo o artigo, para o abade em 1856, quando ele estava numa missão científica na Guatemala. O segundo trabalho mencionado é o curso “Las religiones del México Antiguo” na Escola de Altos Estudos (França, 1893). O interesse pelas antiguidades americanas e as literaturas pré-colombianas levaram à criação do Instituto de Etnologia. Em 1928, o jovem guatemalteco Miguel Angel Asturias[52] assistiu às aulas do etnólogo Georges Raynaud, que logo supervisionou Asturias junto ao mexicano Jose María González de Mendoza para traduzirem do francês para o espanhol o *Popol Vuh: Las antiguas Historias del Quiché*[53], livro sagrado dos índios *quichés* que

[52] Em 1949, Miguel Angel Asturias publica seu romance *Hombres de maiz*, baseado na cosmovisão indígena dos quiches.

[53] O *Popol Vuh* foi escrito em folhas de pele de veado, transcrito em 1542 ao latim pelo frei Alonso del Portillo de Noreña. A versão espanhola foi preparada em 1701 pelo dominicano Francisco Ximenes. Charles Etienne Brasseur de Bourbourg fez uma tradução para o francês, sendo este o texto base para o trabalho de Asturias e Mendoza.

.

moram na região da Guatemala, uma das obras-primas da literatura indígena da cultura maia e uma leitura obrigatória da literatura do continente.

A última parte deste breve artigo de Baldrán refere-se à tradição oral nas sociedades “primitivas”. Conforme a autora, o que entra no cânone das literaturas indígenas ainda sofre o preconceito que opõe o civilizado ao primitivo, o que, de certo modo, está na afirmação de Antonio Candido ao considerar que o Brasil não teve o desenvolvimento de uma tradição literária indígena, pois os índios deste território não construíram cidades ou altas civilizações comparáveis aos impérios incaicos ou do vale do México. No entanto, o artigo alude ao trabalho A*yvu Rapyta, textos míticos de los Mby` a-Guaraní del Guairá* (1959), publicado pelo paraguaio Leon Cadogan, sobre o povo guarani que ocupou os territórios da Província das Missões (atualmente fronteiras da Argentina, Brasil e Paraguai). Embora a autora somente cite este trabalho da região, Ángel Rama faz menção à publicação *Antes o mundo não existia*, de Umúsin Panlõn Kumu y Tolamãn Kenhíri, (1980). Isto é, os mitos escritos em língua desâna e português por indígenas do povo Desâna da amazônia brasileira, logo trazido à publicação com a ajuda da antropóloga Berta Ribeiro, em 1980. Rama usa-o como exemplo das literaturas indígenas no seu livro *Transculturación narrativa en América Latina.* Assim, o exemplo fica como uma produção literária indígena no Brasil.

As civilizacóes incaicas e mexicanas são conhecidas como as mais evoluídas do território americano no momento da descoberta por parte dos europeus. O enfrentamento bélico deixou provas do assassinato e de uma massiva miscigenação dos povoadores das cidades. No entanto, aqueles povos que não construíram grandes cidades tiveram a sagacidade de sobreviver num territorio que os espanhóis, franceses e portugueses não conseguiram acessar. As comunidades que melhor preservaram seus saberes habitaram a selva amazônica com suas tradições em estado de autenticidade. Esse saber é agora acolhido como etnoliteratura. Até há poucas decadas ainda se fizeram descobertas dos povos nômades da Amazônia[54]. Assim, esse *corpus* revela-se mais puro e autêntico quando comparado

[54] Já se mencionou os casos dos quilombos, palenques e comunidades nômades que conseguiram resguardar e manter suas estruturas linguísticas puras e isentas da contaminação espanhola e portuguesa e demais línguas dos povos europeus.

com as literaturas indígenas do México sobre as quais recaem suspeitas pelo processo de tradução a que foram submetidas. Outro exemplo, no caso da Colômbia, é *Literatura de Colombia Aborigen*, o primeiro livro orgânico sobre a matéria, publicado em 1978, pelo escritor e linguista Hugo Niño[55]. Há décadas que os trabalhos de recuperação das literaturas indígenas foram considerados como parte da tradiçao indígena na América. Finalmente, é preciso lembrar o trabalho de campo no Brasil realizado pelo etnólogo frances Claude Levi-Strauss, entre os anos de 1935 e 1939, que deu suporte ao desenvolvimento das suas teorias antropológicas. Por essa razão, é um paradoxo negar a presença do componente indígena na história da literatura brasileira.

No terceiro volume de *ALPLC,* inclui-se mais um artigo de Martin Lienhard: "La percepción de las prácticas "textuales" amerindias: apuntes para un debate interdisciplinario", no qual propõe a seguinte tipologia para a abordagem do trabalho futuro na pesquisa da literatura indígena:

- *Práticas "textuais" indígenas de e para a comunidade,* isto é, como um sistema autônomo e fechado. A comunidade participa dos três elementos, como produtora, arquivista, reprodutora e receptora dos textos; neste sistema, a palavra fornece a coesão da comunidade e mantém a tradição viva.

- *Práticas discursivas indígenas destinadas ao outro,* que se refere ao uso do documento escrito para se comunicar com a autoridade colonial. Embora seja o emissor do discurso, nesses documentos se percebe a retórica e as convenções da escrita arranjada pelo escrivão, inclusive na escrita dos indígenas letrados.

- *Práticas escriturais "internas",* aquelas que os indígenas assumem como uma estratégia para preservar o patrimônio oral da comunidade e conformam seu arquivo; além das suas práticas sociais, são escritas no interior desse sistema

[55] Hugo Niño, escritor, especialista nas narrações mitológicas e estudos etnoliterários das culturas indígenas da região amazônica. Em 1976, recebeu o prêmio *Casa de las Américas* pelo seu livro *Primitivos relatos contados outra vez* e, pela segunda vez, em 2008, com seu livro *El etno texto: las voces del asombro.*

fechado, configurando-se como uma literatura de testemunho que carrega em si a versão dos vencidos.

- *Textos com informante indígena,* aqueles onde o emissor não tem o controle sobre o documento. As declarações dos indígenas são editadas pelo autor do texto, para seus próprios interesses, seja como antropólogo ou missioneiro.

3.2 Problemáticas

Com base no conjunto de artigos, é possível problematizar o conceito de sistema literário para descrever as literaturas indígenas, pois nem sempre os três componentes, isto é, a produção, a recepção e a circulação compartilham o mesmo contexto espaço-temporal. O sistema constitui-se a partir da ligação desses elementos. Para entender o sistema literário indígena diferenciado é preciso vinculá-lo ao desenvolvimento cultural de um povo. Embora a produção indígena ainda seja estranha, estrangeira para a maioria mestiça, sua consideração como sistema estará restrita à comunidade étnica. O fato de considerar as literaturas indígenas como parte da literatura latino-americana tem a finalidade de aceitá-la como herança constitutiva.

Os conceitos de transculturação e de heterogeneidade sugerem algumas perguntas a respeito da presença das culturas indígenas na literatura, permitindo ler de outro modo a produção de muitas obras, em que questões como as seguintes poderiam ser investigadas: Qual o sentido da inclusão de um referencial tupi tão detalhado na escrita de *Macunaíma,* de Mario de Andrade? Como compreender os romances de Arguedas sem acreditar numa linha permanente da civilização quechua? Onde ficaria Octavio Paz sem a vivência profunda de uma cosmovisão que teve a sagacidade de sobreviver em múltiplos códigos semânticos? As literaturas indígenas são consideradas, mas sempre como escritas transculturadas. O lugar da literatura indígena ainda é ambíguo, pois, embora muitos aceitem a sua existência, não sabem como inseri-la e incorporá-la às histórias da literatura. No entanto, a cultura ancestral persistiu na língua, na oralidade, no mural, nos

topônimos, na comida[56], na medicina, na sabedoria popular, transmitida secretamente e que sobrevive após 522 anos[57]. O genocídio mais calamitoso das culturas indígenas não foi por parte dos espanhóis, portugueses e franceses, mas pela sociedade mestiça que, temerosa de ser julgada como primitiva e selvagem, soterrou os caminhos de conexão com a tradição ancestral.

No que diz respeito à circulação, as literaturas indígenas no seu âmbito de produção não têm a qualidade de "obra autônoma da linguagem"; ao contrário, elas estão inseridas na vida. A palavra intervém na comunidade no seu caráter religioso, mágico, governamental e diplomático[58], com toda sua tradição simbólica e poética. No entanto, afastado do seu contexto, este uso da palavra não é considerado literatura pelo caráter performático e porque, segundo o estabelecido nos debates, estas expressões contêm outros elementos visuais, musicais e de *performance* que não podem ser analisados ainda pelos estudiosos da literatura. As pesquisas antropológicas que documentam estas expressões as apresentam como produtos do folclore.

Rejeitadas pela sua natureza de múltiplas linguagens, também as literaturas indígenas são ignoradas como produtoras no âmbito linguístico. A proibição do uso da língua nativa debilitou as estruturas indígenas, mas isto não apagou definitivamente a cultura dos povos na sua palavra. Há muitas coisas que não existiam na língua espanhola e que precisavam ser nomeadas, foi nesse espaço que a língua indígena se enxertou à língua dominante. Os pontos geográficos, nomes de animais, de frutos, sobrenomes, nomes, costumes, entre outras palavras, são de

[56] Fatos muito simples da vida brasileira têm sua origem na tradição indígena. O feijão é uma semente americana consumida por todos os povos nativos da América; a farinha de mandioca é imprescindível na refeição cotidiana do brasileiro e, por sua vez, presente dos deuses civilizadores no relato mítico das comunidades indígenas do continente.

[57] A ideia da permanência de uma consciência cultural não é nova, já Aby Warburg (Hamburgo 1966-1929) planteou a continuidade das imagens que sobrevivem pela sua significância profunda, transitando pelas civilizações. O historiador alemão foi pioneiro na análise iconográfica da imagem. Sua teoria percorre algumas imagens primordiais que permanecem na memória visual da história e emergem em diferentes períodos históricos. Seu projeto central foi 'Nemosyne' um atlas da história e a imagem. Entre seus trabalhos destacam-se: *El renacimiento del paganismo: Aportaciones a la Historia Cultural del Renacimiento europeo*.

[58] A expressão poética foi considerada uma das destrezas do governador Méxica, em oposição ao poeta expulso da pólis segundo o capítulo X da *República* de Platão; no México, ser poeta foi considerado uma virtude para o bom governo. Ao norte da Colômbia, o palavreiro da etnia wayúu é reconhecido como uma autoridade moral, social e cultural, a sua prática ainda é reconhecida juridicamente, sua principal missão é preservar a vida, "levando a palavra", ele utiliza seu poder de persuasão para mediar as brigas entre clãs.

origem indígena[59]; se fossem apagadas, num exercício de branqueamento da língua, não se poderia nomear a realidade física das Américas. Então, não somente foi um aporte indígena ou empréstimo linguístico, mas operou na mudança de uma língua que entrou numa outra estrutura, modificando-a e refazendo-a, de acordo com uma nova realidade. Até os erros na pronúncia por parte dos europeus[60] para referir-se aos elementos das culturas originárias[61] integraram-se às línguas oficiais. Desse modo, fica mais difícil compreender o sistema indígena afastado da literatura do continente.

A situação da aculturação dos povos indígenas permanece obscura e teria que ser considerada a partir de outro critério. Uma tradição literária chega e sobrevive na língua de outro, como aconteceu com a tradição literária greco-romana nas línguas românicas (já ninguém fala grego clássico ou latim, são línguas declaradas mortas, mas continuam como tradição literária), essa consideração poderia se aplicar para o caso das literaturas indígenas. Se a literatura é um fenômeno da linguagem, o primeiro capítulo da história da literatura latino-americana poderia ser a constituição de uma nova língua. O indígena aprendeu a língua do império na sua forma escrita e falada, e pratica desde então o bilinguismo, o que não aconteceu com o dominador, que não conseguiu aprender a língua indígena e seu complexo sistema simbólico.

Outro elemento que se deve considerar é o uso da palavra no que se refere à sua função estética, o que problematiza o critério do conceito de literatura. Assim, o

---

[59] De maneira semelhante acontece com as línguas africanas, consideradas simplesmente como um aporte à língua materna; novamente, as maiorias étnicas são consideradas como minorias culturais a serviço da cultura hegemônica.

[60] Esse equívoco é parodiado no romance *Viva o povo brasileiro,* do escritor João Ubaldo Ribeiro, no que consegue ilustrar essa confusão das línguas, uma verdadeira babel americana.

[61] É o que salienta o Inca Garcilaso de la Vega nos *Comentários Reales* ao referir-se aos erros dos espanhóis. O mais conhecido deles foi com o termo Peru, confusão com o nome do índio que enxergou pela primeira vez as naves espanholas. Além de questionar a comprovação do fato histórico, é útil para exemplificar as dificuldades de entendimento e como foi preciso criar outra língua para comunicar-se entre as duas culturas em encontro. Conforme se cita parte do texto: “Los cristianos entendieron conforme a su deseo, imaginando que el indio les había entendido y respondido a propósito, como si él y ellos hubieran hablado en castellano, y desde aquel tiempo, que fue el año de mil y quinientos y quince o diez y seis, llamaron Perú aquel riquísimo y grande Imperio, corrompiendo ambos nombres, como corrompen los españoles casi todos los vocablos que toman del lenguaje de los indios de aquella tierra, por que si tomaron el nombre del indio, Berú, trocaron la b por la p, y si el nombre Pelú, que significa río, trocaron la l por la r, y de la una manera o de la otra dijeron Perú. Otros, que presumen de más repulidos y son los más modernos, corrompen das letras y en sus historias dicen Pirú”. (DE LA VEGA, 1977)

caráter da lingua indígena é simbólico, não representacionalmente fonético; o sistema ideográfico é mais complexo, pois se vincula à tradição e ao entorno. A palavra, no caso indígena, tem um poder de intervenção na natureza, em comunicação com o invisível aos olhos, mas perceptível ao espírito. A poesia, de acordo com Hugo Niño nos seus trabalhos relacionados sobre o etnotexto, é:

> Una poética que actúa sobre sí misma y sobre el exterior. No es, pues, una realización textual radicada únicamente en la noción canónica de fortuna verbal, sino en su eficacia para establecer comunicación y concertar cambios de comportamiento en la naturaleza y el cosmos, así como de actitud en el receptor personal (NIÑO BARBOSA, 1998, p. 224).

Sendo assim, as sociedades pré-colombianas têm o Taita, o Xamã e o Pajé que preservam a palavra, assegurando o mundo e seu agir mágico. Mas essas práticas ainda são interpretadas como animismo ou superstição. Para o pensamento ocidental, não é possível enxergar a vida fora dos fatos. As literaturas indígenas envolvem essa realidade múltipla, no convívio de vivos e mortos, com o tempo circular, no espírito da natureza que se revela poderoso. Nesse sentido, Carlos Montemayor diz:

> La función de los rezos tradicionales es invocar a entidades sustentadoras de la vida identificadas en un espacio invisible no remoto, sino inmerso en el mundo de las propias comunidades. Ese conocimiento de las cosas visibles e invisibles permanece resguardado en ciertos géneros literarios tradicionales y en ciertas ceremonias religiosas (MONTEMAYOR, 2001, p. 62).

Desse modo, no pensamento ancestral, o homem não é o centro do universo; é mais uma criatura em relação a outras entidades. Estas cosmovisões conhecidas com maior profundidade poderiam modificar as interpretações da literatura latino-americana, o que não significa uma obsessão por achar em tudo uma justificativa indígena, mas de abrir-se a outros tipos de leituras possíveis.

A realidade e a ficção expressam a dicotomia da imaginação do Ocidente, o que marcou a escrita da história da literatura. A realidade ancestral é mais abrangente e não divide a existência cosmológica da vida dos homens, porém o

fantástico latino-americano é uma ficção que se insere no cotidiano, tanto para a literatura fantástica do sul do continente, como para o realismo mágico, só para exemplificar as duas tendências estéticas atribuídas à literatura latino-americana. O que se determina como uma caraterística do realismo mágico, o diálogo dos mortos de Juan Rulfo ou o diálogo de Arcádio Buendía, não é uma ideia fantástica, pois faz parte de tradições mais antigas que convivem com os espíritos, os antepassados, sem afastá-los do mundo dos vivos.

Ao considerar a literatura indígena como parte de um polissistema, este se relaciona pelo menos em três momentos: como antecedente, como produto da transculturação, como recuperação da voz indígena. A literatura no continente teria que ser estabelecida não em sua mais jovem forma da escrita como foi a circulação do livro, mas como uma tradição da palavra que tem diversas formas de permanecer ao longo do tempo. Em síntese, o sistema literário indígena tem um desenvolvimento diferenciado, uma vez que sua sobrevivência é expressiva para a comunidade que o produz e, por essa razão, não pode ser afastado do desenvolvimento geral da literatura da região, pois está inserido na evolução linguística das línguas da América Latina e da sua literatura. Uma conceito de polissistema literário permitiria ver as duas relações em seu desenvolvimento.

Ao que parece, o modo atual de inserir as literaturas indígenas é aproximando-as através de algum de seus componentes, mas não como um sistema diferente. Quando o produtor de uma obra é uma comunidade, por exemplo, a comunidade que preservou o *Rabinal achí*, o texto entra no sistema da literatura escrita no momento da sua tradução do francês ao espanhol, isto é, autorizada pela academia da metrópole. Outro exemplo: Nezacualcoyolt foi um poeta referenciado na literatura náhuatl, datado antes de 1492, autor historicamente reconhecido, sua obra foi transcrita dos códices e da memória dos escrivães indígenas no livro *Cantares mexicanos,* traduzidos em 1952 por Miguel Ángel Garibay e depois por Miguel León-Portilla. O poeta entra no sistema literário latino-americano após ser reconhecido no sistema literário mexicano, quando o governo do México adota para sua identidade nacional a herança indígena, logo foi inserido no sistema latino-

americano a partir da sua publicação em diversas antologias[62]. Finalmente, temos o livro *Antes o mundo não existia,* da comunidade Desâna, escrito na sua integridade pelos indígenas, para sua comunidade não esquecer a tradição. No momento da publicação para o Ocidente, eles não foram reconhecidos como autores no sistema bibliográfico; a autoria da escrita foi outorgada para a antropóloga que ajudou no processo da publicação.[63] Nestas três situações, as obras, o reconhecimento da autoria e a comunidade leitora participam em sistemas diferentes, pois se distanciam no tempo e no espaço, inclusive na língua. Para a compreensão desses fenômenos, precisa-se de um campo maior, ou seja, pensar numa estrutura que insira todos os sistemas possíveis e saliente os pontos de relação entre eles. É o que se procura com a ideia de polissistema literário.

3.3 As literaturas indígenas e o conceito de longa duração

O conjunto das literaturas indígenas pode ser visto como um processo de longa duração porquanto envolve as organizações humanas transformadas por outra cultura, mas que permaneceram ainda em outras formas de existência, cujo processo teve que ser modificado, embora os alicerces da sua cultura tenham permanecido na memória coletiva e preservados em sistemas simbólicos autônomos ou adotados da cultura invasora. Seu tempo de ajustamento foi lento, dada a barbárie à qual foram submetidas estas civilizações ancestrais. Sua cultura foi reduzida no genocídio da comunidade. Conforme o conceito de longa duração do historiador francês Fernand Braudel,[64] é possível comprender a sobrevivência das culturas que foram modificadas pelos acontecimentos de curta duração, mas não desapareceram na sua estrutura:

---

[62] De fato, foi o único poeta pré-hispânico incluído na coletânea "Colección de poesía del quinto centenario" que publicou antologias dos poetas mais representativos de América e Espanha. Aliás, nesta coletânea se inclui *Yurupari,* a lenda indígena como um reconhecimento da produção literária pré-hispânica.

[63] A esse respeito consulte-se o artigo "A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira", que apresenta a inclusão do texto no acervo de uma biblioteca brasileira no qual os autores não são reconhecidos, o que impede o acesso a este tipo de textos.

[64] Fernand Braudel (Luméville-en-Ornois, 1902 — Cluses, 1985), historiador da segunda geração da Escola dos Annales. Colaborou na organização da Universidade de São Paulo 1935-1937. Ele foi o resposavél pela introdução dos conceitos de curta e longa duração, que renovaram os métodos historiográficos do século XX.

> La historia dialéctica de la duración, ¿no es acaso, a su manera, explicación de lo social en toda su realidad y, por tanto, también de lo actual? Su lección vale en este aspecto como puesta en guardia contra el acontecimiento: no pensar tan solo en el tiempo corto, no creer que sólo los sectores que meten ruido son los más autenticos; tambien los hay silenciosos. (BRAUDEL, 1979, p. 82)

Os territórios das culturas indígenas foram modificados na sua aparência pelo povo invasor, mas preservados na estrutura mental de seus membros. Isto também foi aproveitado pela cultura invasora que construiu cidades sobre cidades, ressignificando o espaço, mas mantendo o poder sobre suas almas:

> Ciertas estructuras estan dotadas de tan larga vida que se convierten em elementos estables de una infinidad de generaciones; obstruyen la historia, la entorpecen y, por lo tanto, determinan su transcurrir. Otras, por el contrario, se desitegran más rapidamente. Pero todas ellas constituyen, al mismo tiempo, sostenes y obstáculos. En tanto que obstáculos, se presentan como límites, (envolventes en el sentido matemático) de los que el hombre y sus experiencias no pueden emanciparse. Piénsese en la dificultad de romper ciertos marcos geográficos, ciertas realidades biológicas, ciertos límites de la productividad, y hasta determinadas coacciones espirituales: también los encuadramientos mentales representan prisiones de larga duración. (BRAUDEL, 1979, p. 70).

Outorga-se demasiado crédito aos acontecimentos históricos explosivos: 12 de outubro de 1492 foi o começo da história americana, junto às datas da declaração de independência, às datas da queda do governo democrático, às datas da revolução. Estes são apenas fatos que assinalam alguns processos mais profundos, que foram mudando a organização social do território americano muito lentamente. Conforme Braudel, nas estruturas mentais, a história é como um tempo freado, às vezes inclusive no limite do móvel. As comunidades indígenas não deixaram de acreditar na sua cosmovisão, não deixaram de falar e sobretudo não deixaram de pensar e produzir formas simbólicas sobre os acontecimentos. Continuaram seu processo noutro modo de organização social, foram reduzidos na sua população mas conseguiram permanecer até a atualidade, não de outro modo poderíamos conhecê-las e continuar descobrindo sua cultura viva: “En toda sociedad, por muy tosca que sea, cabe observar las ‘garras del acontecimiento’, de la misma manera, no existe uma sola sociedad cuya historia haya naufragado por completo”. (BRAUDEL, 1979). A leitura unidirecional dos processos ignora como a

cultura indígena modificou o pensamento do invasor, como ele também teve que ser guiado pelos povos naturais até suas cidades para ali se estabelecer, e como expertos no segredo modificaram os caminhos da expressão.

O que é problemático para a historiografia das literaturas indígenas tem a ver sobre como localizá-las na linha do tempo. As literaturas indígenas podem ser consideradas como antecedentes arqueológicos de algumas tradições ainda em desenvolvimento, mas que foram assassinadas pela violência da conquista, que sobreviveram como minoria daqueles povos que ainda nas suas pequenas comunidades conservaram seus saberes e crenças, das quais no tempo presente se conhecem algumas delas pelo trabalho antropológico desenvolvido pelos pesquisadores das ciências sociais. Ao passar à escrita, estas tradições ainda permanecem como testemunhos ou documentos para o conhecimento antropológico das comunidades.

Este "sistema" entra em contato com o sistema oficial. Insiste-se no caráter de menor idade, um povo que não tem a capacidade de governar a si mesmo, e inclusive de manter seus costumes, mas, dentro de outra perspectiva, são eles que não permitem a acessibilidade do homem branco a seu sistema[65]. A respeito deste registro por parte do sistema oficial, no século XX o indígena é tratado com um novo sentido de justiça social, mas sem a capacidade de se expressar por ele mesmo; no entanto, as comunidades conseguiram inserir o mundo dos brancos nos seus relatos fundacionais:

> O sétimo a sair foi o branco com a espingarda na mão. Então Ëmëkho sulãn Panlãmin lhe disse: "Você é o ultimo; dei aos primeiros todos os bens que eu tinha. Como é o ultimo, deve ser uma pessoa sem medo. Você deverá fazer a guerra para tirar a riqueza dos outros. Com isso encontrará dinheiro". Quando Então Ëmëkho sulãn Panlãmin acabou de dizer isso, o primeiro branco virou as costas, deu um tiro com a espingarda e seguiu para o sul. Entrou na

[65] Na cultura kogui da região do Tairona colombiano se fala de irmãos maiores e irmãos menores, por certo, os koguis são quem tem de cuidar das besteiras dos menores que agem em seu entorno, pois infelizmente não conseguem se relacionar com a natureza e os demais seres vivos. Agora eles compartilham sua palavra fora da sua comunidade, aprendem a língua oficial, escrevem nela para que nos consigamos entender. As organizações indígenas da América Latina são um exemplo de como se posicionam socialmente e politicamente.

> vigésima primeira casa, situada em são Gabriel. Aí mesmo fez a guerra. Na pedra que existe nesse lugar, vêem-se figurinhas parecidas com soldados, com capacete e espingarda, todos ajoelhados, dando tiros. Já que Então Ëmëkho sulãn Panlãmin deu ao branco o poder de fazer guerras, a guerra é para ele como uma festa. Por isso os brancos fazem guerra. (UMÚSIN PANLÕN KUMU e TOLAMÃN KENHÍRI, 1980, p. 74).

Como movimento recente de empoderamento das comunidades, estas entram no sistema literário a partir da sua concreção como escrita, as práticas orais são consideradas restritas às comunidades e como *performance* são muito difíceis de objetivar e de se estabilizar como um objeto de estudo, como se consegue com o livro e a escrita que perpetua a literatura como um objeto feito sem maior transformação ao longo do tempo. É possível compreender as dificuldades que percebeu o grupo da *ALPLC* ao considerar a carência de um método de estudo para aquelas literaturas e de considerá-las um sistema diferenciado que ainda se acha nos começos da pesquisa literária. A coragem de incluí-las dentro desse projeto historiográfico e inobjetável, mas é importante salientar que para os anos oitenta já se tinha um conjunto de pesquisas, publicações e trabalhos nessa linha que poderiam ampliar a presença dessas literaturas.

Nos últimos anos, surgiu um conjunto de manifestações literárias de jovens das minorias étnicas que entraram na cultura oficial e foram educados no sistema de ensino ocidental, pelo menos na aprendizagem do idioma oficial de seus governos, mas que desenvolveram uma expressão na forma da literatura escrita. Estas literaturas, já transculturadas, merecem certo reconhecimento por parte das universidades, que assumem sua leitura como parte de outros sistemas menores como literaturas marginais. Isto é, como sistema paralelo matizado numa relação de subalternidade, conceitos carregados de um discurso político que às vezes incomoda e que faz com que sua defesa seja tomada como pouco adequada para a especificidade dos estudos literários, ao considerá-los ideologia, no sentido ruim da expressão.

Os conflitos expostos sobre a dificuldade de inserir estas literaturas nas histórias da literatura não foram problemas na consolidação do sistema literário do Ocidente. A origem mesma da literatura foi a oralidade, a epopeia foi uma obra

transmitida oralmente e a sua autoria ainda é uma questão problemática. A poesia trovadoresca foi uma prática musical do século XII que deu origem à tradição poética de Ocidente, logo fixada nos cancioneiros da corte. As obras de Shakespeare não foram escritas para um público leitor; segundo a prática teatral, o texto era falado do diretor-autor para os comediantes, logo transcrito por um escrevente. Nesse sentido, o texto era uma prática performática que conseguiu passar à história da literatura como pedra angular do cânone ocidental. Muitos dos defeitos apontados para não considerar a literatura indígena foram perdoados no caso de outras literaturas. Infelizmente, nega-se o processo da literatura indígena, da oralidade para a escrita. No entanto, compreendida a partir do conceito de transculturação, esta literatura recupera sua especificidade, podendo assim ser considerada parte do *corpus* latino-americano*.* Também é interessante perceber como a mudança do conceito de literatura implica a mudança do *corpus,* embora seja feito em outro contexto cultural e em outra época.

Compreender o problema de incluir as literaturas indígenas vai além de uma questão de apresentação de capítulos, conduz a um problema de identidade negada mas não desaparecida, não extinta. Como compreender a literatura latino-americana nos seus patamares sem a compreensão da tradição indígena, não somente como transculturação, mas como tradição que sobrevive na temática, na cosmovisão e na estética? Assim, só se dá espaço à literatura indígena como temática no indianismo e indigenismo, mas pode-se também assumir a linha de desenvolvimento literário indígena que teve um encontro com outro sistema, o europeu, que foi transformado para a escrita, mas que sobrevive desde o ventre índio fecundado por outras raças. Os ventres da miscigenação foram índios e negros, não foram as mulheres europeias as grávidas, foi a mulher quem levou no seu ventre o mestiço, os cantos de ninar foram em língua mestiça, a mulher índia e negra foi a responsável pelo povoamento latino-americano, não somente biológico, senão na sua língua, na sua oralidade, a mulher índia e negra foi a responsável pela criação dos filhos das famílias dominantes.

A literatura indígena foi escassamente reconhecida dentro dos sistemas nacionais, seu espaço regional foi muito limitado. No entanto, o caso do México é um exemplo de como a institucionalização da herança indígena na conformação da

identidade nacional fez com que se criassem instituições para o desenvolvimento da pesquisa. Deve-se reconhecer que a modificação de leis sobre a diversidade cultural dos anos recentes nos países latino-americanos permite uma maior circulação destes materiais. Os movimentos sociais estão ligados à expressão cultural. Uma permanente resistência de fato acompanha os movimentos sociais com as agrupações indígenas, sua participação nos movimentos de resistência permanente foi aproveitada para as campanhas libertadoras. As revoluções sociais[66] também se apropriaram da esperteza de luta dos agrupamentos indígenas e recentemente suas formas autônomas de governo dentro dos estados nacionais são acontecimentos que emergem de uma história longa de intervenção nas jovens sociedades em formação.

Finalmente, a sensatez do professor Antonio Candido sobre o modo de autocrítica do ofício literário permite compreender a profundidade do problema, pois a existência de uma literatura indígena é diferente de seu acolhimento dentro de um discurso historiográfico. Nesta leitura crítica, é importante concluir que, apesar das discussões teóricas, os modos de incluir as literaturas indígenas são insuficientes e, além disso, não fica clara a ideia de sistema diferenciado, o que mais prejudica a sua valorização dentro da historiografia latino-americana. O que permite uma inclusão desde as origens é a ideia de longa duração, essa é uma das possiblidades que se pode concluir do conjunto de artigos, a presença de um *corpus* ainda por descobrir.

[66] Só para exemplificar, em Colômbia a incidência do Movimento Indígena Quintin Lame na segunda década do século XX marcou os modos de organização e luta social da população. Outro exemplo recente é a organização do Exercito Zapatista de Liberação Nacional no México. Ambos os grupos defendem os direitos das comunidades nativas em quanto a possessão de terras e autonomia de governo.

4 CÂNONE E *CORPUS* NOS SISTEMAS LITERÁRIOS CULTO E POPULAR

Para o desenvolvimento deste capítulo se faz necessária a contextualização do processo histórico[67] pelo qual se organizaram as classes sociais na formação dos Estados latino-americanos. Os sistemas literários popular e culto são reflexo do regime estético das artes[68], isto é, uma elite arroga-se o direito de instituir o cânone representativo da literatura nacional e conforma uma história literária, com um *corpus* daquelas produções que essa elite determina, usando critérios "estéticos" que, na verdade, revelam-se mais políticos e de classe. A história da literatura foi uma invenção simbólica que congregou as nações europeias num projeto de identidade nacional (o espírito nacionalista). Tem seus alicerces na unidade linguística e na unidade do Estado-nação. Entretanto, nos países da América Latina a inesperada resolução das independências levou a improvisar os discursos simbólicos para unificar os grupos sociais que ainda não se identificavam como nação.

A crise na ordem colonial da América foi umas das consequências das invasões napoleônicas na Espanha e Portugal[69], mas, seus efeitos foram diferentes para ambos os impérios. Os protestos dos *criollos*, mestiços, indígenas e negros foram permanentes ao longo de três séculos da dominação colonial; apesar disso, a pretensão de independência não foi uma ideia que unificou todos os grupos sociais, as reclamações de cada grupo social relacionavam-se a questões distintas. A independência no continente americano foi um processo, quase imprevisível, pelo qual uma classe dominante americana reagiu contra as Reformas Bourbônicas do fim do século XVIII. Os *criollos* procuravam um maior controle sobre os Vice-Reinos da Espanha colonial. "A luta do povo" foi uma imagem heroica das histórias nacionais, mas a participação do povo foi somente no campo de batalha, pois as

---

[67] O discurso historiográfico também mudou a partir das teorias da nova história e da história comparada. O contexto histórico apresentado neste capítulo está baseado nos autores Fernando Lopez- Alves, Heraclio Bonilla e Leslie Bethell.

[68] A relação que se estabelece entre estética e política foi desenvolvida nos artigos sobre literatura culta e literatura popular da *ALPLC.* Aliás, o conceito na atualidade é discutido pelo crítico francês Jean Ranciere no livro *A partilha do sensível: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.*

[69] Para as colônias espanholas significou maior controle e repressão, para o Brasil significou maior lealdade para a família imperial, que fixou sua residência no território colonial.

Atas de independência foram assinadas pelos “heróis da independência”, filhos e herdeiros do poder político e econômico colonial, insatisfeitos com sua escassa participação na administração. Desse modo, é possível afirmar que o processo de independência não surgiu do planejamento de um projeto estatal, surgiu da repercussão das crises europeias em terras americanas. É razoável compreender o fracasso do plano confederativo da *Gran Colombia*, do caudilho Simón Bolívar, pois as relações entre os Vice-Reinos e suas elites ainda eram muito fracas, não se tinha uma noção de região. Uma vez feita a independência, as novas repúblicas estabilizaram suas fronteiras, organizaram sua administração e garantiram seus recursos econômicos. Um século levou-lhes o seu processo de conformação, neste período um grupo social concentrou o poder e atuou como promotor do Estado[70].

Depois disso, as elites construíram projetos simbólicos para a coesão dos grupos sociais. Seguindo o exemplo europeu, escreveram-se as primeiras antologias e histórias literárias nacionais,[71] vinculadas aos projetos nacionalistas das diferentes repúblicas. O pensamento racional do qual deriva a ideia de Estado procurou o caminho da evolução, da homogeneidade social e da igualdade ante a lei, argumentos convincentes usados pelas elites para construir o sentido de pertença ao Estado. No entanto, o projeto resultou em um paradoxo, pois a representação de um ideal de nação se contrapôs a uma realidade social na qual os interesses políticos e econômicos impediram a consolidação de uma sociedade participativa e democrática.

Na América Latina a escrita das histórias nacionais e da literatura foi um projeto não orgânico, os Estados ainda não se identificavam como nação e sua unidade linguística, na verdade, era somente uma realidade pela lei[72]. A América Latina é uma ideia que começa a chamar a atenção no final do século XIX, após a

[70] Segundo Fernando López-Alves, as elites constituíram-se a partir de diferentes grupos sociais; em alguns países, surgiram de agremiações de fazendeiros; em outros, vinculadas aos caudilhos, à nobreza *encomendera* e aos comerciantes. Todo esse processo ocorreu por meio de constantes lutas internas entre os diferentes grupos. A diversidade de processos gerou diferentes formas de constituir a nação, que tinham, contudo, em comum, a pronta definição da elite e da população.

[71] As histórias das nações e as histórias literárias foram redigidas próximas à comemoração do primeiro centenário da independência, algumas delas como verdadeiros projetos do Estado. Os discursos sobre raça e nação também são desta mesma época.

[72] Pode-se testar nossa contemporaneidade na diversidade linguística que foi, de fato, admitida como uma problemática na *ALPLC*.

independência da maioria das nações da região, com a língua como o eixo diferenciador e, principalmente, como literatura hispano-americana. Para a escrita dessas histórias foi possível recolher parte do estimado nas antologias e histórias nacionais. Assim, configuravam-se como uma coletânea de obras e autores[73]. Nesse sentido, a título de exemplificação, o erudito espanhol Marcelino Menendez y Pelayo publica a *História de la poesia hispano-americana,* (Madrid, 1911), em comemoração aos quatrocentos anos do descobrimento. O projeto foi considerado pelos críticos espanhóis como uma forma de lembrar a dependência linguística, portanto literária, da produção hispano-americana. No século XIX outros estudiosos europeus, ansiosos por abranger o mundo pelo conhecimento universal, já tinham publicado algumas questões sobre a literatura do continente americano. Outras histórias foram publicadas nos Estados Unidos, primeiramente em inglês, mas escritas por autores hispano-americanos. A história literária no seu começo foi redigida por uma elite ilustrada e encaminhada para a elite literária internacional da qual quer se emancipar e pela qual quer ser reconhecida em sua evolução. Desse modo, o critério estético ficou comprometido com uma ordem política de classe. Em contrapartida, o sistema popular permaneceu afastado dos centros de produção da literatura escrita, e possuindo outras funções e qualidades estéticas. A mudança na teoria historiográfica e da crítica literária do século XX chama a atenção para este *corpus. N*a atualidade, as relações desses sistemas constituem um elemento fundamental para a compreensão da literatura latino-americana.

A independência também abarcou o âmbito da cultura, a expressão dessa elite confrontou-se com os padrões peninsulares, ou seja, a expressão *criolla* em confronto com a cultura da coroa. Nessa época, os autores da cidade letrada se reconhecem como os elaboradores da cultura nacional, prevalecendo sobre as outras classes sociais que ficaram ignoradas pelo já antigo preconceito contra as outras etnias, sobre a sua incapacidade de pensamento e invenção. No entanto, essas elites têm a necessidade de serem reconhecidas pelas literaturas peninsulares, como mais uma confirmação da sua independência. A discussão sobre o modo de diferenciar a literatura americana da peninsular seguiu duas vertentes: de

[73] Até a década dos 70 foi um padrão comum, exemplo disso foi a história elaborada por Jean Franco: *História de la literatura hispano-americana, a partir de la independência.* Escrita em inglês, foi publicada em Stanford, em 1973.

um lado, o nacionalismo radical que reivindica a paisagem, a cor local e a imagem heroica do passado ancestral[74]; de outro lado, seguiu a vertente da aspiração ao universalismo, onde a expressão literária se encaminha para atingir as qualidades estéticas consideradas no pensamento do Ocidente como o padrão universal. De qualquer forma, as duas possibilidades estão ligadas à ideia de civilização. A escrita das histórias literárias servia para que as elites latino-americanas comprovassem sua capacidade intelectual. Além disso, no começo do século XX, os argumentos para a evolução da literatura giravam em torno do cosmopolitismo, inspirado no contato com Paris, capital europeia vista como o principal centro de cultura do Ocidente.

O privilégio da escrita não impediu que fossem constituindo-se outros sistemas. Fora desse circuito, houve outro tipo de literatura criada por pessoas comuns que compartilhavam sua atividade poética com os ofícios corriqueiros do povo. Um dos exemplos se acha precisamente na literatura de cordel do Brasil*,* uma produção escrita incluída recentemente em algumas histórias literárias brasileiras e que agora é reconhecida como um produto genuíno da literatura do continente. Nesse caso, o cordel passou a ser visto como um produto da escrita ficcional, revestido das qualidades próprias da linguagem literária e com alicerces na tradição literária europeia, fato que não foi percebido por muitos que se dedicaram à escrita da história da literatura brasileira[75]. O que se pode presumir é que não foi certamente o critério estético que determinou a sua não inclusão no cânone literário nacional. Desse modo, a exclusão do cordel, no âmbito das histórias da literatura, pode ser debitada muito mais a um critério que é de classe social e não estético.

No âmbito do projeto historiográfico de *ALPLC* procuraram-se outros materiais que comprovassem a heterogeneidade literária da região. O grupo assessor sugeriu uma revisão sobre o que se considerava o *corpus* e o cânone literário para a

[74] Desta época os discursos sobre a raça dignificaram o passado indígena, ainda que já desaparecido, e fixaram o presente na mestiçagem com futuro ao branqueamento. Na Colômbia, como exemplo desse processo, Luís López de Mesa escreve *De cómo se ha formado la nación colombiana, 1934*. No México, Francisco Pimentel (1832-1893) publica: *Memoria sobre las causas que han originado la situación actual de la raza indígena de México y medios de remediarla,* Domingo Faustino Sarmiento publica o ensaio *Conflicto y armonías de las razas en América*, *e La Raza Cósmica y la identidad iberoamericana,* publicada em 1925 por José Vasconcelos.

[75] Caso especial é *A história da literatura brasileira,* de Sílvio Romero, com a publicação dos primeiros dois volumes em 1888, que inclui alguns capítulos sobre a poesia popular brasileira.

inclusão de outros sistemas. Na oposição culto-popular, percebe-se a mudança nos critérios que definem uma nova história da literatura latino-americana:

> Más allá del área geográfica se considera que la crítica y la historiografía han venido restringiendo el ***corpus*** de la literatura latinoamericana al atender sólo al sistema culto. Se establece la necesidad de atender también a los sistemas literarios populares y a los sistemas literarios en lenguas nativas. Sobre las formas de integración de estos últimos sistemas en el proyecto, se consideró que de alguna manera se debiera integrar en el todo cuando menos el avance que la reflexión crítica ha desarrollado al respecto en los casos en que sea significativo. Sobre las formas de integración de los sistemas literarios populares se realizó una consideración similar. (PIZARRO, 1987, p. 190)

Os sistemas em questão, culto e popular, definem-se um em oposição a outro. O culto e o popular trazem a problemática do cânone e do *corpus*, uma vez que o sistema literário escrito na língua oficial foi aquele representativo da literatura nacional, logo, a partir dele se conformou o *corpus* para uma literatura latino-americana. No entanto, outros processos progrediram, como no caso do sistema indígena, semelhante ao desenvolvimento deste sistema, conforme outros códigos de fixação da palavra, assim como o sistema do Caribe que se constituiu a partir de uma relação geográfica e linguística diferente. Assim, a presença desses múltiplos sistemas representa essa heterogeneidade característica da América Latina. A definição do conceito por parte de Cornejo Polar possibilitou um novo olhar sobre o modo como se configurou o discurso das histórias das literaturas nacionais e, também, considerar o que ficou fora desse paradigma.

Os conceitos de heterogeneidade e de transculturação apontam para a diversidade no desenvolvimento dos sistemas literários culto e popular, igualmente para suas relações. O assunto vai além de uma redefinição da literatura, chama a atenção sobre conflitos mais profundos da constituição das sociedades latino-americanas em torno do conceito de raça e de sua relação com a conformação das classes sociais. Quem fica no cume da sociedade determina o regime do estético, do religioso e do político. A mesma afirmação se encontra na crítica literária de Ángel Rama que destaca o desenvolvimento do discurso latino-americano a partir de um denominador comum na sua história sociocultural. Assim,

> Hay un tercer rasgo que corresponde a la estructura cultural de la América Latina, tanto por lo que tiene a ver con sus mestización bajo la egida de una cultura dominante importada, como por la peculiar estratificación social del continente a lo largo de los siglos (y hoy en día) que ha favorecido una equivalente estratificación de las manifestaciones, entre ellas las específicamente literarias. (RAMA, 2006, p. 120)

A literatura popular é produzida na mesma língua oficial e se insere socialmente na estrutura da nação, tem seu viés na estratificação do estético, o que tem a ver com a tradição literária. A literatura popular às vezes é considerada como expressão mais comunicativa que estética, pouco atenta à forma, sem originalidade, nem recursos poéticos, de "cor local", até pouco transcendente; em oposição, a literatura culta apropria-se de temas como o da condição humana e aspira à universalidade, caraterísticas importantes da obra de arte literária que pretenda frequentar o cânone universal.

O *corpus* da literatura latino-americana legitima-se no tocante ao projeto de nação das repúblicas, isto é, a poesia heroica, o indigenismo e o regionalismo. Esses períodos literários comuns nos países latino-americanos estabelecem os vínculos com os movimentos europeus do Romantismo, do Naturalismo e do Realismo, movimentos que exaltam o espírito da nação, o determinismo social e o reflexo da realidade burguesa. Todas elas produzidas ao interior dessa cidade letrada - ou ilustrada para melhor perceber o desejo de um mundo racional. A estabilidade desse cânone assenta-se num *corpus* afinado com estas ideias. A contribuição elaborada por Antonio Candido para diferenciar o sistema culto do sistema popular tem por consequência direcionar as pesquisas para a história da literatura latino-americana: literatura de cordel, letristas da música popular, lendas e contos tradicionais, enfim, aquelas formas da oralidade e da escrita de caráter coletivo que foram alicerces para a produção literária do continente.

Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar coincidem ao estabelecer um segundo período para a transculturação, desta vez, o que se refere à modernização (1890-1940). A vida da cidade latino-americana transforma-se com os movimentos migratórios do campo para a cidade e as imigrações de europeus pobres para a

formação de colônias nos territórios despovoados dos países da América Latina, no começo do século XX. Os povos imigrantes chegaram de uma Europa em guerra e contaminada pela revolução proletária, na qual a escrita foi um meio para difundir o pensamento de esquerda; essas ideias modificaram de novo a vida dos grupos sociais. Portanto, a literatura popular é julgada pelo seu viés ideológico ao não se configurar como um objeto "autônomo da linguagem", conforme o conceito de literatura que norteia os estudos literários na modernidade. O *corpus* tende a multiplicar-se e a inter-relacionar-se com outras tradições; assim, o critério estético torna-se mais ambíguo, pois não fica adstrito a uma tradição só. O caráter político assumido por boa parte dessa produção popular impede, muitas vezes, que ela seja incorporada aos cânones nacionais. Nesse sentido, é necessário refazer o caminhos e reconstruir essas outras tradições que permaneceram vivas e que contribuíram para consolidar a especificidade da literatura latino-americana.

O trabalho de Ángel Rama, em *Transculturação narrativa,* mostra como a novela latino-americana também é produto da relação com a oralidade, com a cosmovisão indígena e, em especial com o contato entre as classes sociais. Alguns dos autores dessa segunda época não pertencem à elite da tradição escrita, eram filhos da classe média que tiveram um maior contato com as outras classes, as quais consideram componentes da sua identidade. A consciência social também é uma caraterística comum dos escritores da geração do *boom latinoamericano*, o conceito de justiça social é muito forte nos romances produzidos na década dos anos quarenta em diante, sobretudo nos consagrados como clássicos latino-americanos[76].

A categoria de totalidade contraditória é uma possibilidade para abranger conceitualmente essa diversidade que ainda mantém um traço comum ao relacionar os diferentes sistemas desenvolvidos no plano do conjunto das nações e do território, sendo a história um denominador comum pela condição de ex-colônias europeias. Prevalece de novo essa divisão social que caracteriza a expressão literária e o seu julgamento como evolução. Nessa perspectiva, poder-se-ia dizer que

[76] Isto é, os autores e obras de maior estudo e circulação na região: *Pedro Páramo (1955)*, de Juan Rulfo, *Canto general (1950)*, de Pablo Neruda, *Todos los fuegos, el fuego* de Julio Cortázar (1966), *La ciudad y los perros (1962)* de Mario Vargas Llosa, *La muerte de Artemio Cruz (1962)* , de Carlos Fuentes, *España, aparta de mi este caliz (1940),* de Cesar Vallejo, *Las venas abiertas de América Latina (1971)* , de Eduardo Galeano.

o critério estético na verdade é um critério político disfarçado, e que seria necessário submeter de novo ao modo tradicional como se estudam os outros períodos, pois é a partir dali que se constrói o conceito estético que julga as obras do presente.

No que se refere as suas diferenças, o sistema literário culto tem caraterísticas definidas, isto é: seu código é a escrita, seu meio de circulação é o livro, preserva o autor e sua obra na sua individualidade, transcende à universalidade, dá continuidade à tradição literária peninsular, aceitando-a ou rejeitando-a, concebe a literatura como arte e como uma linguagem autônoma, acredita na originalidade, considera-a como obra do espírito, penetra nas estruturas profundas da linguagem, segue os padrões da evolução literária de sistemas mais antigos -inclusive nas suas contradições- e tem uma definição fechada de literatura. Em oposição, a definição do sistema popular é mais difícil de abranger, no entanto podem ser estabelecidos alguns critérios para descrevê-lo:

- as produções admitem a autoria coletiva ou anônima;
- circula da escrita para a oralidade, e da oralidade para escrita;
- a expressão popular não precisa da originalidade, repete as formas e fica no espaço da imitação;
- sua circulação é local;
- serve-se de outras linguagens, como a da música e a da gestualidade;
- os temas da literatura popular tratam das histórias pessoais da cotidianidade;
- a literatura expressa um sentido de protesto e burla, às vezes considerado como panfletário; faz uso do duplo sentido;
- suas formas estéticas não projetam um sentido de valorização do belo no sentido a ele atribuído pela norma acadêmica;
- usa expressões da fala coloquial.

A literatura popular, no caso brasileiro, também se vincula à tradição dos portugueses e hispânicos sobre a matéria do *Romanceiro tradicional*. Suas formas populares têm sua preservação nessa oralidade, já que os romanceiros compostos na escrita chegaram às comunidades através dos recitadores. Essa poesia

modificou seu público e suas formas. Enquanto que o livro conduz para a leitura individual e favorece o isolamento do indivíduo, a leitura coletiva mantém a coesão do grupo social e preserva a tradição na memória das pessoas; no entanto, a poesia, ao migrar para o campo da oralidade, é taxada como mais uma expressão do popular. O artigo incluído na ALPLC, de Clara Rey de Guido *faz* uma menção sobre isto:

> Esta literatura formada al margen de la literatura ilustrada tuvo poca aceptación dentro de las elites ciudadanas, que le criticaban sus escasos valores estéticos. Sin embargo, tiene características propias e objetivos también específicos, como lo fue, en un primer término, el de satisfacer el gusto de un público relativamente alfabetizado, aunque no por ello "ilustrado" en los cánones y reglas estéticas de "la literatura". En segundo lugar, parte de esta literatura perseguía un objetivo propagandístico, en especial la poesía libertaria y sociopolítica. (REY DE GUIDO, 1994, p. 399)

Seguindo essa perspectiva, Antonio Candido, nos encontros prévios da *ALPLC*, apresenta a questão de diferenciar os sistemas e reconhecer como o sistema popular proveu o sistema culto, ou seja, ele não somente propõe a diferença dos sistemas, mas incentiva o estudo da relação existente entre os sistemas. Nesse sentido, afirma:

> Asi, parece posible afirmar que la literatura brasileña, aunque esté basada en patrones cultos fuertemente impuestos, y aunque haya contribuido para definir el sistema de dominación política y social, posee corrientes reprimidas, oriundas, sea de patrones más populares, sea de modelos heterodoxos. (CANDIDO, 1985, p. 83)

De acordo com o parágrafo citado, no século XX esta situação se transforma, a literatura latino-americana começa a renovar-se a partir da produção das classes populares que constituem a maioria da população. No começo, a elite ilustrada formou-se por um grupo muito restrito de proprietários de grandes extensões de terra, de profissionais das ciências liberais e de descendentes da pequena aristocracia latino-americana, mas que, no âmbito da mudança referida, deixaram de ser os produtores exclusivos da cultura. No entanto, ainda continuaram a agir como "censores culturais" no domínio dos meios de comunicação e produção da indústria editorial. Outro fator a considerar foi a formação da classe burguesa que teve em

alguns casos sua origem nos imigrantes pobres vindos da Europa de pós-guerra; não foi, com certeza, a elite europeia que povoou os territórios afastados das repúblicas novas da América Latina durante o final do século XIX, foi o proletariado, o camponês europeu sem terra que deslocou-se para baixo na pirâmide social, aproximando-se do mestiço, do indígena e do negro. O acesso à educação nos países do Cone Sul favoreceu o contato de todas essas culturas. A tradição resultante foi uma mistura acolhida pelo povo mesmo, um fenômeno da transculturação. As músicas, as histórias, as lendas e toda essa matéria foi o que construiu o imaginário latino-americano e que nos permite dialogar em um sistema semântico cultural comum.

Contudo, a recuperação desse *corpus* popular não significa esquecer o sistema culto, nem lhe punir, trata-se de localizar historicamente processos literários que estiveram em oposição e em diálogo ao mesmo tempo. As contradições permitem atingir uma expressividade na literatura latino-americana que na atualidade produz inúmeras formas de escrita, tão legítimas pela diversidade de sistemas com os quais se relacionam. Por isso, é possível pensar a literatura latino-americana como um polissistema no qual as diferentes tradições se relacionam e produzem novas formas de escrita em códigos diversos. Com esta ideia, encerra-se o contexto historiográfico para entrar na análise dos artigos incluídos na *ALPLC* que se referem aos dois sistemas mencionados culto e popular.

4.1 Descrição dos artigos[77]

O primeiro volume da *ALPLC* apresenta o artigo do professor argentino Walter Mignolo: “Palabras pronunciadas con el corazón caliente”. Nele o autor descreve como as práticas discursivas da escrita se posicionaram sobre as outras expressões da palavra que logo foram desqualificadas. A sua abordagem estabelece a ambiguidade dos conceitos no que concerne a uma teoria literária para essas práticas discursivas no século XVI no território americano.

[77] *ALPLC* apresenta mais dois artigos sobre o romance da revolução mexicana e o romance social hispano-americano. Não se incluíram como *corpus* para o presente capítulo, embora tratem de matérias semelhantes.

O *corpus* do sistema culto, ou seja, o uso da palavra escrita como instrumento para a imposição da lei imperial se situa, dentro de um olhar convencional, como a primeira manifestação da literatura latino-americana. A relação estabelecida entre as classes dominadas e dominantes caracteriza o desenvolvimento da expressão literária no território americano e define seu posterior desenvolvimento em diferentes sistemas literários e suas futuras contradições. A sociedade civilizada representada na autoridade imperial e eclesiástica se legitima através da escrita e do livro. O confronto com outras práticas semelhantes (códices e *quipus*) dos povos nativos resulta na rejeição que segue três rumos: a sua destruição, a sua preservação como objeto exótico, a interdição para seu posterior conhecimento. No último caso, ao preservar esses objetos expressivos, procurou-se a ajuda de intérpretes, membros das castas indianas. No caso do Vice-Reino da Nova Espanha, há um conjunto de autores indígenas letrados do século XVII, descendentes dos poetas governadores e da nobreza *chichimeca,* que foram educados no *Colégio de Tlatelolco* e são reconhecidos como autores da Colônia. No caso do Vice-Reino do Peru, temos o Inca Garcilaso de La Vega, filho de uma princesa incaica e um conquistador espanhol. Esses autores são reconhecidos na tradição literária colonial; de fato, não se consideram selvagens ou bárbaros como os seus congêneres, a ligação destas exceções se estabelece por um vínculo de classe, não de raça. No entanto, o privilégio aplica-se somente para a produção ameríndia, pois as castas africanas e suas práticas discursivas foram menosprezadas; para sobreviverem, preservaram sua cultura na memória, no segredo, na religiosidade, na música, na dança e no canto. Nessa perspectiva, apenas agora se recuperam alguns registros da escrita africana do período colonial[78].

No que tange ao uso da língua nativa na evangelização, a alfabetização na língua imperial e posteriormente a proibição de seu uso foram os modos de restringir as práticas orais indígenas, o mesmo acontecendo com as línguas africanas. A partir dessas circunstâncias, traçaram-se os rumos da expressão da palavra, desqualificando a oralidade dos povos dominados e favorecendo a escrita do poder dominante. A proibição das práticas da oralidade por meio da alfabetização gerou

78 Recentemente se deu a conhecer o livro de memórias *An interesting narrative. Biography of Mahommah G. Baquaqua* (*Uma interessante narrativa. Biografia de Mahommah G. Baquaqua*, em tradução livre), publicado em 1854, nos Estados Unidos. Trata-se da história de um escravo no Brasil.

um produto da transculturação, pois os membros de outras culturas adotaram a língua do império, mas sua densidade semântica dissimulou-se nesses contatos culturais. Assim, as culturas em conflito procuraram semelhanças para preservar sua tradição. O fenômeno pode ser mais esclarecedor no sincretismo religioso do Brasil, no que se refere à adaptação de doutrinas diferentes gerando correspondências incongruentes, como uma forma criativa e inteligente de enganar as autoridades, para invocar os seus deuses africanos sob a forma dos santos católicos. Da mesma forma, no âmbito da expressão da palavra, esse tipo de relações culturais fixa um novo campo semântico cultural caracterizado pelo duplo sentido, referido anteriormente como uma das caraterísticas da literatura popular; nesse rumo, vão se constituindo as origens dessa literatura que se produz na língua do império, já transformada com os aportes indígenas, africanos e da tradição oral do Velho Mundo, isto é, os romanceiros da tradição portuguesa e hispânica.

Retomando a permanência das tradições populares europeias, pode-se ver uma brecha às vezes ignorada sobre a continuidade do popular que chega com a diversidade das tradições peninsulares. Não foram somente os missioneiros cultos e a burocracia castelhana e lusófona que conformaram a nova sociedade americana, as vertentes de outras expressões chegaram nos navios e se misturaram na conformação do povo americano. Para aprofundar sobre este aspecto, é interessante observar como muda a categoria da literatura de um continente a outro, a poesia tradicional contida nos romanceiros hispânicos é considerada a veia da poesia culta, ao chegar ao território americano é difundida pela oralidade e passa a ser considerada literatura popular. A literatura de cordel da metade do século XIX adota a tradição dos ciclos bretão e carolíngio da poesia tradicional. O romanceiro é um exemplo da literatura peninsular transmitida na oralidade sem ficar sujeita à escrita. Sobre isto, o especialista em literatura hispânica Ramón Menéndez Pidal[79] estabelece a diferença entre literatura tradicional e popular, mas não desqualifica a oralidade como modo de circulação da literatura. Nesse sentido, afirma o que segue sobre a poesia que se transmite pela voz e não pela escrita:

[79] Ramón Menendez Pidal, (La Coruña, 1869 - Madrid, 1968) foi um filólogo e historiador espanhol. Precursor da filologia hispânica formou uma destacada escola de pesquisadores e críticos. A citação faz parte do texto “Poesia popular y poesia tradicional en la literatura española”, recolhida no livro *Los romances de América* (1939).

> Poesia que se rehace en cada repetición, que se refunde en cada una de sus variantes, las cuales viven y se propagan en ondas de carácter colectivo, a traves de un grupo humano y sobre un territorio determinado, es la poesia propriamente tradicional, bien distinta de la outra meramente popular. La esencia de lo tradicional está, pues, más en la mera recepción o aceptación de una poesía por el Pueblo...; está en la reelaboración de la poesía por medio de las variantes". (ALVAR, 1987, p. 23)

Finalmente, o critério da diversidade também pode ser utilizado para analisar a tradição europeia que, na maioria das vezes, é pensada como algo homogêneo, embora hoje se saiba que tal postura não corresponde à realidade dessa tradição. Os conflitos culturais, religiosos e políticos eram abundantes no continente europeu e tudo isso atingiu as fronteiras do Novo Mundo. É por essa razão que há necessidade do estabelecimento de um sistema flexível que permita reconstruir as diferentes manifestações culturais como antecedentes próprios da transculturação na América.

Walter Mignolo, focaliza a questão dos gêneros literários, relacionando-a ao estatuto do literário. A divisão clássica aristotélica dos gêneros lírico, épico e dramático não abarca essas formas de escrita, uma vez que a diversidade de formas ultrapassa esses critérios, pois são os relatos de viagens, os relatórios, diários, cartas e crônicas que constituem o *corpus* colonial americano. Assim, as práticas discursivas na América seriam falhas no que diz respeito à teoria clássica dos gêneros. No entanto, a teoria literária moderna é bem mais flexível e aceita as formas de escrita desse sistema, a despeito das dificuldades sobre a definição da sua forma[80]. Por essa razão, é importante anotar que a teoria dos gêneros pensada por Aristóteles não pode ser o caminho para a compreensão da literatura colonial americana, conforme registra Mignolo na seguinte citação:

[80] A carta de Pero Vaz de Caminha é um exemplo interessante, pois é considerada a primeira manifestação literária do Brasil. Os diários de Colombo também são considerados como ponto de partida para o estudo da literatura hispano-americana, a literatura na Colômbia considera os relatórios do conquistador Gonzalo Jiménez de Quezada como parte do *corpus* colonial.

> Diferentes culturas construyen diferentes prácticas y teorías sobre tales prácticas. Por lo tanto, sería un punto de partida erróneo concebir las "teorías" del habla y de la escritura en situaciones coloniales desde la única perspectiva de la tradición grecorromana y su actualización en el Renacimiento europeo. (MIGNOLO, 1993, p. 530).

Para encerrar o artigo, Mignolo destaca como o uso da teoria literária intervém na configuração dos critérios no momento de estabelecer o *corpus* do sistema literário latino-americano na atualidade. Assim sendo, conhecer os contextos culturais da produção da escrita colonial permite enxergar com maior profundidade o surgimento dos diferentes sistemas literários que se conformaram e que se tenta compreender como o sistema literário latino-americano.

O segundo artigo do crítico Ángel Rama, "La ciudad letrada", está focado na representação espacial da cidade como metáfora do poder. Nessa metrópole colonial o poder se organiza, a expressão escrita ideologiza essa representação. A cidade letrada é a cidade dos signos, a cidade da burocracia, da norma expedida na escrita, enfim, a cidade foi o berço da elite que não precisava se ocupar da administração dos bens, mas tinha a tarefa de direcionar a sociedade para o projeto imperial, fornecendo assim os laços com a coroa e a igreja. No entanto esta escrita também tem seu viés contestador, isto é, sua produção como escrita americana questiona e confronta o pensamento peninsular[81].

A cidade estabeleceu a fronteira entre o alfabetizado e o não alfabetizado, pois a cidade está escrita nas suas ruas, nos seus cartazes, nos jornais, nos editais que regulamentavam a vida dos cidadãos. Por isso, após a independência, o centro urbano tinha que alcançar a independência no plano da escrita, produzir seu próprio discurso, sua lei que não seria a do além-mar. A escrita[82], a cidade e a classe social dominante configuraram o sistema literário nos seus três componentes principais: um conjunto de obras, um público leitor e um grupo de produtores, tudo isso

[81] Os estudos literários coloniais se concentram em *corpus* como o barroco colonial americano, uma forma estética genuína das colônias. Também se inclui a produção da escrita das freiras como espaços de conflito colonial. Infelizmente o tema é muito amplo para ser incluído somente de passagem nesta dissertação.

[82] Usa-se o termo escrita e não literatura para pensar além do critério das belas letras, pois, como salienta o texto, as práticas da escrita colonial compõem um conjunto de documentos oficiais que podem ser considerados como textos revestidos de qualidade literária e estética.

integrado na cidade, o que permitiu um desenvolvimento eficaz e centralizado. Essas condições foram prejudiciais para os outros sistemas que se desenvolveram em regiões afastadas que, embora tenham sobrevivido, restaram muito pouco conhecidos.

Essa cidade letrada também tem o traço de um código oculto que fala para as outras comunidades. A cidade latino-americana foi localizada para aproveitar o que os povos ancestrais já tinham descoberto: circuitos para o intercâmbio com outros povos, rotas de transporte, fontes de água e modos de defesa. A cidade colonial se erigiu sobre a cidade pré-colombiana que permaneceu em pé simbolicamente, ficou na memória e na tradição dos outros povos, mas silenciada. Eis o processo da literatura latino-americana, sempre misturando as tradições, sobrevivendo sem desaparecer completamente:

> Desde luego, las ciudades barrocas de la intempestiva conquista no funcionarán en un vacío total. […] de tal modo que estas ciudades irreales, despegadas de las necesidades del medio, verdaderos batiscafos, sino extraterrestres al menos extra continentales, aprovecharán en su beneficio las preexistentes redes indígenas, sus zonas de cultivo, sus mercados y sobretodo la fuerza del trabajo que proporcionaban. La inserción capitalista abrupta no destruirá esa economía de mercado, que permanecerá como un bajo continuo durante siglos, crecientemente agostada. (RAMA, 1993, p. 576)

No parágrafo citado que refere as vantagens para a economia do aproveitamento do já existente, pode-se acrescentar que a cidade desenhada aproveitou a estrutura simbólica da cidade indígena, as igrejas foram construídas sobre templos religiosos, as praças coincidem com os centros de encontro social, até os milagres das virgens com nativos acontecem nos lugares recobertos de importância simbólica ancestral. Tudo isso ficou registrado na escrita. A escritora colombiana Helena Iriarte descreve muito bem essa relação da cidade ameríndia e colonial na literatura:

> Cuzco, ejemplo de la ciudad mestiza americana, fue fundada por el legendario primer Inca, Manco Capac, hacia el año 1100 d. de C. en el fondo de un valle, en el centro del Tahuantinsuyo, el inmenso imperio incaico, que estaba dividido en cuatro partes. Como ciudad, surgió en 1400 y fue famosa por la belleza de sus construcciones y

> su disposición urbanística; los edificios principales estaban situados en los costados de la plaza mayor, —Plaza de la Alegría— verdadero centro del Imperio, en cuya parte más destacada se encontraba el Templo del Sol. La ciudad colonial se levantó después de la conquista, cuando fueron destruidos templos y palacios. El novelista peruano José María Arguedas, en su novela *Los ríos profundos*, recrea la identidad y el espíritu mestizo de Cuzco, el alma indígena y española que se manifiesta en algunos lugares, a través de la narración de Ernesto, el niño blanco educado por los indígenas, que es el protagonista de la novela. (IRIARTE, 2012, p. 9)

Assim sendo, o artigo de Ángel Rama estabelece a cidade como o espaço para o desenvolvimento do sistema literário da escrita, o que facilitou a hierarquização e a concentração do poder não somente no plano administrativo, mas também no plano da escrita, favorecendo o surgimento de um importante número de letrados que se assentaram especialmente nos centros urbanos.

Do segundo volume foram escolhidos para análise três artigos, sendo o primeiro o escrito pelo professor colombiano Rafael Gutiérrez Girardot, intitulado “Conciencia estética y voluntad de estilo”. Nesse artigo, assume-se como fato “natural” o espaço da metrópole para o desenvolvimento da literatura. Nessa perspectiva, o cosmopolitismo é visto como o modo para atingir *la busqueda de la expresión* que refere Pedro Henríquez Ureña. A decadência econômica e cultural do império espanhol foi mais um motivo para a procura de outros padrões por parte das repúblicas americanas. O anseio de se tornarem nações com uma cultura original, pelo menos não secundárias, foi o tema persistente das elites ilustradas. Assim, o padrão observado pelo escritor americano foi o voltar-se para outras fontes, isto é, para o romantismo alemão e a poesia moderna francesa. O contato com estas correntes de pensamento começaram cedo e configuraram a parte discursiva do período da emancipação, na conformação das sociedades republicanas. Desse modo, o artista alcança importância por representar a cultura e a civilização. Segundo o projeto nacional, o poeta ou homem ilustrado é aquele que escreve e que tem um ideal estético. O escritor enobrece (inventa) o passado, mantém o espírito da nação e a leva a fazer parte do mundo civilizado.

O cosmopolitismo para Gutiérrez Girardot foi o processo pelo qual as ex-colônias hispânicas conquistaram sua independência cultural. Assim, o continente

entra na problematização da criação poética nas categorias universais da estética e da moral. O rumo que tomou esse sistema foi a formação do intelectual, a imposição da racionalidade para as novas sociedades. As qualidades morais desse intelectual são afins com o homem de bem, justo e tolerante, ciente de seus deveres ante a sociedade. No plano estético, a formação clássica greco-latina foi a norma a ser observada. No entanto, o projeto planejado fica inconcluso, pois no momento que as elites se encaminham para o ideal estético, já a poesia francesa entra na crise da modernidade que retira a auréola da obra de arte e do poeta; assim, o artista é para essa época do começo do século XX como o rejeitado, aquele que não consegue se adaptar à sociedade industrializada e caótica. O programa literário fica na orfandade, após a crise na arte e a queda da aura do poeta exposto por Baudelaire como representante da poesia moderna. A América Latina entra de novo no ritmo dos acontecimentos europeus com a modernização intelectual. Por outro lado, a pronta industrialização para concorrer na economia mundial é desigual e o intervencionismo dos novos impérios modifica os projetos de nação e afeta as dinâmicas da cultura e da literatura, pois “En latinoamérica, los dos fenómenos de ilustración y crisis se dieron casi simultaneamente cuando se consumó, a finales del siglo pasado y comienzos del presente, su integración neocolonial al mundo capitalista.” (GUTIÉRREZ GIRARDOT, 1994). Seguindo esta afirmação, o discurso historiográfico defende a expressão americana como seu herói nessa *busqueda* nos ensaios de José Enrique Rodó e de Pedro Henríquez Ureña. Esse compromisso se percebe melhor nos gêneros literários, o exemplo dado por Gutiérrez Girardot está no gênero do ensaio, muito praticado e pouco estudado no continente americano; esta abertura dos gêneros no caso de Faustino Sarmiento permitiu-lhe explorar a escrita, segundo a seguinte citação:

> Esta disolución de los límites de los géneros literarios no era consiente en él, pero lo que si lo era indudablemente era la libertad necesaria de la expresión, la apertura al pensamiento universal, especialmente el europeo y norteamericano, y la comunicabilidad de la producción intelectual. (GUTIÉRREZ GIRARDOT, 1994, p. 296)

A América Latina do século XX vivenciou, simultaneamente, uma série de movimentos e de vanguardas. O surgimento de sistemas, de novas vozes e formas de expressão desfaz a linha reta e tranquila do projeto estético concebido pelos

intelectuais da cidade letrada; o projeto mudou, mas o sistema culto alcançou altas conquistas no tocante à estética herdada. Do mesmo modo, uma nova produção literária marca o panorama da literatura, a partir da contribuição dos cidadãos do segundo momento massivo de imigração estrangeira. Esse deslocamento foi patrocinado pelos governos latino-americanos que precisavam de mão de obra, de pessoas que ocupassem o território e o modernizassem através da técnica e da cultura. Os povos transplantados formaram colônias de imigrantes judaicos, italianos, alemães que ganharam as terras dos nativos. Desse modo, novos processos de marginalização, de readaptação e todo tipo de conflitos sociais conformaram as periferias da cidade antes planejada e organizada simbolicamente. Além disso, a necessidade de moradia dos nativos e campesinos extravasa o limiar da cidade. As duas imigrações produziram outros grupos sociais: a burguesia conseguiu se consolidar no primeiro período de estabilidade constituída pelos primeiros imigrantes estrangeiros e pelo proletariado, então em fase de formação.

Esse novo espaço social caracteriza-se pelo domínio do código escrito. As pessoas instruídas em outras culturas demoraram a se misturar com os nativos; por exemplo, as colônias do sul do Brasil e da região da pampa praticamente construíram pequenas vilas europeias. A alfabetização e a escola no Cone Sul foram formas de controle que garantiram logo o acesso por parte desses marginais alfabetizados à produção cultural, ao discurso libertário, ao conhecimento das leis, aos discursos reivindicatórios de caráter socialista e comunista, em conformidade com o que vinha acontecendo no continente europeu. No entanto, esse período não foi igual para todos os países latino-americanos, que vivenciaram o processo de forma diferente, inclusive alguns países não tiveram a experiência da imigração estrangeira tão forte como aquela ocorrida pelos deslocamentos internos[83].

Segundo o antes dito, o sistema culto tinha um projeto estabelecido, com respeito à linguagem literária, à formação da civilização e da moral; em sentido oposto, a função da expressão popular é mais ligada à vida, às situações humanas, aos conflitos sociais cotidianos, a partir dos quais se poderia achar outro tipo de

[83] Só para ilustrar, o Brasil e o Peru aceitaram grupos de imigrantes do Japão; em contraste, a Colômbia fechou as portas para imigrações estrangeiras e a movimentação se deu pelos deslocamentos internos. No Caribe, há um movimento migratório entre ilhas; em síntese, estes processos geraram diferentes formas de adaptação cultural.

denúncia. Esse modo direto se opõe ao projeto culto. Nessas circunstâncias, o critério estético começa a ser importante para definir a literatura, fato que não impede o desenvolvimento da expressão popular, que continua a ser vista como cultura caipira ou como peça integrante do folclore. Desse modo, a literatura popular mantinha-se como uma manifestação literária isolada do projeto maior, privilegiado a partir dos propósitos da história literária do século XIX.

A presença deste artigo na *ALPLC* é importante para reconhecer a existência de outros sistemas além do sistema culto escrito, mas não significa apagar o processo da literatura latino-americana, esse o grande aporte do artigo, pois expõe o transcurso do sistema culto para se libertar da Península Ibérica a partir dos mesmos argumentos que a Península produz, isto é, o que diz a respeito da literatura e a respeito da consciência estética. Eis o patamar na evolução de uma sociedade, a literatura deixa de ser uma atividade isolada, confusa no meio da vida social, para se reconhecer como uma atividade de uma sociedade com história e com um projeto nacional, um sistema que precisa de autores que levem adiante o projeto de expressão de uma sociedade já civilizada. Segundo estes argumentos, o momento da consciência estética implica a independência do mundo colonial.

O artigo “Fuentes y contexto de la literatura popular rioplatense en el período de la modernización (1880–1925)”, da professora venezuelana-uruguaia Clara Rey de Guido, descreve distintos cenários da produção popular e aprofunda-se no exame dos conflitos relacionados aos processos migratórios na região rioplatense na troca dos séculos XIX – XX, ou seja, as tensões geradas pelos deslocamentos dos campesinos para as cidades, as migrações dos povos transplantados e a conformação de uma classe média com uma formação diversa. Nesse processo, constitui-se uma classe burguesa profissional e comercial que se intercala entre a classe do patriciado republicano e a dos camponeses migrados. Embora as transformações sociais sejam descritas do ponto de vista econômico, principalmente, a leitura do fenômeno literário contribui para a compreensão das transformações da cultura e da sociedade.

Os camponeses e gaúchos precisavam incorporar-se ao trabalho assalariado que oferecia o processo de industrialização da cidade. As mudanças de ofício

suscitam conflitos no plano humano e pessoal, a nostalgia pela vida tranquila do campo, os amores deixados, os novos padrões de relacionamento social, são situações cotidianas que começam a ser expressas nas músicas tradicionais. No caso rioplatense, a criação do *lunfardo* como uma linguagem da periferia (fenômeno linguístico comum em outras cidades latino-americanas) originou a criação de um universo de estereótipos: *malevos, compadritos, minas* e *otarios*, todo este repertorio faz parte dessa nova sociedade afastada dos padrões morais do homem culto e de bem que idealizou o racionalismo.

O mundo do delito, da astúcia, da mulher *maleva* e sem moral, é produto do conflito social e seus protagonistas foram cantados no tango e na milonga. A cidade letrada é reescrita nas letras do tango, o centro da cidade agora transita pelas ruas escuras, atravessa a cidade e se situa nos *conventillos,* vai do subúrbio para o *arrabal* na expressão da literatura popular. A música foi o veículo da expressão popular, pois com ela surge o encontro social, não precisa do conhecimento da tradição literária, mas é imprescindível o conhecimento da vida social, dos personagens, das injustiças e dos heróis locais. O *lunfardo* passa a ser uma língua literária popular, surge a criação nesta época de romances como *Palomas e gavilanes* do Dr. Ceferino de La Calle (apelido de Silverio Domingues, note-se a ironia do sobrenome) e *Arrabal salvaje,* de Bartolome Aprile, além de uma poesia presente em publicações, revistas e folhetins[84] É interessante como as representações populares entraram na literatura que, na verdade, já não se pode considerar como culta, mas como parte de uma literatura esteticamente posicionada como a literatura do Continente. O *compadrito* e o *arrabal*, a vida do bairro, a *pulperia* estão presentes tanto na poesia de Jorge Luis Borges como na literatura de Roberto Arlt, seus personagens marginais, seus cenários produzem uma literatura "original" que assinala a estreia da literatura latino-americana com uma feição própria. Por enquanto, o reconhecimento dessa linha da literatura popular oferece mais uma explicação para o surgimento da literatura do "boom" da segunda metade do século XX da América Latina para o mundo.

[84] Esta produção foi posterirormente coletada em *Cancionero Rioplatense* (1880-1925) publicado pela Editorial Ayacucho em 1989. As notas introdutórias são da mesma autora do artigo

Outra contribuição do artigo de Clara Rey de Guido está relacionada aos modos de circulação da literatura, pois a imigração europeia trouxe nas suas malas o panfleto e o folhetim. Lembre-se que esta segunda onda imigratória é dos europeus empobrecidos, pequenos grupos familiares que se aventuraram em direção da América, pois não tinham nada mais a perder nos seus países, então destruídos pela guerra. As ideias anarquistas, socialistas e comunistas foram difundidas nos jornais. De novo, o conceito de transculturação é importante para compreender o fenômeno, para reconhecer as dinâmicas culturais dos povos que chegaram e sua relação com as culturas já assentadas no território. A partir deste fenômeno da transculturação, também podem ser estabelecidos os espaços de circulação; no caso rio-platense, foram as ideias modernizadoras de Faustino Sarmiento a respeito da educação que favoreceram o aumento de leitores e de escritores.

A seguir, Clara de Guido também destaca a importância dos escritores e poetas ilustrados nascidos na província, filhos de fazendeiros que dedicaram comentários a essa produção popular:

> Otro factor que contribuyó al éxito de la producción literaria popular fue el hecho de que escritores y poetas ilustrados nacidos en la provincia y de prestigio en Argentina, como José S. Álvarez (Fray Mocho) (1858-1903) y Leopoldo Lugones (1874-1938), tomaron conciencia del momento y dedicaron varios estudios y comentarios a estas producciones hasta ese momento desconocidas. Esta circunstancia –quizá no suficientemente destacada- impulsó la producción de la literatura popular. (REY DE GUIDO, 1994, p. 395)

No que tange à produção editorial, promove-se o livro popular, de custo menor, distribuído no barracão, nas livrarias e lojas, até pelos vendedores ambulantes; assim, o livro torna-se mais um artigo junto com os mantimentos do dia.[85] O artigo chama atenção sobre o estético frente ao expressivo, a poesia popular não tem o refinamento da linguagem “a palavra certa, exata”, o malabarismo

[85] O tema da circulação abre outra janela para a pesquisa, pois sua importância para a compreensão do sistema literário já foi comprovada com os estudos de Roger Chartier a respeito da biblioteca azul da França do século XVIII. Sobre o tema, Chartier afirma em entrevista: “desde o século 16, existiam livros populares na Europa: a literatura de cordel na Espanha e em Portugal, os *chapbooks* (pequenos livros comercializados por vendedores ambulantes) na Inglaterra e a Biblioteca Azul (acervo que circulava em regiões remotas) na França. Por outro lado, certos leitores mais alfabetizados que os demais se apropriaram dos textos lidos pelas elites.” (ZAHAR, 2007).

sintático surpreendente dos poetas do modernismo com toda a tradição do academicismo conservador e das vanguardas europeias. Pelo contrário, a poesia popular privilegia a comunicabilidade dos textos para os leitores e ouvintes. Isto é, uma poesia com qualidade literária, mas comprometida socialmente:

> El modernismo, en la persona de Dario, de hecho defende la poesía de raíz nacional y temática popular, por ser renovadora frente al academicismo conservador de Oyuela. La transgresión que significa la puesta de lo popular a nivel de lo culto o artístico motiva el rechazo de Oyuela. En el fondo hay un problema de definición de lo literario, que se pone en tela de juicio a dar entrada a producciones no canónicas y periféricas, como las que tienen como tema la vida cotidiana. (REY DE GUIDO, 1994, p. 397)

Outro dos preconceitos sobre a literatura popular foi sua ideologização[86], a literatura carregada com o discurso social, desajeitado na sua linguagem, mas contestador. Na América Latina, a literatura social e de denúncia surge no reconhecimento das injustiças sociais. A escrita é uma forma para difundir este pensamento, o interesse não recai sobre a forma da linguagem, mas na sua capacidade comunicativa e reveladora da desigualdade social. Assim, a literatura doutrinária de esquerda chegou ao território latino-americano. Seguindo Guido, os difusores deste tipo de literatura tinham o fôlego de desenvolver um movimento cultural obreiro. Essa estética anarquista: “sostiene el fundamento utilitario social del arte”, desta época *a carta gaúcha* de Juan Crusao, apelido de Luis Wollands. Esta literatura na verdade é perigosa, pois atenta contra a ordem social, o *status quo*; a literatura social teve uma recepção e um público, gerou transformações na consciência social e originou alguns fenômenos históricos que poderiam ser compreendidos a partir da literatura.

O final do artigo apresenta a questão sobre os critérios literários utilizados para julgar a produção latino-americana que excluíram, em virtude de sua natureza e origem, a literatura popular; contudo, a discussão vai, além disso, aos estudos feitos por Ángel Rama que, a partir do entretecido de diferentes vertentes, consegue incluir as diferentes tradições da literatura da América Latina no conceito de

[86] A literatura de ideologia foi diferente nos dois lados do mar: a literatura ideológica na Europa foi produto do regime stalinista que obrigava os autores a escrever literatura que doutrinava o povo sobre as ideias políticas do regime.

transculturação narrativa. O reconhecimento abre uma fonte riquíssima para a pesquisa literária sobre outros temas, outros conceitos e permite dar à crítica latino-americana outro *corpus* de trabalho e criatividade no seu exercício de interpretação.

O artigo "O caso brasileiro, a literatura popular*".* foi escrito pela pesquisadora brasileira Maria José Londres. Vários aspectos são muito proveitosos nesse artigo: o primeiro, considerar o caminho inverso da literatura, em que geralmente se assume o passo da oralidade para a escrita; no entanto, nas práticas orais no Novo Mundo, a literatura teve suas fontes nas tradições literárias que chegaram aos ouvidos do povo por meio de narradores alfabetizados, que transmitiam oralmente a tradição literária da escrita, o que leva ao segundo aspecto sobre os modos de circulação do texto literário, isto é, os espaços criados para a comunidade leitora-ouvinte que compartilhava a palavra. Assim, destaca-se a importância da oralidade para a coesão social como mais uma função da literatura, à medida que corresponde ao registro da vida das comunidades.

A primeira parte do artigo refere-se às tradições orais africanas, indígenas e portuguesas. Seu desenvolvimento é semelhante, no que diz respeito à oralidade, ao artigo de Walter Mignolo. Dessa vez, exemplifica-se o caso brasileiro, destacam-se os modos de circulação e acrescentam-se os espaços de convívio de brancos e africanos. Retoma-se, desse modo, a ideia exposta no artigo sobre indígenas, no sentido dos ventres transmissores da tradição. As mulheres negras cantaram para acalmar no colo o filho do branco, eram elas que contavam as histórias de reinos antigos, deuses e espíritos protetores[87]. Além disso, o artigo destaca a prática para homens e mulheres, sabedores de uma arte "retórica" muito apreciada na comunidade:

> Durante a colônia, em diferentes campos de trabalho, os negros tinham íntimo convívio com os brancos. Ótimos contadores de histórias foram grandes divulgadores; na área doméstica fala-se muito do quanto às crianças brancas, mestiças e negras sorviam

[87] A literatura infantil brasileira tem um belo exemplo em tia Nastácia, dos contos de Monteiro Lobato, contadora de histórias aos meninos do sítio; essa prática pode-se estender ao resto das atividades da casa grande. Exemplo dele também se acha no romance *María* do escritor colombiano Jorge Isaacs, no qual a mucama conta para os meninos a história de uma rainha negra d'além mar. Em *Viva o povo brasileiro* também se narram exemplos sobre as práticas orais dos africanos através da dança e do segredo.

> histórias que as negras contavam diariamente. Mas nem o público era só infantil –os ouvintes adultos eram numerosos- nem os intérpretes eram necessariamente femininos. Homens e mulheres contavam com colorido e graça incomparáveis. Assimilaram tão profundamente as tradições que encontraram portuguesas e indígenas, que a classificação de contos africana dada às coleções reunidas no século XIX caiu por terra. Não se deve esquecer que nessa época a população do Brasil é já predominantemente mestiça. Tampouco se deve esquecer a presença do português na África desde o século XV. (LONDRES, 1994, p. 412)

O parágrafo citado traz algumas colocações importantes: no primeiro ponto, no que respeita à questão da circulação, a autora privilegia os espaços do lar, da casa grande no nível microscópico da transculturação. Desse modo, encontra uma forma para explicar a presença das tradições fundantes da Colônia, o que permite constatar a presença e o contato de diversas tradições. Cogitando a partir da literatura comparada, compreende-se como as tradições orais podem se espalhar muito rápido e construir circuitos intercontinentais, em diversos sentidos de ida e volta.

Em segundo lugar, o artigo detalha a classificação do conto popular no Brasil, tal como foi formulada por Luís da Câmara Cascudo, referendo-se à literatura de cordel. O artigo mantém a linha da tradição europeia nas formas de composição e liga os cantores com as práticas trovadorescas e menestréis da Idade Média, fato que é considerado o traço diferenciador do popular. Nesse sentido, novos elementos contribuem para a formação dos compositores:

> Além da tradição oral, cantadores sertanejos nordestinos utilizavam pequena biblioteca à qual tinham acesso direto os letrados; auxiliados por quem lesse em voz alta, analfabetos e cegos decoravam. *Missão abreviada* reúne história sagrada e episódios bíblicos; *Manual enciclopédico e Dicionário da fábula* discorrem sobre mitologia greco-latina; *Lunário perpétuo* traz informações sobre astros, meteorologia, estações do ano. Teve presença marcante nos sertões de Norte a Sul do país o grande volume da *História do emperador Carlos Magno e dos doze pares* de *Bernardo del Carpio que venceu batalha aos doze pares de França,* escrita por Alexandre Caetano Gomes Flaviense. Estas fontes constituíram base cultural profunda que enriqueceu o cancioneiro em um sem-número de poemas. (LONDRES, 1994, p. 420)

Finalmente, o artigo destaca os modos de circulação e produção dos livros de cordel, a expansão do gênero para as cidades principais do país e sua permanência ainda como literatura popular tradicional, superando a ameaça da produção industrial do livro e conservando seus espaços de divulgação, que se vê aumentado no momento em que a literatura de cordel passa a integrar o *corpus* oficial da literatura brasileira.

4.2 Problemáticas

Aqui surgem perguntas sobre o que realmente determina uma literatura popular: tem a ver com a oralidade? com a transmissão de mitos e lendas das culturas minoritárias? ou com a produção coletiva? Como delimitar as caraterísticas de uma produção, com alicerces na tradição tradicional escrita dos romanceiros portugueses produzidos na corte, que chegaram pela oralidade e voltam de novo na escrita pela adaptação de poetas que dominam a linguagem literária?

O cânone nacional obedece a critérios “estéticos” estabelecidos em consonância com um conceito da obra de arte literária, embora esse critério seja o do regime estabelecido por uma elite da cidade letrada que ligou a forma escrita e sua origem com uma estética gerada em terras europeias. Nesse sentido, as obras que se afastaram do projeto nacional não são consideradas literárias, mas parte do folclore. Não obstante, essas outras tradições se transformaram da escrita para a oralidade e da oralidade para a escrita, com um modo diferente de circulação não sujeito à leitura individual e silenciosa como se pratica no sistema culto; pelo contrário, foi praticada como leitura em voz alta, como recitativo e, inclusive, como música.

A literatura popular tem uma estética diferente, ou seja, está sujeita tematicamente à vida local, aliás, faz parte da tradição oral de diversas culturas. Na sua forma, conserva estruturas métricas semelhantes às da poesia tradicional peninsular (o refrão, as décimas, as oitavas) que permitem sua memorização e sua transmissão de voz a voz. Outra variável se dá na música popular na qual também há a criação de uma língua artificial literária. Exemplo disso, o *lunfardo* do tango

argentino e a imitação fonética do tambor dos cantos afrodescendentes nas músicas do Caribe, inclusive na sua poesia.

A literatura popular também se fixa na escrita pela literatura de cordel no caso brasileiro e no folhetim para a região rio-platense[88], Nesse sentido, o conjunto de artigos publicados em *ALPLC* no que respeita à literatura popular, permite recuperar as linhas do sistema literário popular e compreender de outra forma a atualidade literária, pois os elementos populares constituem o que neste momento entra como cânone da literatura latino-americana. Os trabalhos de Ángel Rama, por exemplo, ao falar da transculturação narrativa na América Latina, permitem seguir essas continuidades do popular, do indígena e do africano nos romances de sucesso das décadas do “boom” latino-americano.

A “cor local”, no caso do indigenismo e dos regionalismos, é uma característica da expressão ligada a diversas tradições conquistadas. É importante para o estudo da literatura latino-americana diferenciar estes sistemas e, sobretudo, compreender os critérios que definem *corpus* e cânone, pois às vezes se considera como um modo “natural” a obra literária que se posiciona como representativa de uma literatura. Conforme os artigos, outros fatores interferem nessa conformação do cânone; assim, a história da literatura latino-americana tem instrumentos suficientes para ampliar seu *corpus* de estudo e estabelecer novos critérios para a construção do cânone.

Faz-se necessário romper com a ideia de autenticidade, que apaga as outras heranças e tradições, não há uma tradição mais pura do que outra ou mais evoluída; apesar de a escrita e a imprensa serem tecnologias importantes para a difusão do conhecimento, isto não significa que são as únicas possibilidades; para a atualidade dos estudos literários, é importante superar essa falsa estabilidade. A oralidade é uma prática muito mais antiga e ainda impossível de substituir, somos seres de linguagem, mas não somos só seres da escrita. Nesse caminho, os estudos literários têm a oportunidade de assumir outras formas pelas quais chegam até nossa

[88] Embora os artigos não façam menção a outro produto popular, como foi a caricatura, que circula nos jornais, no caso da produção de Guadalupe Posada no México. Sua importância no campo político é muito estudada.

contemporaneidade o saber de tradições de origem ancestral, que ainda são produtoras de cultura.

Finalmente, a literatura popular é o elo perdido da consolidação da literatura latino-americana. Ainda que se mantenha a aspiração da linguagem literária, segundo o estabelecido pelos padrões tradicionais, pela articulação com outros sistemas é que a literatura latino-americana consegue ser reconhecida como uma expressão genuína e renovadora no plano da produção literária. Por outro lado, é mais difícil definir a literatura popular como o retalho de tudo aquilo que não cumpre a regra estética. O conceito também muda com o tempo conforme as transformações sociais que se sucedem permanentemente nas sociedades latino-americanas. A literatura popular só é mencionada após o período independentista; no período colonial, ainda não se pensa a classe social, mas se consideram outras expressões das etnias em diferentes estados de marginalização e domínio. A compreensão sobre a literatura popular também permite compreender melhor o que acontece atualmente com a literatura marginal, pois a atitude de empoderamento das minorias através da palavra parece mais a continuidade desta vertente popular, o novo da literatura marginal é o interesse por entrar nos circuitos de difusão de outros sistemas, como, por exemplo, o da indústria editorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS
O polissistema literário latino-americano

Nesta última seção, apresenta-se o conceito de polissistema literário e a fortuna critica sobre este conceito para definir a literatura latino-americana. A seguir, estabelecem-se, na forma de síntese, as principais caraterísticas de cada um dos sistemas abordados na análise dos artigos de *ALPLC.* Finalmente, se faz menção a algumas das relações que se podem estabelecer entre os sistemas literários, caminho a ser desenvolvido com maior profundidade no futuro da pesquisa.

O modo de abordagem para a leitura crítica da *ALPLC* foi escolher determinados problemas teóricos e procurar aqueles artigos que apresentassem aspectos em comum, ao abordarem o sistema literário latino-americano. Após, estabeleceram-se os motivos literários e extraliterários que impediram anteriormente a integração de determinadas manifestações nas histórias literárias da região. Através desse exercício crítico, evidenciou-se como a estrutura de *ALPLC* descreve diferentes sistemas que podem ser reconhecidos como autônomos, uma vez que possuem um percurso histórico, no qual se manifesta um uso singular da palavra, desenvolvem-se temas de caráter local e abrangem um conjunto de obras e autores que constitui sua tradição literária. Além disso, esses sistemas se integram à vida social através de um conjunto de produtores, de um público leitor e de mecanismos de difusão. Os sistemas estão inseridos em um contexto sociocultural no qual cumprem uma função social, comunicativa e estética, usam uns circuitos de difusão e formam sua própria comunidade de leitores.

No andamento da pesquisa, percebi uma perspectiva pela qual é possível compreender como os sistemas se relacionam e geram laços de interdependência que garantem sua consolidação. Meu intuito foi o de que a partir desse ponto de vista a literatura latino-americana pode ser pensada como um polissistema literário. O primeiro referente teórico parte do conceito elaborado pelo professor israelense Itamar Even-Zohar, que o define como:

> “Un sistema de varios sistemas con intersecciones y superposiciones mutuas, que usa diferentes opciones concurrentes, pero que funciona como un único todo estructurado, cuyos miembros son interdependientes” (EVEN-ZOHAR, 2011, p. 3).

Ao pensar a literatura como sistema, é possível estudar a rede de relações de modo mais aberto e dinâmico. A amplitude do conceito permite considerar a literatura da região latino-americana a partir das relações que podem ser estabelecidas entre esses sistemas, sem perder de vista uma totalidade como estrutura cultural que vincula os sistemas envolvidos. O conceito de Even-Zohar também modifica o agir dos estudos literários. Assim, ele acrescenta,

> La hipótesis del polisistema implica un rechazo de los juicios de valor como criterios para una selección *a priori* de los objetos de estudio. Esto debe recalcarse particularmente en el caso de los estudios literarios donde todavía existe confusión entre investigación y crítica. Si se acepta la hipótesis del polisistema, ha de aceptarse también que el estudio histórico de polisistemas no puede circunscribirse a las llamadas "obras maestras", incluso aunque algunos las consideren la única razón de ser inicial de los estudios literarios. Este tipo de elitismo no es compatible con una historiografía literaria. (EVEN-ZOHAR, 2011, p. 5)

Desse modo, a literatura liberta-se do campo restrito de seu objeto, isto é, a obra de arte literária. O sistema literário situa-se no contexto histórico que pode ser observado sincrônica e diacronicamente. Assim, deslocam-se os critérios e até a finalidade do trabalho literário. Conforme Even-Zohar, o tipo de vínculo entre sistemas se dá por transferência, no meio de uma heterogeneidade periférica. O autor israelense faz uso do termo transferência e heterogeneidade[89] como alguns dos tipos de relação entre sistemas, sendo a tradução um fenômeno ao qual ele dá relevância como uma forma de inter-relação sistêmica.

> En el momento en que emergen nuevos modelos literarios, la traducción suele convertirse en uno de los instrumentos de elaboración del nuevo repertorio. A través de obras extranjeras se introducen en la literatura local ciertos rasgos (tanto principios como elementos) antes inexistentes. Así se incluyen posiblemente no solo nuevos modelos de realidad que sustituyan a los antiguos y a otros bien asentados ya no operativos, sino también toda otra serie de rasgos, como un lenguaje (poético) nuevo o nuevos modelos y técnicas compositivas (EVEN-ZOHAR, 2011, p. 225).

Seguindo esta ideia, o polissistema abrange o conceito do cânone, assumindo a estratificação como uma caraterística da cultura. Segundo Even-Zohar,

[89] Estes conceitos são afins àqueles desenvolvidos por Fernando Ortiz sobre transculturação e heterogeneidade de Cornejo Polar.

as relações entre sistemas se estabelecem em circunstâncias de subalternidade nas quais o confronto provoca que o próprio sistema dominante se mobilize e consiga se atualizar. As transferências são, nesse caso, uma das estratégias do sistema dominante para aproveitar a heterogeneidade da periferia, inovar-se e estabilizar-se. Sua predominância permanece sobre os outros sistemas, renovando seus repertórios. A crítica que se pode fazer a este conceito é que ainda se recua à ideia de alta cultura e culturas da periferia, disfarçadas na ideia de heterogeneidade e transferência.

No entanto, a teoria do polissistema explicada por Even-Zohar se desenvolve de modo abstrato e são poucos os exemplos que acompanham o texto. Embora se faça menção ao que poderiam ser esses outros sistemas, não se fixa em um caso concreto, apesar da complexidade da estrutura de seu texto. Por isso, foi preciso redirecionar o conceito de polissistema literário para as caraterísticas latino-americanas, aproveitando dele a amplitude de incluir numa mesma estrutura diversas possibilidades do literário, inclusive diferentes tradições e nuances para a reflexão teórica latino-americana em relação à contradição, à heterogeneidade, à transculturação, às temporalidades simultâneas e às literaturas não escritas, todas elas caraterísticas desenvolvidas nos artigos da *ALPLC*. Dado o nível de abstração do conceito de polissistema, fez-se um segundo ajuste, isto é, pensar o sistema segundo a definição de Antonio Candido, ou seja, carregar historicamente e socioculturalmente o pensamento teórico para reconhecer em casos concretos os modos de consolidação e de relação entre os sistemas.

Após a formulação da hipótese, realizou-se pesquisa sobre a fortuna crítica do tema. Localizaram-se dois artigos: o primeiro, “Reflexiones en torno a la cultura latinoamericana”, publicado em 2006, na *Revista Latinoamericana de Ensayo,* do Chile, escrito pela pesquisadora Carmen Perilli[90]. No artigo se faz menção ao polissistema literário como uma possibilidade viável para a literatura latino-americana. A autora alude às caraterísticas de transculturação, heterogeneidade, mestiçagem e culturas colonizadas, o que define nosso campo literário. Perilli lança

[90] Carmen Perilli, Professora Titular de Literatura Latinoamericana na Universidad Nacional de Tucuman.

a ideia de polissistema como uma forma de compreender as especificidades de nossa literatura. O artigo fica na enunciação do que poderia ser o polissistema sem fazer menção a um exemplo possível.

O segundo artigo é "El *boom* latinoamericano y la movilidad de los polisistemas: una discusión a la propuesta de Pascale Casanova", redigido pela pesquisadora Constanza Ternecier[91], da Universidade Autónoma de Barcelona, e publicado na revista *Mitologias hoy*, Chile, em 2014. O artigo debate o argumento apresentado em *Republica mundial de las letras*, de Pascale Casanova, a respeito de considerar o universalismo da literatura francesa sobre as outras literaturas.[92] Segundo Ternecier, o artigo de Casanova assinala as produções de outros sistemas, como o sistema latino-americano, como uma continuidade da literatura francesa. Sobre isso, Ternecier questiona-o através do caso do *boom* latino-americano. O enfoque é externo, pois pensa o sistema latino-americano em relação ao sistema francês. Segundo a autora, essa dependência é falsa, pois para o século XX o sistema norte-americano teve maior influência nos escritores latino-americanos.

Em contrapartida, o conceito de polisistema que se organizou nesta dissertação partiu da incongruência. Foi importante no percurso da dissertação ultrapassar os conceitos tradicionais da escrita, da função estética e do conceito mesmo de literatura para comparar a diversidade dos sistemas analisados. Por essa razão, foi uma alternativa pensar a literatura latino-americana como um polissistema, com diferentes processos que se diferenciam nas suas linhas de desenvolvimento, na sua função e na sua forma expressiva, mas que não perdem sua densidade histórica, semântica e cultural comum. Desse modo, podem ser aceitos múltiplos conceitos de literatura, diferentes processos e funções. Em síntese, pensar a literatura latino-americana como polissistema permite interagir com os conceitos a partir de uma perspectiva historiográfica instável, totalizante, porém incongruente.

O polissistema não tem um ponto de partida só, tem vertentes que se alongam para o passado ou para o presente em diferentes direções, tanto quanto

[91] Constanza Ternecier, 1985, jovem narradora chilena, mestre em Teoría da Literatura pela Universidade de Barcelona.
[92] Esta ideia é afim à ideia de literatura mundial formulada por Franco Moretti.

aprofundam as pesquisas e se descobrem novos materiais. Não é possível determinar uma origem, pois a literatura latino-americana se configura no encontro das tradições de pelo menos três civilizações: ameríndia, africana e europeia, cada uma com um desenvolvimento muito antigo e com elementos complexos, isto é, diferentes códigos de registro, modos de composição, contexto expressivo, função social, produtores, enfim, elementos que constituem uma prática muito complexa, conforme se demonstrou nas análises dos capítulos precedentes.

Embora as tradições formassem um entretecido, nas primeiras histórias da literatura latino-americana somente se contemplou a tradição europeia. Ao mudar essa perspectiva, o conceito de literatura se amplia para nossa região. Assim, as pesquisas sobre o arquivo se multiplicam, configurando para nosso presente processos que podem se evidenciar pela via da transculturação literária. Sendo assim, a definição de tradição[93] também se modifica, outorgando-lhe uma mobilidade conceitual, ou seja, a tradição é uma tarefa para o futuro, já que a construção do *corpus* não chega do passado como herança, ao contrário, a tradição se elabora na medida em que se reconhecem novos produtos da escrita que geram algum tipo de significação para o mundo atual. A consequência é o aporte de novos olhares sobre nossa história e alternativas para o nosso desenvolvimento cultural.

Desse modo, esses sistemas podem ser abordados em uma dimensão diferenciada de desenvolvimento, com alguns circuitos locais, em suas especificidades, em sua função estética e um código como marcas dominantes, mas que, por outro lado, compartilham semelhanças nos seus processos, fato que permite considerá-los no seu conjunto como a literatura latino-americana. Isto é, conforme a proposta de Antonio Candido em relação às literaturas nacionais e à

[93] Uso o conceito de tradição produzido para o estudo da poesía prehispânica: "La tradición literaria, por ejemplo, es un término que refiere tanto la historicidad de la producción textual, como los discursos historiográficos sobre literatura; además, incluye las preceptivas y elaboraciones teóricas que han dado forma a lo que antes se considerara el objeto de estudio de la literatura. La tradición es todo el universo literario heredado, una realidad común en nuestra cultura. A partir de ella se explica la aparición de los movimientos y vanguardias, se hacen comprensibles los cambios de pensamiento y las transformaciones que diacrónicamente ha vivido la literatura. La tradición literaria también ha sido percibida como un modelo de escritura, como norma, como un conjunto de discursos que han permanecido en una historia literaria, como juicio de valor; la tradición también es entendida como una forma por la cual los grupos sociales dominantes van construyendo retóricamente la identidad de las regiones colonizadas y rectificando las relaciones que legitiman sus formas de poder". (SUARIQUE GUTIÉRREZ, 2009, p. 3)

literatura continental, na perspectiva de considerá-las processos independentes, mas relacionados entre si. Cada um dos sistemas tem um rumo diferenciado, no caso daquelas literaturas que conseguem se identificar pelo uso exclusivo de uma língua, ou por ficarem comprometidas com um grupo social específico. O aporte de *ALPLC* como projeto historiográfico consiste em trocar as literaturas nacionais que deram forma aos alicerces das primeiras histórias da literatura de Hispano-América, pelos sistemas determinados a partir das sub-regiões culturais ou por campos culturais específicos. Em consequência, os sumários se organizaram pela característica do sistema.

Para dar continuidade às considerações finais, assinalam-se as especificidades de cada um dos sistemas analisados nesta dissertação, com base nos artigos da *ALPLC*, mas acrescentando outro referencial teórico publicado após o projeto historiográfico em estudo, o que permitiu aprofundar a reflexão sobre algumas caraterísticas de cada um deles e, desse modo, apresentar um panorama ainda superficial do que pode ser o polisistema literário latino-americano.

SISTEMA LITERÁRIO DO CARIBE FRANCÓFONO E ANGLO-SAXÔNICO

Para considerar o Caribe como parte do sistema latino-americano é preciso reconhecer a existência dos sistemas, a partir de sua proximidade geográfica e de sua condição de ex-colônias. O sistema do Caribe caracteriza-se pela sua consolidação tomando como ponto de partida a oralidade em sua passagem para a escrita literária. O sistema apresenta o fenômeno da diglossia e do desenvolvimento da língua crioula como língua literária de ultramar. Relaciona-se culturalmente ao continente pelo forte componente africano que leva a expressão da palavra através do ritmo, da encenação, da oralidade, das práticas e das crenças religiosas derivadas de movimentos africanos. O uso da palavra está ligado à expressão musical que outorga em alguns casos uma marca na composição, recuperando a melopeia na composição poética. A literatura tem um agir estético, político e ideológico que se relaciona diretamente com os conceitos construídos na região, isto é, antilhanismo, negritude e indigenismo. Seu desenvolvimento não depende do conceito de Estado-nação, uma vez que o período colonial por eles vivenciado foi

muito mais longo quando comparado ao dos países da América continental. A despeito disso, a longevidade do período colonial não comprometeu sua evolução em direção ao discurso das literaturas nacionais.

Os autores da literatura do Caribe entraram em colaboração com autores muito reconhecidos da ilha de Cuba, o que significou sua integração ao movimento literário latino-americano, sobretudo pelo fôlego ideológico e estético da metade do século XX. Segundo este ponto de vista, a função social da literatura é comunicativa, ideológica e estética, a literatura recorre tematicamente à condição cultural das Antilhas, de seus personagens e à relação que estabelecem com o mundo. O poeta e escritor do Caribe, além da sua produção, é um personagem público e compartilha sua criatividade no palco, desse modo age como poeta nacional através de sua performance poética, como é o caso da poesia *dub*. Os circuitos de difusão se fazem através da oralidade, do encontro social e não dependem exclusivamente da leitura individual ou da produção editorial. No entanto, se encontram autores[94] que conseguiram sair das ilhas e ingressaram no mercado editorial das metrópoles e atingiram o sucesso.

No tocante à autopertença consensual à América Latina, por parte das Antilhas, são diversos os esforços dos autores antilhanos para fornecer os laços com a parte continental. O primeiro argumento é o fato do convívio dos povos ameríndios antes da chegada dos europeus. Assinalam-se as trocas das civilizações pelo território, aspecto que se comprova nas semelhanças nas técnicas de cerâmica, nos modos de organização social, nas rotas para o intercâmbio de produtos, na relação com a natureza, entre outros. A segunda circunstância é a condição de ex-colônias. Sendo assim, a diferença linguística ganha menor peso para que se possa ver o poliglotismo do território americano como mais uma caraterística da região. Embora o projeto da região cultural fosse delimitado no começo como Hispano-América, na atualidade, a região tem mais a ganhar ao reconhecer os vínculos culturais e históricos com estas zonas não hispano-falantes. Geralmente o Caribe é descrito como uma cultura de raízes africanas, pois se acredita no extermínio cultural dos povos nativos. No entanto, é Jacques Stephen Alexis quem reintegra a presença

[94] Só para exemplificar, os prêmios Nobel V. S. Naipaul e Derek Alton Walcott são cidadãos desses territórios insulares.

cultural dos Tainos e Chémes como componentes da cultura para o povo haitiano. Alexis consegue desde sua própria perspectiva elaborar um conceito muito semelhante ao desenvolvido por Braudel no que tange à história de longa duração. Este seria um dos vínculos entre os sistemas do polissistema literário:

> Vê-se então que quando falamos em cultura nacional, subentendemos a longa continuidade cultural de um território hoje ocupado por uma nação individualizada, não obstante as estruturas sociais diferentes e os estágios de desenvolvimento das forças produtivas que se sucederam. As obras de cultura têm, na realidade, uma vida muito longa, uma ressonância bem mais longa que a sociedade que as condicionou, ou que as tendências do espírito dos homens dos quais estas obras são contemporâneas. Em decorrência disso, a cultura é um dado que abarca toda a vida de um povo, desde os primórdios de sua formação, sua constituição progressiva, até sua organização moderna: a cultura é um devir incessante cujas origens se perdem na noite dos tempos, e cujas perspectivas esfumam-se na névoa do porvir. (ALEXIS, 1956, p. 4).

De outro lado, o desenvolvimento da literatura das Antilhas menores parte da oralidade, característica do sistema popular. Alexis liga estas manifestações com a classe dirigente haitiana, afirmando como este grupo social herdou da França a língua francesa, mas seus criadores estavam ligados ao povo e cultivaram as suas expressões até *haitianizar* o francês, isto é, a língua crioula como língua literária.

O SISTEMA LITERÁRIO INDÍGENA

O sistema indígena caracteriza-se por ter uma diversidade linguística tão ampla que ainda não é possível organizá-lo numa única linha filogenética. Embora se reconheçam algumas famílias linguísticas, muitas comunidades desenvolveram seus próprios sistemas. A prática do plurilinguismo foi comum no território americano antes da chegada dos impérios europeus. Esta diversidade fundamenta a relação entre os povos indígenas que consideram o plurilinguismo como parte identitária dos grupos indígenas na sua origem. Essa diversidade estrutura, por outro lado, os mitos de criação, como é exemplo o mito da grande Anaconda ancestral, mito fundacional da organização dos povos e da diversidade linguística na Amazônia[95]. Os povos indígenas têm em comum sua cosmogonia. Isto permitiu a integração dos povos

[95] Este mito é semelhante ao mito Desâna que narra como o deus civilizador criou os povos à beira do rio e outorgou-lhes uma língua para cada um deles.

indígenas da América, incluindo os povos do norte até a Patagônia. A cosmogonia está baseada na sua relação com as entidades espirituais e naturais. O que caracteriza o pensamento indígena é sua eficácia simbólica, isto é, cada imagem presente na palavra convida a estabelecer um contato vital com o universo que nos circunda e, a esse respeito, afirma o pesquisador colombiano Miguel Rocha[96]:

> En realidad, gran parte del acervo cultural indígena había venido operando al interior de comunidades con nociones distintas a las occidentales. Y al encontrarse estas nociones entre sí, y ser menospreciadas unas en favor de otras, se llegó a creer que eran definitivamente irreconciliables. Más el pensamiento simbólico ofrece la posibilidad de incrementar sus semejanzas, sus puntos de unión, y es así como a pesar de las evidentes diferencias, el legado mítico puede ser rescatado en favor de una comprensión más amplia. Surge, como decía el anciano *dena'ina* de Alaska, la necesidad de "salvar" *"lo que está escrito en las lenguas de los pueblos".* Pero para llevar a cabo tal tarea, tendríamos que comprender cuál ha sido la razón por la que la mayoría de las culturas indígenas han trasmitido sus historias oralmente. Y esto nos llevaría a sugerir, que lo indígena se caracteriza por una relación directa con la Madre Naturaleza y con el Padre Principio; relación que es la que se exalta y renueva continuamente en la tradición, y que se manifiesta primordialmente en los imaginarios y en la sabiduría proverbial. (ROCHA VIVAS, 2004, p. 46)

Segundo a citação, o uso mágico da palavra intervém na natureza, constituindo-se em uma de suas marcas predominantes. Portanto, os espaços de circulação da palavra mágica-poética são no ritual coletivo ou individual, em relação aos eventos cíclicos das comunidades: tempos de safra, de colheita, uniões, passagem de crianças para a idade adulta, morte, rotas de trânsito, acontecimentos históricos, entre outros, compartilhados pelas diversas comunidades, para além da diferença linguística. A palavra envolve a comunidade que compartilha a tradição e assim garante sua existência. A epopeia indígena contemporânea é um exemplo dessa prática atual. Segundo o pesquisador Hugo Niño, na Amazônia, elabora-se o relato, na forma da epopeia, que narra os últimos acontecimentos históricos do século XX da resistência indígena amazônica, contida na figura de Gitoma, principal

[96] Miguel Rocha Vivas, professor colombiano, com formação acadêmica em literatura, antropologia e história, criou o programa de literaturas indígenas de América na Universidade Javeriana de Bogotá, sendo sua linha de pesquisa o simbolismo tradicional, especialmente da América Indígena.

entidade mítica da comunidade Uitoto. O relato circula nas comunidades e atualiza o saber indígena. A esse respeito, explica o autor:

> El relato épico de Gitoma es la base de la memoria Uitoto, de su ordenamiento simbólico, fuente de consulta e interpretación. Sus pasajes narrativos contienen, igualmente, la historia cifrada de la resistencia comunitaria a través de sus diferentes periodos de enfrentamiento, tanto con los misioneros como con los colonizadores, con otros indios, con los portugueses, con la apocalíptica Casa Arana y con la agresión constante de la economía occidental por expandir sus fronteras dentro de la Amazonia. (NIÑO BARBOSA, 2008, p. 247).

Desse modo, afirma-se que o uso da palavra mítica não é uma expressão em retrocesso, pelo contrário, sua atualidade garante a sobrevivência das culturas. Tal posição questiona, de fato, as bases teóricas literárias que consideram o mito como uma composição do passado, uma etapa superada que deu lugar ao pensamento e à literatura moderna. Essa trajetória de pensamento não é o caminho único para a evolução literária, porém a América Latina tem um processo diferenciado nessa temporalidade, tem outra forma de fazer civilização e de fazer cultura. Sendo assim, desqualificar aqueles grupos indígenas que se mantêm na oralidade é só mais uma evidência de como os critérios do sistema escrito culto tentam apagar os outros sistemas. Infelizmente, este agir se manifesta, sobretudo, dentro dos parâmetros rígidos do âmbito acadêmico.

A tradição indígena naquelas comunidades, cujo desenvolvimento não foi pelo estabelecimento sedentário, conserva-se no relato e na transmissão da palavra ancestral, isto é, de pajé a pajé, de voz a voz, essa é a forma de passar o saber de geração a geração. Após a conquista, algumas comunidades se beneficiaram da estrutura de resguardo, que permitiu a congregação do povo nesses territórios, nos quais as comunidades desenvolveram sofisticadas estruturas de controle e de governo autônomo[97]. Porém, é importante perceber como os movimentos sociais também motivam o avanço dos estudos sobre a literatura indígena dos anos oitenta

[97] Mais um ganho das comunidades indígenas é a criação de instituições de ensino superior**:** La Universidad Autónoma, Indígena e Intercultural – UAII, na Colômbia, Centro Amazônico de Formação Indígena do Brasil, La Universidad de las Regiones Autônomas de la Costa Caribe Nicaraguense e la Universidad Intercultural de las Nacionalidades y Pueblos Indígenas “Amawtay Wasi” do Equador.

para a recuperação da expressão da palavra. Às vezes foram as mesmas comunidades que se abriram para as pesquisas dos antropólogos. Os indígenas responsáveis pela palavra deram permissão ao cientista do Ocidente para levar ao mundo dos brancos alguns dos relatos míticos dos seus povos.

Os estudos das literaturas indígenas concordam em definir uma expressão indígena americana. Segundo Juan Adolfo Vázquez[98], as literaturas indígenas se caracterizam pelo predomínio de pontos de vista, estilos e imagens, que expressam modos de enxergar a realidade, caraterísticos dos aborígenes americanos ancestrais. Além disso, acrescenta Rocha:

> En cualquier caso, lo más complejo del acceso al campo de las literaturas indígenas, es la multiplicidad de lenguajes en que estas se han originado. Los procesos de traducción resultan arduos y disimiles, y es entonces cuando la perspectiva simbólica ofrece las mejores posibilidades para destacar algunos de los predominios a los que se refiere Vásquez. (ROCHA VIVAS, 2004, p. 39).

A literatura indígena tem diferentes códigos de representação, ou seja, como língua nativa que passa foneticamente à escrita, como pensamento indígena que passa à língua oficial e como conjunto de códigos visuais que se relacionam em práticas muito antigas. Com base nessa diversidade, Juan Adolfo Vázquez estabelece pelos menos sete períodos de preservação das literaturas indígenas (VÁZQUEZ, 2009):

a) Literaturas pré-hispânicas, códices e inscrições epigráficas.
b) Primeiras literaturas coloniais índias, escritas das tradições no alfabeto romano, também se incluem as escritas dos indígenas mestiços.
c) Literatura espanhola do começo da época colonial, escrita que produziram os conquistadores sobre os indígenas e o território em cartas, relatórios diários e crônicas, principalmente.

[98] Juan Adolfo Vázquez, (La Plata, 1917 – 2010), filósofo argentino, professor nas universidades de Tucumán, Cuyo e San Juan, na Argentina. Foi professor emérito na Universidade de Pittsburgh de 1966 até 1985. Destaca-se seu pensamento sobre o “novo humanismo”, autor do livro *Literatura Indígena de América*.

d) Literaturas indígenas da época colonial posterior, recuperação e atualização das tradições indígenas com participação dos escritores nativos, o *corpus* constitui-se de *Annales* e livros sagrados.
e) Literaturas indígenas modernas, recopilação do legado oral com participação em pesquisas científicas modernas.
f) Literaturas folclóricas indígenas modernas, composições orais dos novos povos em espanhol mestiço, em que se vislumbram as marcas fundamentais das antigas tradições.
g) Literatura indigenista hispano-americana moderna, correntes indianistas que assumem o indígena como tema, também incluem-se aquelas correntes indigenistas que acolhem os traços fundamentais indígenas, revitalizando-os e transformando-os.

A esta classificação poder-se-ia acrescentar a atual produção indígena bilíngue de autores nativos, que assumem a vontade estética e criam nas formas da escrita do Ocidente composições com os fundamentos do pensamento indígena nas duas linguas.

Em síntese, a literatura indígena tem suas descontinuidades, mas segundo o exposto tem uma presença permanente no sua comunidade e nos outros sistemas. Do mesmo modo, há uma produção contemporânea que permite falar de um desenvolvimento autônomo e diferenciado. Dessa maneira, demonstra-se como as literaturas indígenas configuram um sistema bem diferenciado em permanente transformação, que sobrevive inclusive em processos pouco transculturados, o que leva a refletir que entre os outros sistemas este possui traços de originalidade.

SISTEMA LITERÁRIO CULTO

O sistema culto estabelece a continuidade literária seguindo a evolução da literatura e do código escrito a partir dos primórdios das epopeias gregas. Essa linha de longa duração garante a coerência de um sistema que se basta a si mesmo e que consegue definir questões epistemológicas. O uso da palavra centra-se no seu valor estético, como “obra de arte literária”, estabelecendo qualidades que ultrapassam as diferenças culturais e de época. Desse modo, nesses sistemas se

constrói a ideia de cânone com a qual se destacam as obras padrão que elevaram a expressão aos seus mais altos níveis. Segundo a tradição que lhe precede, o sistema culto vai da continuidade para a originalidade, valor que garante a renovação da expressão literária. O sistema culto estabelece um uso autônomo da linguagem, mas relaciona-se permanentemente com os outros discursos filosóficos, históricos e sociais, principalmente. Outro valor importante é a figura do escritor na sua individualidade, às vezes separado de sua própria existência para se constituir num ser da linguagem. Nessa perspectiva, os atuais rumos desse sistema encaminham-se para a escrita do sujeito na autobiografia e na autoficção, sempre centrado no individuo da escrita e em suas máscaras. O sistema culto considera a fixação do texto na escrita como a possibilidade de determinar o seu objeto, quase como uma identidade autônoma, nunca transformada, e perdurável no tempo.

A tradição da escrita tem seu próprio viés no território americano. A expressão literária na América Latina teve em alguns casos um caráter subversivo, pois subverteu os valores sobre a identidade americana e sobre o sujeito americano; no entanto, sempre no âmbito dos parâmetros da produção escrita. Esse modo de interpretar a criação literária da América Latina convida à reinterpretação do texto literário. Como nos outros sistemas, significa revisitar o *corpus* latino-americano, sobretudo da época colonial, mergulhando nas escritas privadas, isto é, diários, cadernos de exercícios espirituais, escólios, enfim, aquela escrita que permite enxergar a configuração do sujeito americano na sua autorrepresentação e na enunciação do seu discurso crítico. Nesse sentido, as pesquisas determinam o barroco colonial americano, diferenciado do estilo peninsular. A escrita americana no período colonial foi provocadora ao produzir textos fronteiriços no âmbito dos gêneros, isto é, textos que combinam a poesia com a reflexão metafisica, a mística com a política, como forma de questionamento da autoridade colonial[99].

No século XX, o sistema escrito culto se posicionou como instituição da cultura e não considerou outros sistemas como parte da literatura oficial, mas foi o sistema pelo qual se tentou dar forma a um programa estético americano que ainda

[99] Só para exemplificar, os recentes estudos sobre obras como: *Armas Antárticas*, de Juan de Miramontes y Zuázola, *El desierto prodigioso y prodigio del desierto*, de Pedro de Solis y Valenzuela, descobertas no século XX, que se consideram atualmente como obras relevantes para a constituição da expressão americana no período da colônia.

estava submisso intelectualmente à Península Ibérica. Os produtores, os leitores e os mecanismos de difusão pertencem a uma classe social que, segundo os artigos analisados, constituem a elite da cidade letrada, que tem vantagens e se considera representativa da cultura e da civilização. Os três componentes do sistema literário configuram as literaturas nacionais e são os primeiros a refletir sobre a literatura latino-americana ou hispano-americana. O sistema culto acolhe o cosmopolitismo como a possibilidade de manter o diálogo com a literatura universal, e na sua função social privilegia a estética como a qualidade principal a ser considerada, mas é nesse critério estético que o sistema culto termina desqualificando aquelas tradições que não dialogam com a tradição escrita, aquela escolhida por esta elite culta. A história literária neste ponto é o reflexo de uma sociedade que apaga as diferenças pela omissão. Os circuitos de difusão deste sistema têm a produção editorial, a publicação de revistas, mas, sobretudo, as academias da língua e as Faculdades de Letras que replicam a ordem de avalição da literatura nacional, da latino-americana e da clássica.

Os escritores da cidade letrada assumem a consciência da criação literária na língua oficial, mas procurando uma expressão própria, se relacionam diretamente com o que acontece nas metrópoles e reelaboram as formas aproveitando toda a riqueza da transculturação. O sistema culto está fundamentado quase exclusivamente na prática da escrita e tem um vínculo mais amplo com o cosmopolitismo e o diálogo com outras estéticas. Seu desenvolvimento atinge o panorama mundial e consegue ser visto como uma expressão que contribui para o desenvolvimento de outros sistemas literários. Aliás, o projeto da *Revista Sur*[100] em Buenos Aires, encampa o projeto de difusão de um tipo de literatura preocupada com a consciência estética e por superar o “provincianismo” americano, daí seu

[100] Existe uma polêmica a respeito deste projeto. John King publica o libro *Sur- Estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura* (1931-1970), em 1989. Sobre ele Jaime Perales faz a seguinte resenha crítica: “*Sur* dudó de los nuevos valores que aparecieron en la década de los sesenta. Publicó poco a Cortázar, casi nada de Mario Vargas Llosa, apenas si reseña a Gabriel García Márquez y nunca tomó en cuenta a Carlos Fuentes, Fue una revista selectiva con los escritores que se identificaron con el gobierno de Fidel Castro. Esto le trajo cierta impopularidad. La revista fue desplazada por otras de corte similar como, Primera Plana, Marcha, y, la más importante, Mundo Nuevo, dirigida por Emir Rodríguez Monegal”. (PERALES, 1992)

esforço em publicar os autores de sucesso das vanguardas europeias no mercado latino-americano.

> Desde el principio, ciertos elementos definen *Sur*. Uno que ya hemos mencionado es el “ideal europeo”. Esto debe verse en relación con otro concepto fundamental: que el escritor, cualesquiera que sean sus simpatías, no debe comprometerse con ninguna actividad política. André Gide y la *Nouvelle Revue Française* ofrecieron un modelo literario, y pensadores como Julien Benda y José Ortega y Gasset sistematizaron estas ideas. La *trahison des clercs* (1927), de Benda, teorizó sobre la noción de unos sabios comprometidos con la busca de valores humanos y de investigación filosófica, en lugar de participar en las esferas política y social. Ortega añadió que el abismo que separaba a la elite de las masas era infranqueable, y que el intelectual tenía más en común con las elites de otros países que con la masa de sus propios conciudadanos. Funciones tradicionales como las de líder, político y sacerdote eran rechazadas en favor de la misión de conservar la inteligencia y la cultura. (KING, 1996, p. 650).

Desse modo, confirma-se a distância consciente com os outros sistemas. No entanto, o desenvolvimento desse projeto americano conseguiu chamar a atenção sobre a produção da região e, junto ao desenvolvimento dos outros sistemas, configurou o que se conhece como o cânone da literatura latino-americana. Não obstante, o sistema culto na metade do século XX deixa de ser representativo enquanto projeto estético. O que acontece após a modernização dos estados latino-americanos, os acontecimentos sociais, os deslocamentos internos configuraram outro tipo de literatura onde as realidades dos outros grupos sociais ganharam expressividade dentro dos circuitos de difusão do sistema culto. Conforme o assinalado por Even-Zohar, o sistema culto é deslocado de seu centro produtor de cultura para dar lugar a essas outras expressões de origem e temática popular. Os escritores mais representativos do século XX na América Latina são de província ou de classes sociais médias, como a burguesia e o proletariado, poucos autores da antiga aristocracia fidalga se conhecem como produtores de literatura. No entanto, ainda têm seu lugar nos espaços mais tradicionais, isto é, nas academias da língua, nos salões literários e nos concursos de poesia.

SISTEMA LITERÁRIO POPULAR

Antes de dar continuidade ao sistema da literatura popular é preciso declarar a ambiguidade do termo popular no debate atual, no que tange a assimilá-lo como "culturas populares ou de massa". O popular antes da industrialização pode-se definir como a cultura local, subordinada ao poder do estado, democrático ou ditatorial. O povo elabora identidades, formas estéticas inseridas na vida cotidiana, isto é, nos seus costumes, nas comidas, nas expressões, nos artefatos cotidianos. Ao contrário da cultura culta que concentra a expressão artística no museu e sua prática é restrita aos artistas, a arte popular é o saber tradicional, seus mestres pertencem à comunidade e não se afastam dela. Fora desse espaço, aqueles populares são singulares e, pela sua origem local, fazem parte do folclore, suas produções são consideradas tradições orais.

Quando essas tradições são acolhidas pela arte culta, são reelaboradas e viram obras de arte. No mercado cultural, adquirem um preço e se consideram representativas das culturas regionais e nacionais[101]. As músicas populares, os pratos típicos, as lendas e tradições orais configuram um repertório que se distingue de região a região. No entanto, conforme Nestor Canclini, o mesmo termo popular, depois da globalização dos mercados e da industrialização cultural do começo do século XX, vai se referir aos produtos de uso massivo. Grande parte destes produtos externos, carentes de cor local, sujeitos a padrões internacionais, age como verdadeiros homogeneizadores das classes majoritárias, pois esse mercado se reproduz através dos meios massivos de comunicação. No entanto, os consumidores desses produtos deixam de ser exclusivamente as classes menos favorecidas, as classes média e alta seguem esses padrões culturais, o que se reconhece como sociedades de consumo. Na atualidade, pode-se ser popular, mas com acessibilidade econômica. Para elas também existe um mercado editorial muito amplo de literatura de entretenimento. A *ALPLC* não enfrenta o debate nos encontros prévios, pois define o popular a partir da primeira definição, para os

[101] O que acontece nas lojas de conveniência dos aeroportos, mesmo nas artes plásticas, as máscaras rituais africanas que admirou Picasso e logo leva para a configuração de seu estilo pictográfico, as músicas de tango compostas por Astor Piazolla, a pintura mural de Tamayo y Diego Rivera, o latin jazz baseado nas músicas do Caribe. Parece que a elite artística tomara os elementos autóctones que não tem e precisa transformá-los misturando-os com elementos de outras estéticas para considerá-los arte. É como um branqueamento da cultura.

períodos após a independência até os anos setenta. Após isso, conhecem-se os trabalhos de autores como Nestor Garcia Canclini e Jesus Martin-Barbero que desenvolvem a análise a partir da segunda perspectiva.

Com essa distinção sobre o sistema popular, retomam-se os artigos de *ALPLC,* em que o conceito de literatura popular se caracteriza pelo uso da língua oficial e se insere socialmente na estrutura de nação, o popular se refere especificamente às classes sociais menos favorecidas, subordinadas ao poder pelo controle, mas abandonadas na sua prestação dos serviços educacionais e de acesso à cultura da elite. No entanto, conseguem nesse afastamento criar uma específica dinâmica cultural. A cultura popular está também ligada às etnias, sobretudo aos mestiços, aqueles que não se acham parte de uma tradição diferenciada, como os indígenas ou aquelas comunidades quilombolas que preservaram suas tradições africanas. A classe popular configurou-se após as independências, no caso hispano-americano, ou após do período pós-escravista para as outras colônias. Fazem parte dela o campesinato e o migrante pobre, aqueles pertencentes a territórios afastados da cidade letrada, como se destacou nos artigos analisados. As formas de expressão se difundem, principalmente pela oralidade, a música, a produção do folhetim e o livro popular de elaboração rústica. Podem-se incluir as lendas, ditados, narrações, canções de ninar, que não têm um autor, mas que fazem parte do repertório tradicional oral do povo.

A elite definiu o que é o popular, como se apontou na citação a respeito do projeto da revista *Sur:* é essa massa comprometida com o discurso ideológico, rude nas suas formas expressivas, sem perspectiva para a universalidade. Os defeitos vistos pela elite da escrita são as virtudes que a partir da mudança de conceitos sobre o literário fazem da expressão popular a responsável por desenvolver essa "cor local", o que finalmente no processo de transculturação dá à expressão escrita do continente, junto à tradição indígena, a especificidade da literatura latino-americana.

Nas primeiras definições da literatura popular pode-se achar a inclusão da expressão indígena e da tradição africana como um conjunto só. No entanto, fica demonstrado o processo desses sistemas diferenciados. A literatura popular, com

uma distinção de classe, acolhe a expressão rural, a expressão do migrante pobre e a voz das periferias. Às vezes se pode identificar como literatura marginal, mas dela pode se diferenciar pelos circuitos que há muito tempo conserva. A literatura popular relaciona-se com a música como expressão de encontro social e com os circuitos de transmissão pela oralidade. Entra também no campo editorial do livro de baixo custo, afastada da indústria cultural, no caso da literatura de cordel. Além disso, compartilha as tradições dos outros grupos e etnias, mas conserva uma relação muito forte com a vida concreta das pessoas, que se manifesta no desenvolvimento de temas, personagens e histórias que se transmitem nas composições. Possui, também, uma autoria coletiva, não ganhando muita importância a declaração da autoria individual.

INTERRELAÇOES DOS SISTEMAS

Estas são algumas das caraterísticas estabelecidas após a leitura das problemáticas e séries para podermos falar de sistemas diferenciados. A estrutura aberta de *ALPLC* permite pensar outros sistemas: o sistema das literaturas afro-americanas, literaturas da diáspora, enfim, aquelas séries que começam a ter um papel independente e têm um olhar diferenciado dentro do contexto latino-americano, mas que continuam estabelecendo diálogos com essa totalidade contraditória característica da América Latina. A estrutura de polissistema permite criar linhas de pesquisa assumindo diferentes conceitos de literatura, de função e de estética, vinculados pela ideia de um denominador comum como se afirma no começo de *ALPLC* no sentido de conjunto semântico cultural.

Ao diferenciar os sistemas, estes se deslocam na medida em que entram em contato, pois não são linhas isoladas; a ideia de polissistema permite pensar como estes sistemas se transformam pelo seu relacionamento com os outros sistemas, isto é, o sistema culto aproveita do sistema indígena e popular a sua cosmovisão e o modo de narrar para dar um toque original a sua própria narrativa. Definimos que a ideia de polissistema baseia-se na ideia de relação e como isto garante a sua consolidação. A demonstração dessas relações precisaria de um trabalho mais aprofundado, mas para o encerramento desta dissertação apresentam-se, em linhas gerais, quais seriam as coordenadas dessas relações.

Os sistemas indígena e culto encontram-se na tradução, na transcrição e na produção dos escritores indo-mestiços, ainda que na forma de registro. O sistema indígena também entra em relação com o sistema popular, ao permanecer na oralidade como mitemas para as histórias de lendas e mitos, inclusive nas tradições dos costumes da vida cotidiana que logo são relatados por meio de histórias.

O sistema culto atinge o seu projeto estético de expressão americana quando insere as tradições indígenas e populares na segunda etapa transculturadora. No século XX, quando o projeto estético das literaturas nacionais não dá certo pela crise do pensamento europeu, a relação com a cor local de forma mais aberta permite o aproveitamento dessa representação singular da realidade, essa cosmovisão ancestral que passa a integrar seu projeto estético.

O sistema do Caribe integra-se culturalmente à América Latina pelo viés ideológico e estético no sentido de se reconhecer como parte de uma região que está em busca de uma literatura emancipada, também na língua mesma. O contato com as outras experiências latino-americanas gera uma irmandade que permite a colaboração em projetos de difusão. O sistema do Caribe é muito semelhante ao sistema popular, uma vez que tem sua origem na oralidade. O sistema do Caribe é reconhecido pelos modos de circulação do sistema culto, pois são as autoridades literárias do continente que olham para estas produções, inclusive elas entram mais facilmente nas metrópoles embora com seu próprio gesto de americanidade. O Caribe Francófono cria um conceito próprio de indigenismo que se relaciona, por contraste, com a ideia do indigenismo da América continental.

O sistema popular continua a tradição dos cancioneiros escritos nas cortes da corte hispânica e lusófona através da literatura de cordel. No século XX, oferece para o sistema culto uma expressão mais urbana na reconstrução de uma cidade que nunca será a da cidade letrada projetada na colônia, mas o cenário para a literatura urbana com suas próprias temáticas e seus imaginários.

Cada um dos sistemas transformou-se no contato, mas conservou sua autonomia. Contudo, é útil referir-se à literatura latino-americana como polissistema,

porque desse modo se pode reconhecer a heterogeneidade e a transculturação. O polissistema não é uma estrutura prévia; pelo contrário, a literatura latino-americana é um projeto artificial no sentido de que foi um projeto pensado pela cidade letrada, mas que na vida tinha a presença de diferentes tradições que estavam em pleno exercício de criação e circulação. Essa característica permite o desenvolvimento de projetos historiográficos para a construção das tradições e para a configuração do *corpus,* com todas as vertentes possíveis. Desse modo, a literatura latino-americana reflete sobre a identidade, isto é, a tradição que escolhe seus alicerces, mas neste caso se definem as raízes que se projetam para o futuro.

O projeto presente da literatura latino-americana considera-se como político e estético, no sentido de que agora, pelo que acontece socialmente nas nações latino-americanas é possível admitir sem reservas a heterogeneidade e porque as vozes que se mantinham silenciadas têm, hoje, maior protagonismo. Esse é o panorama que caracteriza a entrada no século XXI, pois o discurso da diversidade agora é um discurso politicamente correto e a literatura está dando conta disso, não que antes não houvesse diversidade, mas agora é possível sentir-se representado nessa diversidade.

A ideia de polissistema também admite a possibilidade de mudar de conceito de literatura, de função e de código, porém a experiência crítica é mais exigente, pois o profissional agora não somente tem que ser treinado para ler as “boas obras” já acreditadas pela tradição, mas se arrisca a conhecer outras literaturas, a duvidar de seu critério e entrar em contato com outras estéticas e discursos. O interessante é poder interpretar o fenômeno literário nos seus próprios contatos sem querer que atendam a critérios alheios para os quais não foram feitos.

O cânone se dilui e o *corpus* se amplia. Essa a liberdade do leitor, eleger sua tradição, não ser julgado por suas escolhas, mas tendo a oportunidade de conhecê-las nos seus contextos; isso o que faz da literatura uma formadora da sociedade que nestes tempos se constrói nos discursos da diversidade e da globalidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, R. La discusión sobre la naturaleza del índio. In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, Literatura e Cultura "A Situação Colonial". Campinas: Memorial, v. 1, 1993. Cap. II.7, p. 173-192.

ALEXIS, J. S. **Do realismo maravilhoso dos haitianos**, 1956. Disponivel em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/alexis/jalexis.pdf>. Acesso em: 15 Janeiro 2015.

ALVAR, M. **Romancero viejo y tradicional**. México: Editorial Porrúa, 1987.

BALDRAN, J. Algunos datos sobre la recuperación antropológica europea de las literaturas indígenas. In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, Literatura e Cultura "Emancipação do Discurso". Campinas: Memorial, v. 2, 1994. Cap. VI. 3, p. 829.

BETHELL, L. **Historia de América Latina**. Barcelona: Crítica, v. VIII, América Latina: Cultura y sociedad, 1830-1930, 2001.

BONILLA MAYTA, H. **Indios, negros y mestizos en la independencia**. Bogotá: Planeta, 2010.

BRAUDEL, F. **La historia y las Ciencias Sociales**. Madrid: Alianza Editorial, 1979.

CANDIDO, A. Exposición de Antonio Cándido. In: PIZARRO, A. **La literatura latinoamericana como proceso**. Buenos Aires: Bibliotecas Universitarias, Centro editor de América Latina, 1985. Cap. 3, p. 78-84.

CASTRO - GOMÉZ, S. Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la “invención del otro”. In: **La colonialidad del saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

CESAIRE, A. Red Europea de Información y Documentación sobre América Latina, 2000. Disponivel em: <http://www.red-redial.net/iguanalista/wp-content/uploads/Aime-Cesaire-Cuaderno-de-un-retorno-al-pais-natal.pdf>. Acesso em: 23 julho 2014.

DE LA VEGA, I. G. **Comentarios Reales**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, v. I, 1977.

EVEN-ZOHAR, I. **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2011.

GARCÍA CANCLINI, N. **Latinoamericanos buscando lugar en este siglo**. Buenos Aires: Paidós, 2014.

GUTIÉRREZ GIRARDOT, R. Conciencia estética y voluntad de estilo. In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, Literatura e Cultura "Emancipação do Discurso". Campinas: Memorial, v. II, 1994. Cap. V.1, p. 285-306.

IRIARTE, H. Barrio Taller. **La ciudad y la memoria poética**, 2012. Disponivel em: <www.barriotaller.org.co/./ciudad_poetica.rtf>. Acesso em: 13 dezembro 2014.

KING, J. "Sur": Los primeros números. In: SOSNOWSKI, S. **Lectura crítica de la literatura americana:** La formación de las culturas nacionales. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, v. II, 1996. p. 649-659.

LAROCHE, M. Literatura militante en el siglo XIX. In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, Literatura e Cultura "Emancipação do discurso". Campinas: Memorial, 1994. p. 117-125.

LAROCHE, M. El Caribe francófono. In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, Literatura e Cultura "Vanguarda e modernidade". Campinas: Memorial, v. III, 1995. Cap. VI.1, p. 519-538.

LIENHARD, M. Los comienzos de la literatura "latinoamericana": monólogos y diálogos de conquistadores y conquistados. In: PIZARRO, A. **America Latina:** Palavra, Literatura e Cultura. “A Situação Colonial”. Campinas: Memorial, v. 1, 1993. Cap. 1, p. 588.

LONDRES, M. J. O caso brasileiro, Literatura popular. In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, Literatura e Cultura "Emancipação do Discurso". Campinas: Memorial, v. II, 1994. Cap. VI. 2, p. 405-426.

LÓPEZ-ALVES, F. **La formación del Estado y la democracia en América Latina 1830-1910**. Bogotá: Editorial Norma, 2003.

MEZILAS, G. ¿Qué es el indigenismo Haitiano? **Cuadernos Americanos**, México, v. 4, n. 126, p. 29-52, oct-dic 2008.

MIGNOLO, W. "Palabras pronunciadas con el corazón caliente": teorías del habla, del discurso y de la escritura. In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, literatura e Cultura "A situação Colonial". Campinas: Memorial, v. I, 1993. Cap. VI.21, p. 527-562.

MILIANI, D. Historiografía literaria latinoamericana. Mas allá del inventario y la anécdota. La historia posible. In: PIZARRO, A. **Hacia una historia de la literatura latinoamericana**. México: El Colegio de México, 1987. p. 101-119.

MONTEMAYOR, C. **Arte y plegaria en las lenguas indigenas de México**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

NIÑO BARBOSA, H. Poética indigena: Diáspora y retorno. **Cuadernos de Literatura**, Bogotá, v. IV, n. 7-8, p. 224, 1998.

NIÑO BARBOSA, H. **El etnotexto:** las voces del asombro. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2008.

ORTIZ, F. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. [S.l.]: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1987.

PERALES, J. **John King, Sur:** Estudio de la revista argentina. biblioteca ITAM, 1992. Disponivel em: <http://biblioteca.itam.mx/estudios/estudio/letras29/rese2/sec_1.html>. Acesso em: 09 jan. 2015.

PIZARRO, A. **Entrevista I.** [Sep. 2013]. Entrevistador: Elizabeth Suarique. Porto Alegre, 2013. 1 arquivo.mp3 (60 min.).

PIZARRO, A. **La literatura latinoamericana como proceso**. [S.l.]: Bibliotecas Universitarias, Centro Editor de América Latina, 1985.

PIZARRO, A. **Hacia una historia de la literatura latinoamericana**. México: Colegio de Mexico, 1987.

RAMA, Á. La ciudad letrada. In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, Literatura e Cultura "A Situação Colonial". Campinas: Memorial, v. I, 1993. Cap. VII. 22, p. 565-588.

RAMA, Á. **Literatura, cultura, sociedad en América Latina**. Montevideo: Ediciones Trilce, 2006.

RAMA, Á. **Transculturación narrativa en América Latina**. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

REY DE GUIDO, C. Fuentes y contexto de la literatura popular rioplatense en el periodo de la modernización (1880 - 1925). In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, Literatura e Cultura" Emancipação do Discurso". Campinas: Memorial, v. II, 1994. Cap. VI.1, p. 385-404.

ROCCA , P. **Ángel Rama, Emir Rodriguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 530. 2006.

ROCHA VIVAS, M. **El héroe de nuestra imagen:** Visión del héroe en las literaturas indígenas de América. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2004.

RODRÍGUEZ, E. J. Oralidad y poesía: el acriollamiento de la lengua inglesa en el Caribe. In: PIZARRO, A. **América Latina:** Palavra, Literatura e Cultura "Vanguarda e Modernidade". Campinas: Memorial, 1995. p. 539-559.

SUARIQUE GUTIÉRREZ, E. **Tradición y trabajo crítico**. Bogotá: [s.n.]. Septiembre 2009. p. 10.

SUARIQUE GUTIÉRREZ, E. **Poética de sabiduria. Tesis Profesional en Estudios Literarios**. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, p. 105. 2011.

SUARIQUE GUTIÉRREZ, E.; CHAIN, E. Chamán poeta: una valoración del poeta contemporáneo. **Fractales No. 3, (ene.-jun. 2008), p. 18-21**, Bogotá, n. 3, p. 18-21, ene-jun 2008.

TYNIANOV, J. Da evolução literária. In: EIKHENBAUM, B. et alii. **Teoria da literatura.** Formalistas russos. Porto Alegre: Globo, 1973.

UMÚSIN PANLÕN KUMU; TOLAMÃN KENHÍRI. **Antes o mundo não existia**. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1980.

VÁZQUEZ, J. A. El Campo de las Literaturas Indígenas Latinoamericanas. **http:** //dx.doi.org/10.5195/reviberoamer.1978.3322., April 2009. Disponivel em: <>. Acesso em: 8 Janeiro 2015.

ZAHAR, C. Gente que educa. **Nova escola**, 2007. Disponivel em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/roger-chartier-livros-resistirao-tecnologias-digitais-610077.shtml>. Acesso em: 21 dezembro 2014.